

Suênia de Lima Duarte
Ailton Siqueira de Sousa Fonseca
Elane da Silva Barbosa
Helder Cavalcante Câmara
Leônia Cavalcante Teixeira

(Organizadores)

Um dia demasiadamente humano:

Diante da esfinge: diálogos interdisciplinares sobre os afetos



Suênia de Lima Duarte
Ailton Siqueira de Sousa Fonseca
Elane da Silva Barbosa
Helder Cavalcante Câmara
Leônia Cavalcante Teixeira
(Organizadores)

Um dia demasiadamente humano: Diante da esfinge: diálogos interdisciplinares sobre os afetos

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Um dia demasiadamente humano: Diante da esfinge: diálogos interdisciplinares sobre os afetos [recurso eletrônico]. / Suênia de Lima Duarte, Ailton Siqueira de Sousa Fonseca, Elane da Silva Barbosa, Helder Cavalcante Câmara, Leônia Cavalcante Teixeira (orgs.). – Mossoró, RN: Edições UERN, 2025.

97 p.

ISBN: 978-85-7621-590-5 (E-book).

1. Emoções e sentimentos - Psicologia. 2. Afetos. 3. Diálogos interdisciplinares. I. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. II. Título.

UERN/BC

CDD 152.4

Bibliotecário: Aline Karoline da Silva Araújo CRB 15/ 783





Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Reitora

Cicília Raquel Maia Leite

Vice-Reitor

Francisco Dantas de Medeiros Neto

Diretor da Editora Universitária da Uern (Eduern)

Francisco Fabiano de Freitas Mendes

Chefe do Setor Executivo da Editora Universitária da Uern (Eduern)

Jacimária Fonseca de Medeiros

Chefe do Setor de Editoração da Editora Universitária da Uern (Eduern)

Lindercy Francisco Tomé de Souza Lins



Conselho Editorial das Edições UERN

Edmar Peixoto de Lima

Filipe da Silva Peixoto

Francisco Fabiano de Freitas Mendes

Isabela Pinheiro Cavalcanti Lima

Jacimária Fonseca de Medeiros

José Elesbão de Almeida

Lindercy Francisco Tomé de Souza Lins

Maria José Costa Fernandes

Maura Vanessa Silva Sobreira

Kalidia Felipe de Lima Costa

Regina Célia Pereira Marques

Rosa Maria Rodrigues Lopes

Saulo Gomes Batista

Capa: Composição de imagens produzidas por IA

Editoração: Prof. Helder Cavalcante Câmara

Campus Universitário Central

BR 110, Km 48, Rua Antônio Campos

Costa e Silva – 59.610-090 – Mossoró-RN

Telefone: (84) 3315-2181 – E-mail: edicoesuern@uern.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO	5
INTRODUÇÃO	7
ÉDIPO DIANTE DA ESFINGE: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES SOBRE AS EMOÇÕES HUMANAS	11
INTERFACES ENTRE ARTE, NEUROCIÊNCIA E MEDICINA: PISTAS PARA O CAOS DA COMPREENSÃO HUMANA.....	27
O MITO DA MEDUSA E AS ESFERAS INTERPRETATIVAS SOBRE O FEMININO NA VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA A MULHER	36
ENTRE PSICANÁLISE E POLÍTICA CIRCULAM AFETOS DEMASIADAMENTE HUMANOS	50
DESVELANDO O SEXISMO: RELAÇÕES AFETIVAS, AMBIENTES DE TRABALHO E CONTEXTOS ESCOLARES	60
A MEDICALIZAÇÃO DA ANGÚSTIA E SEUS EFEITOS DISCURSIVOS PARA A MOBILIZAÇÃO DO SUJEITO	74

PREFÁCIO

Prefaciando um livro só é possível a partir de um convite, o que é óbvio, mas também de uma captura, de uma interpelação diante de textos que se apresentam como enigmas a um sujeito que deles se distancia para melhor decifrá-los.

Em contato com a psicanalista Suênia Duarte, pude ter acesso à origem da escritura *Um dia demasiadamente humano: Diante da Esfinge: diálogos interdisciplinares sobre os afetos*, resultante do sétimo encontro, ocorrido em 2024, do que se denominou *Um dia Demasiadamente Humano*, no qual sujeitos de diversas áreas do conhecimento se encontraram e estabeleceram proveitosos diálogos.

Importante destacar que o evento acima mencionado apresenta um caráter itinerante, tendo percorrido cidades como Pau dos Ferros, Mossoró, Martins, Fortaleza e uma versão on-line. Acredito que tal fato não se dá por acaso, uma vez que idealizadores do evento, coordenadores de grupos de trabalho, participantes e convidados revelam, na produção textual dos 7 capítulos que integram esta obra, o traço do movimento, da necessidade de alargar fronteiras na busca do conhecimento, sempre parcial, da condição humana na contemporaneidade.

Penso que, a partir do título escolhido para esta publicação, podemos nos deleitar com alguns preciosos significantes. Começamos com a referência ao filósofo alemão Friedrich Nietzsche e ao livro *Humano, demasiado humano*, originalmente publicado em 1878 e que apresenta uma espantosa atualidade.

Sabe-se que a “filosofia do martelo” nietzschiana se utiliza ironicamente da expressão que dá título à obra do filósofo alemão para nos lembrar das fraquezas, autoenganos e limitações tão típicas da espécie humana, e que se tenta esconder atrás de ideias grandiosas e aparentemente inquestionáveis como religião, ciência, moral, arte, amor, verdade.

Percebe-se que os autores e as autoras de *Um dia demasiadamente humano*, com formações diversas e ao discorrerem sobre diferentes temas, confrontam-nos com o fato de que somos resultantes de práticas/pensamentos que se situam em contextos plurais e que inexistem moral universal, mas construções históricas demasiadamente humanas, como bem nos ensina Nietzsche. Tal fato, possibilita que se escape à “moral do rebanho” e que a palavra/escrita circule sem amarras temático-estilísticas, sempre em busca de diálogos, interações, aproximações.

Outro ponto que merece destaque refere-se ao caráter interdisciplinar desta publicação. Sabe-se que o domínio do interdisciplinar representa uma ruptura epistemológica e faz frente à percepção do real em compartimentos estanques. Abre-se mão de uma “esquizofrenia intelectual”, da fragmentação do conhecimento e se passa a explorar as fronteiras entre as disciplinas. Assim, identifica-se zonas intermediárias que suscitam um posicionamento ético diante de um saber marcado pela incompletude e que busca problematizar a necessidade humana de des-aprender que emerge de novas conceitualizações do mundo.

Sem tal posicionamento, não seria possível o instigante e respeitoso diálogo entre Psicanálise, Arte, Literatura, Política, Medicina, Neurociência, Sociologia, entre outros saberes convocados para integrar uma escrita que evidencia a convergência de conhecimentos parcelares.

Por fim, falemos da Esfinge, significante que se coloca no título do livro que aqui se discute. A mulher leão alada, oriunda das profundezas de Géia, ávida de sangue e de prazer erótico e popularizada na tragédia de Sófocles Édipo Rei, propõe enigmas aos humanos que se diante dela se encontram. Comanda, desta forma, os dados do jogo da morte, uma vez que pode lançar para o Hades aqueles/as que são incapazes de emitir resposta as suas indagações.

Felizmente, Édipo nos ensina que o monstro mitológico pode ser vencido pelo intelecto, pela coragem, pela sagacidade que envolve a paixão pelo conhecimento. Ouso afirmar que os autores e as autoras que produziram os capítulos desta obra são decifradores/as dos sentidos e enigmas que se presentificam nos temas eleitos para problematização.

Dentre os inúmeros méritos deste livro, elenca-se a leveza e precisão da linguagem, o rigor conceitual, a ousadia de abraçar aspectos que escapam ao campo dito científico. Percebe-se que o desejo, aqui entendido no sentido psicanalítico, ou seja, como aquilo que põe em movimento o aparelho psíquico, convocou e possibilitou a produção de uma trama textual que exhibe a marca do risco, da ousadia, da criação.

Diante do que foi exposto, resta-me convidar o/a leitor/a a adentrar nesta obra potente, vigorosa e se deixar interrogar por questões ligadas a instigantes temas que se presentificam na contemporaneidade.

Jerzúí Mendes Tomaz

Psicanalista e Professora Titular da Universidade Federal de Alagoas - UFAL

INTRODUÇÃO

Leônia Cavalcante Teixeira

Este livro delinea premissas teóricas e metodológicas que introduzem o leitor à complexidade do que constitui o humano sob a lente de um olhar interdisciplinar. Lançando mão de uma prosa envolvente, quem tiver o privilégio de lê-lo acompanhará, linha a linha, a escolha dos temas abordados e traçará os contornos da articulação entre afetos, eixo fundamental do livro.

As bases epistemológicas que estruturam a obra convocam referências das ciências humanas e sociais para sustentar a investigação acerca das dinâmicas afetivas e cognitivas no processo de constituição do sujeito. Enfatiza-se a necessidade de um olhar plural, que transite entre a psicanálise, a filosofia, a neurociência e os estudos culturais para compreender as complexas interações entre o "eu" e o "outro".

O mito da Esfinge, especialmente no contexto da tragédia de Édipo, revela muito mais do que apenas um desafio intelectual imposto por uma criatura mítica, pois que representa a busca incessante do humano pelo conhecimento e pela compreensão da realidade que o cerca. Na contemporaneidade, essa narrativa ganha novos contornos ao ser analisada sob uma perspectiva interdisciplinar, permitindo diálogos entre áreas como filosofia, psicanálise, literatura, antropologia e neurociências.

A Esfinge propõe um enigma que, em termos breves, questiona a própria existência humana: "Qual é o ser que caminha com quatro pernas pela manhã, duas ao meio-dia e três à noite?". A resposta de Édipo – "o homem" – revela a natureza transitória da vida e a inevitabilidade da transformação. Da mesma forma, o conhecimento humano nunca é estático, mas sim uma construção contínua que se modifica à medida que o inusitado, o repentino e o desconhecido surgem.

Na era contemporânea, essa perspectiva se reflete nas exigências de considerar, integrados ou não, diferentes campos do saber. A especialização extrema pode levar a uma visão fragmentada da realidade, enquanto a interdisciplinaridade possibilita uma compreensão complexa dos fenômenos. O desafio da Esfinge, assim, pode ser visto como uma metáfora para o processo educativo: o conhecimento não está apenas em respostas prontas, mas na formulação de novas perguntas que conduzem ao aprendizado contínuo.

Ao revisitar o mito da Esfinge, o desafio do conhecimento não está reduzido a decifrar enigmas, mas em construir interrogações que, tais como enigmas, saberes que dialoguem entre si, promovendo uma visão mais abrangente e reflexiva sobre a existência e o papel do ser humano no mundo em um contínuo de tecer dos saberes.

No enigma da Esfinge, a vida se curva, se estende, se reconstrói a cada passo. E hoje, quando o mundo se entrelaça em fios de ciência e arte, vemos na Esfinge o chamado para além das fronteiras onde, muito mais como margens que fazem litorais, a filosofia encontra a psicanálise, a literatura dança com a história, a neurociência conversa com os mitos.

Este livro nos provoca: não basta responder ao enigma, é preciso reinventá-lo, tecer perguntas que ainda não foram feitas, construir veredas, mesmo que precisemos nos perder em nós mesmos no encontro com a alteridade que nos habita e que possibilita o fluir do saber.

O Capítulo um é intitulado “Édipo diante da esfinge: diálogos interdisciplinares sobre as emoções humanas” e escrito por Ailton Siqueira de Sousa Fonseca. Neste ensaio erudito, o autor revisita o mito de Édipo como metáfora para os desafios contemporâneos da existência. O texto explora o entrelaçamento entre emoção, racionalidade e desejo, evocando contribuições da psicanálise para elucidar a dança dos afetos. O embate entre destino e livre-arbítrio é interpretado sob a ótica das interações humanas, em que o reconhecimento de si configura-se como motor da constituição psíquica.

Com o título “Interfaces entre arte, neurociência e medicina: pistas para o caos da compreensão humana”, Henrique Luís do Carmo e Sá, o segundo capítulo, tensiona as fronteiras entre as humanidades e as ciências naturais para revelar as múltiplas formas de apreensão do real. A neuroestética é convocada para discutir a experiência artística como um fenômeno que atravessa as redes neurais e dialoga com as sensibilidades culturais. Ao explorar as interseções entre a medicina e a criação artística, o autor questiona a noção cartesiana de mente e corpo separados, apontando para a complexidade do sujeito humano na sua expressão sensível.

“O mito da Medusa e as esferas interpretativas sobre o feminino na violência de gênero contra a mulher” de Suênia de Lima Duarte, Leônia Cavalcante Teixeira, Cleidiane da Silva Cruz, Fabíola Sousa Siqueira e Ana Claudia Coelho Brito discorrem acerca da construção simbólica do feminino e seus desdobramentos nas dinâmicas de

poder e violência de gênero. A figura da Medusa é analisada como arquétipo da mulher demonizada, cuja potência é interpretada como ameaça ao sistema patriarcal. As autoras mobilizam referenciais da psicanálise e dos estudos de gênero para examinar os discursos que perpetuam a objetificação do corpo feminino e sua submissão às lógicas do medo e da repressão.

Já no capítulo quatro, “Entre psicanálise e política circulam afetos demasiadamente humanos”, Juçara Rocha Soares Mapurunga, Bruno Teixeira Priante e Caio Citó Rodrigues, partindo da noção freudiana de pulsão e do conceito de afeto, propõem uma análise das interações entre política e subjetividade. Argumenta-se que os fenômenos sociais são atravessados por intensas dinâmicas afetivas que moldam o desejo coletivo e orientam a constituição das identidades. A partir de uma abordagem psicanalítica da cultura, o texto examina como os discursos políticos se valem da manipulação dos afetos para mobilizar adesões e rejeições, perpetuando estruturas de poder e resistência.

Em “Desvelando o sexismo: relações afetivas, ambientes de trabalho e contextos escolares”, redigido por Priscilla Brito Tavares, Letícia Leite Bessa, Garlana Lemos de Sousa, Kaline da Silva Lima e Luciana Maria Maia, a crítica feminista e os estudos interseccionais são convocados para problematizar as formas sutis e explícitas de sexismo que permeiam as relações cotidianas. As autoras discutem a reprodução das desigualdades de gênero nos espaços afetivos, institucionais e educacionais, com foco em como normas sociais cristalizadas operam na manutenção de privilégios masculinos. A interseccionalidade surge como ferramenta fundamental para compreender as múltiplas camadas de opressão que se sobrepõem, afetando subjetividades de maneira diferenciada.

No capítulo seis, “A medicalização da angústia e seus efeitos discursivos para a mobilização do sujeito”, propõe uma reflexão crítica sobre o fenômeno da medicalização do sofrimento psíquico e seus impactos na constituição subjetiva. A partir de uma leitura foucaultiana dos dispositivos disciplinares, Guilherme Araújo Cidade, João Pedro Almeida Bezerra, Iasminny Loiola Teixeira, Elisa Rodrigues Gontijo e Leonardo José Barreira Danziato questionam como o discurso biomédico estrutura modos de existência ao converter a angústia em sintoma passível de tratamento farmacológico. Ao invés de considerar o mal-estar como motor de transformação, a patologização dos afetos reduz a experiência humana a um objeto de controle, obscurecendo a complexidade dos processos de subjetivação.

Esse conjunto de ensaios oferece uma abordagem refinada e polifônica sobre as tensões que atravessam o humano, articulando prazer, sofrimento, aprendizagem e afetos de maneira rigorosa e sensível.

Fica o convite ao mergulho!

ÉDIPO DIANTE DA ESFINGE: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES SOBRE AS EMOÇÕES HUMANAS

Ailton Siqueira de Sousa Fonseca

Paul Connerton diz: “Todos os inícios contêm um elemento de recordação” (1999, p.7). E eu estou aqui recordando como tudo começou, a criação ou idealização desse evento, idealização de Suênia, Helder, Moisés e Elane que após cursar a disciplina *Educação e Literatura* no mestrado em Educação na UERN, disciplina que eu havia ministrado, resolveram criar outros momentos para que nós pudéssemos nos reencontrar face a face, um contato de presenças reencontradas pelo prazer e pelo desejo de aprender para além da formalidade acadêmica.

Nunca foi pretensão nossa transformar o *Dia Demasiadamente Humano* em um discurso estritamente científico como mais um evento cheio de ciência e pouca afetividade. O desejo fundante desse evento era, e continua sendo, nos reunirmos para falarmos prazerosamente das questões humanas, questões que a sala de aula não considera, para discutirmos assuntos que a academia não costuma discutir, tratar de abordagens que não fossem exclusivamente científicas.

Cântico Negro - José Régio¹

“Vem por aqui” — dizem-me alguns com os olhos doces
Estendendo-me os braços, e seguros
De que seria bom que eu os ouvisse
Quando me dizem: “vem por aqui!”
Eu olho-os com olhos lassos,
(Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)
E cruzo os braços,
E nunca vou por ali...
A minha glória é esta:
Criar desumanidades!
Não acompanhar ninguém.

Ide! Tendes estradas,
Tendes jardins, tendes canteiros,
Tendes pátria, tendes tetos,
E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...
Eu tenho a minha Loucura !
Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,
E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...

¹ In: Revista Prosa, Verso e Arte. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/cantico-negro-um-belissimo-poema-de-jose-regio-em-tres-tons/>

Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém!
 Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;
 Mas eu, que nunca princípio nem acabo,
 Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,
 Ninguém me peça definições!
 Ninguém me diga: “vem por aqui”!
 A minha vida é um vendaval que se soltou,
 É uma onda que se alevantou,
 É um átomo a mais que se animou...
 Não sei por onde vou,
 Não sei para onde vou
 Sei que não vou por aí.

Então, peço a vocês que não cobrem de mim certezas, conceitos, definições e comparações. Eu não vou por aí. Eu vou andar por territórios imaginários, mítico-poéticos. de mim um discurso lógico, racional. Sou movido pelo passional.

É assim que construí minha fala: sem desprezar a ciência e dialogando com ela, pretendo, como dizia o poeta Manoel de Barros, “voar fora da asa” (2013, p.13), para conseguir falar algo mais que o discurso disciplinar não consegue. Portanto, não esperem tanto ciência, porque falo mais de consciência. Não esperem muitas teorias, porque minha proposta dialoga mais com poesia e alegorias. Não esperem muita razão e sim emoção.

Uma das coisas mais pertinentes que venho aprendendo com os idealizadores desse evento é que o prazer da aprendizagem se torna mais e mais complexo ao lado da aprendizagem do prazer que temos nesses reencontros que já duram sete anos. É com muita satisfação que reconheço: hoje não sou eu quem ensina algo a eles, idealizadores/organizadores. Hoje sou eu quem aprende com eles. Durante esses sete anos de realização desse evento eu venho aprendendo muito com vocês.

Falar dessa temática é ir “definitivamente ao encontro de um mundo que está dentro de mim...”, como dizia Clarice Lispector. (1999, p.17).

O mito de Édipo, escrito por Sófocles, é uma tragédia grega. E há muitas versões e apropriações interpretativas desse mito. *Édipo diante da Esfinge* é uma história famosa da mitologia grega que envolve o herói Édipo e uma criatura mítica chamada Esfinge.

Aqui está um resumo do mito²:

O mito de Édipo se inicia com uma profecia para Laio e Jocasta, rei e rainha da cidade grega de Tebas. O oráculo de Delfos havia anunciado que o filho

² Há inúmeras versões desse mito disponível na internet.

deles seria o responsável por grandes tragédias, pois mataria seu pai, Laio, e depois desposaria a própria mãe, Jocasta.

Temerosos pelo que ouviram do oráculo, Laio e Jocasta decidiram livrar-se de Édipo, convocando um servo para dar fim à vida da criança. O servo se compadeceu e não a matou, deixando-a pendurada em uma árvore à própria sorte.

A criança foi encontrada por um camponês, levada para Corinto, e lá adotada por Pólipo e Mérope, rei e rainha da cidade. Édipo cresceu sem saber que não era filho legítimo dos reis de Corinto e sem saber da existência de seus verdadeiros pais.

Quando ele cresceu, consultou o Oráculo de Delfos para descobrir sua origem, e o oráculo lhe disse que ele estava destinado a matar o próprio pai e se casar com sua mãe.

Horrorizado com essa profecia e pensando que era filho de Pólipo e Delfos, Édipo decidiu deixar Corinto para evitar que o destino se cumprisse. Em sua jornada, ele chegou a Tebas, onde se deparou com a Esfinge, uma criatura mítica com corpo de leão, asas de águia e cabeça humana. A Esfinge estava aterrorizando a cidade ao propor um enigma aos viajantes que desejavam entrar na cidade. Ela mataria todos aqueles que não conseguiam resolvê-lo.

Édipo escolheu mudar-se para Tebas. Durante o caminho, Édipo e Laio se cruzaram, e um desentendimento surgiu porque Édipo foi agredido por Laio e seu servo para que desse passagem para o rei de Tebas. Édipo se enfureceu com a agressão e assassinou Laio e o servo dele, assim, matando o próprio pai. Édipo seguiu o seu caminho, e, quando chegou a Tebas, encontrou-a sendo atacada por um monstro: a esfinge. Esta é caracterizada, na cultura grega, como um ser demoníaco com o corpo de leão, asas e um rosto feminino. A esfinge interpelava todos os que chegavam a Tebas e lhes perguntava a resposta de um enigma

O enigma da Esfinge era o seguinte: "Qual é o ser que tem quatro patas de manhã, duas à tarde e três à noite?" Édipo, usando sua inteligência, respondeu corretamente que o ser em questão é o homem, que engatinha de quatro quando é bebê, anda com duas pernas quando é adulto e usa uma bengala na velhice.

A Esfinge, derrotada e desmascarada, atirou-se de um penhasco e morreu. Como recompensa por libertar a cidade do terror da Esfinge, Édipo foi nomeado rei de Tebas e casou-se com a rainha Jocasta, sem saber que ela era sua mãe, cumprindo assim a terrível profecia do Oráculo de Delfos.

Mais tarde, Édipo descobriu a verdade sobre sua identidade e o cumprimento da profecia, o que o levou a cegar a si mesmo e a viver uma vida de sofrimento. O mito de Édipo diante da Esfinge é uma história clássica que explora temas como destino, tragédia e a inevitabilidade do destino.

Interpretação possível:

O que vou tentar fazer aqui é um exercício de associação livre da narrativa cima para tentar compreender e analisar algumas questões presentes na mesma. Não se trata de uma leitura ou interpretação Psicanalítica, mas, antes, interdisciplinar, por dois motivos:

Primeiro: porque se trata de um saber mítico-poético complexo que envolve muitas disciplinas e saberes. Segundo: porque se trata de entender a condição humana afetiva,

uma tentativa de colocar o sujeito diante do seu próprio espelho, para compreendê-lo em sua complexidade. Esse é o desafio: compreender esse sujeito que produz todos os saberes, mas que não pode ser reduzido a um único conhecimento. Tudo que é humano, demasiado humano, é ambíguo, contraditório, complexo, indeterminado.

Essa será a marca do meu discurso: ambíguo, metafórico, complexo e indeterminado porque não trago verdades, nem persigo nenhuma. Busco sentidos. E como bem disse o filósofo Michel Serres “não tem sentido encontrar todos os sentidos” (1993, p.14). O sentido está na busca do sentido.

O que me diz o mito?

A nossa história não começa conosco. A nossa história começa com os outros. A nossa história - aquela que conhecemos de nós mesmos - só diz uma parte daquilo que somos. A outra parte pertence ao desconhecido que nos habita. Viemos de uma história que não conhecemos. Construimos nossa própria história e não temos consciência dela, nem de nós mesmos. Quando narramos nossa história estamos tentando nos reconciliar com nós mesmos e com os outros. Reorganizar nossas vidas, sobretudo, aquela “vida que levamos por dentro” como dizia Clarice (1999).

Somos filhos do desconhecido. Por isso, quando o sujeito se toma como objeto de conhecimento, quando se faz a pergunta “quem eu sou?” ele se sente – como dizia Clarice – “o mais ininteligível dos seres vivos” (1998b, p. 91). “Conhecer a si mesmo é conhecer-se como desconhecido. ‘Tenta conhecer a ti mesmo e descobrirás que nada sabes de ti’. Saber que não se sabe” (Sócrates *apud* Leloup, 2023, p.25).

O que sabemos sobre nós mesmos é infinitamente menor do que aquilo que não conhecemos. Como dizia Clarice Lispector, “para esse mundo incompreensível nós fomos criados e nós mesmos também incompreensíveis” (1999b, p.32). “Porque o ser humano é uma esfinge também e a Esfinge não sabe decifrá-lo. Nem decifrar a si mesma. No que nós nos decifrásemos, teríamos a chave da vida” (Lispector, 1999b, p.408). Portanto, é possível dizer que somos seres esfingéticos para os outros e para nós mesmos, porque somos mistérios. “Eu sou uma pergunta”, como dizia Clarice Lispector (1999b, p. 367). Uma resposta para o que somos não vem como uma revelação, vem como uma construção, como “uma verdade inventada” nos termos de Clarice Lispector (2020).

Como um Édipo, aventuramo-nos no mundo, queremos conquistar reinos, domar civilizações, sermos heróis na vida de alguém; queremos conquistar um grande

amor e nos realizarmos. Como um Édipo, estamos preparados para deciframos os enigmas que atravessam nosso caminho, mas não sabemos nos interpretar. Isto se deve, em grande parte, porque somos possuídos também por uma grande cegueira: a cegueira causada pelo próprio conhecimento, especificamente, uma cegueira proporcionada por nossa trajetória de formação.

Édipo enxergava tudo, mas não se via, não se escutava. Era cego para seu próprio desejo. Assim, o sucesso e as vitórias que ele conseguia no mundo social caminhavam lado a lado com a cegueira de si mesmo, a cegueira interior.

Édipo poderia até conhecer os enigmas da humanidade, mas não conhecia seu próprio enigma. Ele pensava, decifrava, mas não se pensava, era esfingético. Algo tão comum nas nossas ciências. Heidegger dizia: “a ciência não pensa”. Morin diz: “a ciência não se pensa”. Algo que levou Edgar Morin dizer que o conhecimento da humanidade não corresponde a um conhecimento de humanidade (2013). Talvez porque o ser humano tenha sido educado e preparado para conhecer a realidade, dominar teorias e fórmulas, se constituir como majestade em uma área do saber; fazer equações complexas, mas não foi igualmente preparado para pensar sobre si mesmo. Foi preparado para criticar, mas não faz autocrítica, foi preparado para analisar, mas não faz autoanálise.

O pensamento que tudo pensa, não se pensa. Os olhos que tudo podem ver não se enxergam. Não percebemos que aquilo que não sabemos de nós manda mais em nós do que somos capazes de pensar, de acreditar. Somos racionais, mas quem manda em nós é alguma coisa em nós que não tem nome. É aquilo que fica atrás, do que fica atrás do pensamento. E assim caminha a humanidade: anda na luz, mas se esconde em suas próprias sombras.

Interessante notar que o nome Édipo vem do grego que significa "pés inchados". Significa dizer que ele terá uma caminhada difícil. Inclusive, ele não seguiu o caminho dos outros. Ele seguiu outro caminho, o mais difícil: o seu. Ele poderia ter dito o mesmo que, certa vez, disse o escritor Mia Couto (2016, p. 119):

“andei sempre sobre meus pés,
e doeu-me às vezes viver”.

Édipo é aquele que faz seu caminho ao caminhar e, por isso, machuca seus próprios pés à medida que caminha na busca de realização dos seus próprios desejos inconscientes. Andar para si mesmo dói; é pisar em seus próprios calos. Andar sobre

seus próprios rastros é dolorido. Isso diz muito sobre a busca de realização – mesmo que inconsciente – de nossos desejos.

Os desejos são incompreensíveis. Quando se trata de desejos, devemos reconhecer que a busca por sua realização pode nos fazer felizes, mas podem também, paradoxalmente, nos machucar, nos frustrar. Seja qual for o caminho que queremos traçar, esse caminho exige muitas formas de caminhar. No caso de Édipo, ele pensava que seu caminho estava à frente. Mas enquanto mais à frente ele ia, mais se aproximava do seu passado, mais perto estava de realizar a profecia, de voltar aos braços da mãe que o abandonou. Esse é o desejo mais ancestral que todos nós carregamos: de voltarmos aos braços do nosso grande e primeiro amor.

Às vezes, assim acontece: a gente pensa que vai em frente sem perceber que estamos voltando ao passado; a gente se torna adulto, e não desconfia que quem manda no adulto que somos é a criança que um dia fomos; a gente pensa em realizar novas coisas e, no fundo, estamos realizando velhos desejos. Ou repetindo, somente.

Como Édipo e Ulisses (A odisseia), nos aventuramos no mundo, mas o nosso grande desejo é encontrar um porto seguro, é construir um lar, ter um amor que nos traga de volta para o berço afetivo. Assim como precisamos de uma palavra que nos acolha, que nos recolha, uma palavra que nos leve de volta para casa.

O mito de Édipo diante da Esfinge é, assim, a narrativa de um sujeito em busca de novas conquistas, mas que termina despertando uma outra consciência de si mesmo.

Uma nova consciência é adquirida quando revisitamos o desconhecido de nossa trajetória. Portanto, aquele que não sabe de si, de suas histórias, de suas experiências primeiras, pode tropeçar em seus próprios passos. Pode andar a vida inteira em cima dos seus próprios pés inchados. Aquilo que não sabemos de nós pode nos levar a cometer muitos equívocos na vida.

De certo modo, em alguma fase de nossas vidas, a gente se comporta como Édipo: queremos consultar oráculos, videntes, cartomantes, astrólogos para sabermos sobre nossas origens ou sobre nosso futuro. Carregamos em nós essa vontade de saber. Essa vontade de entender, ser entendido e se entender. Mas nunca iremos conhecer tudo que nos diz respeito, porque as respostas sempre nos levam a novas perguntas, infinitamente.

Poderia dizer que, à semelhança de Édipo, nosso destino é tão secreto e misterioso que nem mesmo nós sabemos qual é. Ou, nas palavras de Clarice, “Sou tão misteriosa que não me entendo” (Lispector, 1999b, 116)

Esfinge: a cara do desejo:

Diz o mito: “Édipo decidiu deixar Corinto para evitar que o destino se cumprisse... se deparou com a Esfinge, uma criatura mítica com corpo de leão, asas de águia e cabeça humana”. A Esfinge, essa enigmática criatura mítica, possui um “corpo de leão, asas de águia e cabeça humana”. A Esfinge era, no fundo, uma Quimera. Todas as partes são verdadeiras, mas o animal em si não existe. A criatura que é feita de restos, de pedaços.

Na Quimera reconhecemos cada parte dos animais, mas não reconhecemos a fera formada pelas partes. A sua totalidade. Algo semelhante acontece com o nosso desejo: reconhecemos algumas coisas dele, falamos algumas coisas sobre ele, mas não o compreendemos completamente. E isso diz muito dos conflitos internos vivenciados por muitos sujeitos. O desejo porta um não-dito, algo que não se reduz às palavras, mesmo que sejam as palavras os meios possíveis de se falar dele.

Morin diz que “o ser humano é o único ser que é possuído pelo que possui” (1995). Com o desejo é assim que acontece. Ele está em nós, mas não entendemos, não o controlamos. Ele é meu estranho mais familiar que existe em mim. É enigmático. Não conseguimos decifrá-lo totalmente. Portanto, o desejo é esfingético. Se não o entendemos ele nos domina e nos arrasta. Se o entendemos ele perde o encanto.

Volto a chamar a atenção para as partes constitutivas da Esfinge. Um ser feito de 3 seres. Duas de origem animal e uma de origem humana. Inclusive, a parte humana da Esfinge se restringe à cabeça. Uma forma alegórica de se referir ao pensamento, a razão, a consciência. O enigma em si é uma formulação extremamente racional e exige, igualmente, uma grande razão para decifrá-lo. Por que o desejo é esfingético? porque é feito de uma parte animal, de grande parte do que é incompreensível em nós. Ele é feroz, voraz. É “profanador”, no sentido que Agamben (2007) atribui a esse termo. Inspirado na poesia de José Régio eu diria: o desejo

“é um vendaval que se soltou,
É uma onda que se alevantou,
É um átomo a mais que se animou...”

O desejo pode nos cegar para nós mesmos, mas enxerga perfeitamente bem o objeto desejado. Como uma águia enxerga sua presa das alturas. Parece que Édipo não

se depara com a Esfinge, não foi um acaso. Enfrentá-la, encará-la, era a única maneira dele conseguir entrar na cidade e realizar seus desejos. O que me faz pensar que ninguém consegue se realizar fugindo de si mesmo. Em algum momento, somos, cada um de nós, obrigados a nos enfrentarmos cara a cara, porque ninguém consegue se evitar o tempo todo. Assim como na Esfinge, percebemos que quem manda em nós não é a nossa parte racional, consciente, nossa cabeça. Somos comandados pelo corpo, pelos desejos da carne, pelas pulsões mais profundas da nossa condição; somos guiados pelo indizível em nós. Por isso, como diz o poeta Paul Valery, “nunca pensamos que o que pensamos esconde de nós o que nós somos” (1997, p. 37). Nesse sentido, pensar pode ser uma das mais sofisticadas maneiras da gente se auto enganar. Por isso que, como nos diz Morin, devemos confiar constantemente em nossos pensamentos, mas constantemente desconfiarmos dele.

O mito de Édipo foi recontado em muitas versões e foi usada por Sigmund Freud para nomear o que ele chamou de *Complexo de Édipo*. O que nos diz que na base constitutiva da Psicanálise está o mito, a literatura e outros saberes. A psicanálise não está na base da própria psicanálise porque ela não se alimentou dela mesma para surgir.

O complexo de Édipo é um dos complexos mais complexos que existe. Refere-se a primeira fantasia erotizada da criança com relação a seus pais. É esse complexo que quebra o narcisismo primário do qual fala Freud, pois expõe o sujeito ao outro, às leis sociais, aos limites impostos pelo pai (ou a função de pai, a autoridade): aquele que diz “nem todos os seus desejos são possíveis de realização”, “o mundo não gira em torno de você”, “o mundo não é só você”.

O complexo de Édipo quebra esse narcisismo que diz “espelho, espelho meu, há alguém mais bonito do que eu?”, narcisismo quebrado pela introdução do outro em seu próprio espelho, causando uma reorganização subjetiva do sujeito, pois desse momento em diante ele não pode mais se considerar o centro do universo, “você não é tão especial assim”, “seu desejo não pode tudo”. Assim, o sujeito passa a ser comum, um ser ordinário (no sentido que Freud dar a esse termo). O sujeito se lança nas disputas com os outros pelos objetos desejados. Ou se lança na disputa pelos outros para ser desejado por eles. Esse parece ser um desejo fundamental, fundante da condição humana: o desejo de ser desejado pelo outro.

Há quem diga que Édipo não sofria do *Complexo de Édipo*. Mas se essa narrativa mítica expressa uma dimensão da formação psíquica do sujeito, é possível contrariar

essa afirmação. Penso que ele ao se sentir castrado diante da mãe se afasta dela para buscá-la em outras mulheres. Assim, Jocasta é a mulher que substitui aquela que cumpriu a função de mãe na vida de Édipo. E assim ele realiza seu desejo incestuoso sem saber que o realizara. O que nos diz que o homem sempre busca a mãe nas outras mulheres e que seu maior desejo é se casar com uma mulher materna e não com aquela “sexy”, “fatal”, a prostituta etc.

Interessante notar, aqui, que a palavra *complexo*, tanto na Psicanálise como na teoria moriniana significa a mesma coisa: um conjunto de elementos interligados, alto que foi tecido-junto, que religou diversos elementos.

Mais uma interpretação possível

Édipo nunca se preocupou com seus desejos, emoções, ou com seu mundo interior. Ele se interessava pelo mundo exterior, pelas relações mundanas. E isso é compreensível. Por mais difícil que seja, ainda é mais fácil voltar-se e dedicar-se às questões do mundo social do que às nossas questões existenciais e emocionais. Quanto mais ocupados estamos, quanto mais desafios temos que enfrentar, menos tempo temos para ficarmos próximos de nossos afetos e desejos.

No mundo moderno líquido não qual vivemos, encontramos facilmente pessoas que percebem o defeito de uma máquina, mas que são incapazes de sentir o pulsar de um coração emocionado; pessoas que entendem tudo de tecnologia, mas são pessoas incapazes de perceber que por trás de um sorriso pode haver um coração cheio de lágrimas.

Há uma grande dificuldade de as pessoas entenderem e de falarem sobre o que sentem. Pelo visto, é mais fácil chegarmos à Lua do que conhecermos os sentimentos de um coração. Os ganhadores do prêmio Nobel de Física do ano (2013), o belga François Englert e o britânico Peter Higgs ganharam o prêmio porque descobriram a famosa “partícula de Deus”. Ao receber o prêmio um deles declarou: “eu descobri a partícula de Deus e não entendo o que estou sentindo agora”.

Aqui está um grande paradoxo humano: esse cientista construiu uma teoria que vai mudar a história da ciência e, possivelmente, da humanidade, mas não conseguia entender o que estava sentindo naquele momento. Seu relato está muito próximo daquilo que dizia Alberto Caeiro³:

³ Poesia *Verdade*. Disponível em: <http://multipessoa.net/labirinto/alberto-caeiro/29>

“Assim como falham as palavras quando querem exprimir qualquer pensamento,
Assim falham os pensamentos quando querem exprimir qualquer realidade...”.

Sobretudo a realidade psíquica, subjetiva, emocional. O que aconteceu com esse cientista, acontece cotidianamente com todos nós. Não sabemos nos explicar emocionalmente. Agimos sem compreendermos nossos próprios desejos e sentimentos. Ou em uma palavra, nossos afetos. Assim iremos olhar para o mundo, mas não nos veremos nele. Há em nós sempre uma dimensão indecifrável, enigmática, uma dimensão de silêncio que devora nossa língua. Uma dimensão maior do que qualquer palavra e que palavra nenhuma pode traduzi-la completamente.

Hoje as ciências humanas já admitem que a explicação não explica tudo: há o inexplicável. O saber não sabe tudo: há o desconhecido. Somos feitos de palavras, de narrativas, de som. Assim como, igualmente, somos feitos de silêncios, ignorâncias e mistérios. Aqui, mais uma vez, dialogando com o mito de Édipo diante da esfinge é possível dizer que o reduto do não-dito é as emoções humanas.

Esse não-dito jamais pode ser dito. Ou nas palavras de Olievenstein, “o não-dito deixa de sê-lo quando é expresso” (Olievenstein, 1989, p.17). Dizer o indizível é impossível. “Dizer o não-dito é encontrar a própria palavra para a palavra, o discurso audível no lugar daquele que se deve calar” (Olievenstein, 1989, p.6).

É sabido que toda sociedade, toda a cultura, toda a civilização, guarda uma dimensão do não-dito em suas manifestações sociais e pessoais. Não se trata somente de algo proibido, que não deve ser dito, mas de algo que não sabe se dizer. Sabemos que há um saber que não se sabe dizer.

Esse não-dito é castrado em sua origem, embelezado nas artes, mitos e cerimônias e se manifesta nas narrativas fabulosas e fantásticas de um povo ou de um tempo. Como no mito, nos contos de fadas, nas festas populares e na literatura, “o não-dito é o lugar-dito do desejo e do medo, ou do medo do desejo, ou ainda do desejo do medo. Mas é também um lugar-dito político, onde a pessoa exprime a si mesma: o apetite, o amor, a aversão, o ódio, a alegria e sobretudo o rancor” (Olievenstein, 1989, p.16). “o que se torna proibido nos tempos modernos não é o não-dito, mas o gozá-lo” (Olievenstein, 1989, p.14). E do não-dito é só isso que podemos dizer. A gente diz que nem tudo pode ser dito.

É por causa disso e para falar disso que a arte foi criada. É na linguagem das artes que o não-dizer se diz. Não das línguas. Ele se diz mais sem palavras, em tudo

aquilo que não precisa de palavras para se dizer. E mais: “alguma coisa do não-dito se exprime pelo rito e pelo estilo, pelo ritual, pela performance” (Olievenstein, 1989, p.8), porque não dizer: pelo corpo, pela pintura, pela dança, pela escrita, pelas imagens, ou *artes*.

É no corpo e nas artes que o não-dito arranja um jeito de se expressar, sem se confessar. É com ele que se faz grandes obras que, por sua vez, se comunicam com toda a humanidade. Por isso que

O horrível em Bosch, o bestiário terrível das igrejas romanas de Saintonge, as esculturas andróginas dos templos sul-indianos, as atuais fotografias de nus são portanto testemunhos dessa função da arte, dessa vocação de dizer o não-dito para tornar mais leve a carga ou exprimir sua legitimidade (Olievenstein, 1989, p.8).

Querer expressar complementemente o que não é completamente exprimível é impossível. Ou seja: O não-dito é, por natureza, de cunho emocional. E repito: Só possui linguagem, não língua. A arte é a linguagem sem língua. É não verbal. Portanto, o não-dito é o substrato da linguagem. A língua é o dizer, o se fazer verbo, tentativa de dizer o não-dito.

A linguagem é constituída do indizível. A língua é aquilo que se pode dizer, ser dito. A linguagem das emoções não possui língua suficiente para atingi-la, traduzi-la. Foi por isso que Clarice disse: É “o amor, que é o maior dos mistérios” (1999b, p. 308).

Talvez seja por isso que o escritor moçambicano Mia Couto tenha dito “o coração não tem gramática” (Couto, 2011). Também não tem fórmulas químicas, nem permite equações matemáticas. Ele possui linguagem própria, meios de expressões diversas, uma lógica ilógica para a nossa razão, pela nossa moral. Apesar de serem extremamente importantes, conceitos e teorias podem nos ajudar a entender o mundo, mas não tem tanta precisão para nos fazer entender as nossas emoções.

O conceito de amor jamais dirá tudo que o amor é capaz. Ou diz tudo sobre um coração que ama apaixonadamente. O amor é uma parte de nós que sente e vive sem precisar, necessariamente, pensar. E quando pensa, geralmente, se espanta. “Se meu coração pudesse pensar, ele pararia”, dizia Fernando Pessoa. O que sentimos parece ser maior do que nós pensamos. Nesse não-dito, o mais importante não é a causalidade e sim a intensidade, seu clima, clímax. Há certas “abordagens que poderiam explicar o fenômeno, mas não saberiam dar conta de sua eficácia” (Olievenstein, 1989, p.8).

O não-dito instaura, então, no ser humano seu duplo: o consciente e o inconsciente, o lógico e o ilógico, o dizível e o indizível. Assim, o homem se percebe

múltiplo. Há uma dialogia e ambivalência entre o dito e o não-dito, entre conhecimento e mistério. Assim como há entre razão e emoção.

Só temos a razão para conhecer as emoções, mas ela é sempre insuficiente, parcial, circunstancial. Devemos assim, confiar na razão e sempre desconfiar dela, porque aquilo que me faz conhecer não consegue conhecer tudo. A vida humana é atravessada por limites.

Édipo chega diante de uma Esfinge que porta um grande enigma. Mas ele mesmo carrega um grande enigma que até então, na idade em que estava, ainda não tinha revelado a si mesmo. Ele não sabia que, o que sabia de si, escondia quem ele era. O que ele sabia dele até então era, ao mesmo tempo, verdade e mentira. Verdade porque quem cumpriu a função de pais fora os que ele conheceu, quem o criou. Era mentira, porque os pais verdadeiros haviam o abandonado. E assim ele nos ensina outra lição: nunca sabemos se o que sabemos de nós diz, de fato, quem nós somos. Talvez a nossa grandeza esteja no desconhecido que nos constitui como pensava Clarice Lispector:

Mas tenho a meu favor tudo o que não sei (...). Tudo o que não sei é a minha parte maior e melhor: é a minha largueza. É com ela que eu compreenderia tudo. Tudo o que não sei é que constitui a minha verdade (1999b, p. 415).

Talvez a nossa razão não seja puramente racional. Como demonstram alguns estudos, a razão parece ser movida por aquilo que ela mesma se opõe ou desconhece: as emoções. Nenhuma razão é razão pura. Nenhum conhecimento é totalmente racional, despido do emocional.

Édipo que soube decifrar o enigma dos outros, não sabia que o enigma maior era ele que carregava. Ele usou a palavra para decifrar a Esfinge, decifrou para não ser devorado. Ele não desconfiava que dentro dele mesmo residia outra esfinge que dizia o oposto daquele que ele encontrou na entrada da cidade. Sua esfinge dizia: *Decifra-me e te devoro*. E assim aconteceu. Não se decifrar era o único meio de viver feliz com seu amor, sem saber que sua amada era, de fato, a sua mãe. Isso nos diz outra lição: Aquilo que ele não sabia de si terminou sendo sua própria ruína. Ou seja; se conhecer, conhecer seu passado, saber quem ele é o levou a uma morte existencial, subjetiva.

O que nos faz pensar que nem todos nós estamos dispostos a pagar o preço de sabermos a verdade sobre quem somos. Em muitos casos, a verdade causa infelicidade, desencanto, acaba relações e desfazem paixões, porque o amor, ao contrário do que

pensamos, vive de fantasias, ilusões, desejos não realizados, de palavras não-ditas: gestos, insinuações, movimentos, sensibilidades, silêncios.

Mistérios e segredos podem ser, inclusive, os alimentos perfeitos para relações, amores e paixões. Aprendemos isso lendo um dos contos de Oscar Wilde chamado *A esfinge sem segredo*. Diz o conto:

Tudo começa numa tarde, quando dois amigos se reencontram após quase dez anos afastados um do outro. Um deles estava com aspecto ansioso e perplexo e parecia estar em dúvidas com algo. Isso fez o amigo perguntar o que estava acontecendo com ele.

“Não compreendo suficientemente bem as mulheres”.

“não sou capaz de amar alguém em que não confio”.

Respondeu o rapaz. E lhe mostrou uma foto da mulher por quem estava apaixonado.

E contou a seguinte história:

Uma tarde, aí pelas cinco horas, descia eu pela Rua Bond, em Paris. Perto do passeio estava parado um carrinho fechado, amarelo. Ao passar ao seu lado, vi surgir dele, a olhar para fora, o rosto que lhe mostrei ainda há pouco. Fascinou-me imediatamente. Fiquei a noite inteira a pensar nele e o dia seguinte também. Subi e descí várias vezes por entre aquela maldita confusão, lançando um olhar perscrutador para dentro de todo carro, à espera do carro fechado amarelo.

Cerca de uma semana depois, estava a jantar com Madame de Rastail. O jantar estava marcado para as oito horas, mas às oito e meia ainda nos achávamos à espera na sala de visitas. Por fim o criado abriu a porta e anunciou Lady Alroy. Era a mulher que eu estivera a procurar. Entrou muito devagar, parecendo um raio de lua cercado de renda cinzenta, e, para intenso deleite meu, pediram-me que a conduzisse à sala de jantar.

Ela falava pouquíssimo, sempre com a mesma voz baixa e musical, parecendo receosa de que alguém a estivesse escutando. Senti-me apaixonadamente, estupidamente enamorado e a indefinível atmosfera de mistério que a cercava excitava, a mais não poder, a minha curiosidade.

Tudo quanto pude saber é que era uma viúva, morando numa bela casa em Park Lane.

Durante toda a temporada via-a muitas vezes e a atmosfera de mistério sempre se manteve em torno dela.

Estava apaixonado por ela, apesar do mistério, ou talvez por causa dele. Certo dia segui Lady Alroy a uma casa. A mesma que ela sempre ia e se trancava num quarto. O que me fazia perguntar: ‘foi lá encontrar alguém?’ ‘Esse é seu mistério?’ Brigamos. Fui embora.

Um mês depois voltei. Descobri que Lady Alroy havia morrido. E eu morria de tantas dúvidas sobre os mistérios dela.

Resolvi alugar um quarto no mesmo lugar. Foi quando perguntei a mulher que trabalhava no local sobre Lady Alroy.

«Encontrava-se com alguém aqui?» Mas a mulher garantiu-me que tal não ocorria, que ela sempre vinha sozinha e não via ninguém.

«Ficava simplesmente sentada na sala, lendo livros e às vezes tomava chá» - respondeu a mulher.

Ela era uma mulher que tinha paixão pelo segredo, mas não passava de uma simples esfinge sem segredo.

E assim, a paixão se desfez, com essa revelação. (Wilde, 1994, p. 119-124).

Esse conto nos traz outros elementos sobre os efeitos do não-dito, do mistério e dos enigmas em nossas vidas afetivas. A verdade pode ser muito útil e importante para a ciência, a justiça, para a vida. Mas quando se trata de desejos e amor, a verdade pode ser destrutiva.

Foi isso que aconteceu com a Esfinge: Quando foi decifrada ela se jogou no precipício. Foi isso que aconteceu com Édipo: Quando decifrou seu próprio enigma, não suportou a verdade de si. Cegou seus próprios olhos. Talvez porque para ele, o mundo de fora, o mundo das relações societárias lhe atraiu, lhe traiu e o fez se trair. Ele, a partir de então, preferiu não ver para não mais desejar.

O fracasso de Édipo marcou o sucesso da profecia. O mesmo aconteceu com o personagem do conto acima: quando descobre que sua amada não escondia nenhum segredo, que não tinha nenhum mistério, sua paixão se desfez. Morreu diante da revelação. O mesmo aconteceu com grandes histórias de amor: não suportam certas verdades (traição, a mentira, por exemplo). Ao que parece, não estamos tão preparados assim para encarar a verdade. A Esfinge mostra isso. Édipo mostra isso. E nós sabemos disso.

Portanto, podemos agora questionar a postura tão comumente assumida em nosso cotidiano: a postura que diz: “eu gosto da verdade”, “eu prefiro a verdade, por mais dolorida ela seja”. Contrariando a lógica cartesiana, podemos dizer que pedir a verdade, se dizer verdadeiro, parece ser uma grande ilusão. A coisa mais verdadeira que temos em nossas vidas é a ilusão, a fantasia. Ou como disse Ernesto Sabato, “Se há qualquer coisa de veraz na existência do homem, é o sonho” (Sabato, 1991, p.85).

É que para viver, nós nos tornamos os grandes ilusionistas de nossas próprias vidas. Nós inventamos verdades, sobretudo aquelas verdades que para nós são convenientes. Como nos lembra Clarice Lispector, nós não estamos preparados para as grandes verdades. Nós só suportamos aquelas verdades menores (1996b, 386).

Tudo isso nos ensina que “O caminho até nós mesmos é um caminho longo e sinuoso que passa por seres e universos fugidios” (Sabato, 1991, p.14). Caminhamos em direção ao desconhecido. Na vida e na ciência. Pesquisamos o desconhecido. Nos atraímos pelo desconhecido. Mas dele nunca descobrimos tudo, dele nunca iremos dizer tudo.

E agora, o que dizer?

Nossa vontade ancestral ou constitutiva de saber sempre nos coloca em busca do desconhecido do mundo e de nós mesmos. Com Édipo aprendemos algo elementar: ninguém pode fugir de seus próprios desejos. Do nosso desejo a gente não escapa ileso. Ninguém foge de si a vida inteira. Tudo aquilo que desconhecemos em nós, mais cedo ou mais tarde, vai se realizar em nós, querendo ou não. Afinal, “o que tem que ser tem muita força” (Lispector, 1998, 78). No mito, esse é o nome do destino: aquilo que acontece para além do que pensamos, queremos ou imaginamos. O ser humano é esse ser que surpreende a todos e a si mesmo. E a coisa “mais surpreendente é que, mesmo depois de saber de tudo de si, o seu mistério continuou intacto” (Lispector, 1999b, p. 114).

O homem é esse ser que nunca é, mas que estar-sendo. Ser-sendo. “O ser humano é esse ser que começa quando se entrega ao exercício do sonho, do desejo e da esperança, quando se consagra à beleza e se oferece como montaria ao amor” (Kelen, 2000, p. 195-6).

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Tradução: Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignorâncias**. São Paulo: LeYa, 2013.

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades se recordam**. Tradução: Maria Manuela Rocha. Portugal: Oeiras, 1999.

COUTO, Mia. **Poemas escolhidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano? (ensaios)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LELOUP, Jean-Yves. **A elegância do Self**: pequeno tratado sobre a nobreza. Tradução: João Batista Kreuch. Rio de Janeiro: Vozes, 2023.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**: pulsações (*romance*). Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999b.

LISPECTOR, Clarice. **A maçã no escuro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **A felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b)

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

KELEN, Jacqueline. Prometeu libertado pelo amor (entrevista). In. RANDON, Michel. **O pensamento transdisciplinar e o real**. Tradução: Lucia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM, 2000, p. 187-196.

MORIN, Edgar. **A via**: para o futuro da humanidade. Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MORIN, Edgar. **Os meus demónios**. Tradução: Fernando Martinho. Lisboa: Publicações Europa-América, 1995.

OLIEVENSTEIN, Claude. **O não-dito das emoções**. Tradução: Angela Melim. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

WILDE, Oscar. **Contos**. Tradução: Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

SABATO, Ernesto. **Meus fantasmas**: entrevistas com Carlos Catania. Tradução: Salvyabo Cavalcanti de Paiva. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1991.

SERRES, Michel. **Filosofia mestiça**: Le tiers-instruit. Tradução: Maria Ignês Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

VALÉRY, Paul. **Monsieur teste**. Tradução: Cristina Murachco. São Paulo: Ática, 1997.

INTERFACES ENTRE ARTE, NEUROCIÊNCIA E MEDICINA: PISTAS PARA O CAOS DA COMPREENSÃO HUMANA

Henrique Luis do Carmo e Sá



Figura 1. *Les Femmes d'Alger*, Pablo Picasso, 1911-12, óleo sobre tela, 244 x 234 cm; Museum of Modern Art, Nova Iorque. Imagem sob domínio público.

Les Femmes d'Alger (“As Damas de Avignon”) é um quadro do pintor espanhol Pablo Picasso feito em 1911-12. que é considerado um marco na história da arte ao estabelecer a base para o cubismo e a pintura abstrata. A obra, que levou nove meses para ser concluída, marcou o início dos experimentos com a linguagem cubista e foi mal compreendida por seus contemporâneos, que não aceitaram seu estilo inovador de representação de corpos e fundos transformados em formas geométricas. Inicialmente intitulado *Bordel Filosófico*, *Les Femmes d'Alger* continua a ser uma obra de referência na arte moderna e uma demonstração do poder da inovação e da experimentação na criação artística. Acerca desta incompreensão inicial, e descrevendo o contexto em que o quadro foi pintado, Picasso relatou, em 1910:

Quando fui ao antigo Trocadero, foi nojento. O mercado de pulgas. O cheiro. Eu estava sozinho. Eu queria ir embora. Mas eu não fui embora. Eu fiquei. Eu fiquei. Entendi que era muito importante: estava acontecendo alguma coisa comigo, né? As máscaras não eram como quaisquer outras peças de escultura. De jeito nenhum. Eles eram coisas mágicas. . . . Aqueles eram primitivos, não coisas mágicas. . . . Eles eram contra tudo – contra espíritos desconhecidos e ameaçadores. Sempre olhei para fetiches. Eu entendi; Eu também sou contra tudo. Eu também acredito que tudo é desconhecido, que tudo é inimigo! Tudo! Não os detalhes – mulheres, crianças, bebês, tabaco, brincadeiras – mas o todo. . . . Mas todos os fetiches eram usados para a mesma coisa. Eles eram armas. Para ajudar as pessoas a evitarem ficar novamente sob a influência de espíritos, para ajudá-las a se tornarem independentes. Eles são ferramentas. Se dermos uma forma aos espíritos, nos tornaremos independentes. Os espíritos, o inconsciente (as pessoas ainda não falavam muito sobre isso), a emoção – são todos a mesma coisa. Eu entendi porque eu era pintor. Sozinho naquele Museu horrível, com máscaras, bonecos feitos por peles vermelhas, manequins empoeirados. **Les Demoiselles d'Avignon** deve ter vindo até mim naquele mesmo dia, mas não por causa das formas; porque foi minha primeira pintura de exorcismo - sim, com certeza! (Pablo Picasso, citado por Leighton, 2013, tradução do autor).

Ser é caótico. O que fazemos em todas as áreas da vida, bem como em tantas áreas profissionais – da física à pintura, da química à escultura, da neurobiologia à psicanálise – é procurar significado para dar sentido a esse caos e encontrar símbolos e metáforas para ajudar a resolver o problema, em nossa intenção em articular sentido. Da termodinâmica à neurociência, metáforas, símbolos e fórmulas servem como ferramentas poderosas para a compreensão, pois o significado é ontologicamente estabilizador e a homeostase constitui o nosso objetivo biológico final. É para esse fim, de fato, que nós, como espécie, conceituamos e narramos o caos do ser, a experiência de ser eu. Ao procurarmos a certeza, ao lutarmos contra a sua antítese, representamos e, assim, ordenamos o que de outra forma poderia ter repercussões nefastas, como a ansiedade e o pavor. No ateliê do artista, assim como no consultório do analista e no laboratório do cientista, damos forma e coesão às fronteiras experienciais do eu/não eu. Mas onde a arte, e também a psicanálise, diferem de outras formas de pensamento criativo (e a ciência não é senão criativa) é permitir que a ambiguidade venha à tona e encontrar o valor nela. Pois a arte, tal como a psicanálise, permite-nos olhar o mundo com mais liberdade, ou seja, sem medo da incerteza, e interagir com ele de novas maneiras (Nasio, 2017).

Na verdade, como Picasso deixa bem claro na citação anterior, o processo artístico é notável pela sua capacidade de eternizar a tensão entre a ordem e o caos. Criar arte já envolve o indivíduo numa luta impressionante: encontrar o meio, os materiais, as formas e as cores certas constituem uma série complexa de atos. E os

artistas não só dão forma aos seus “espíritos” – os seus demónios ameaçadores – através da manipulação do meio, como também há a partilha dessa forma que por si só cria novas tensões: tensões entre a intencionalidade do artista e do espectador, que é digamos, entre o mundo tal como um indivíduo o “conhece” e a sua reconstituição por outro de acordo com o que é percebido como residindo na obra de arte (Jung, 2011). Por mais comum que seja a ideia de que o espectador participa do processo criativo e cria sentido ao ressoar com a expressão do artista, não consideramos por enquanto nem a necessidade de compartilhar nem as necessidades daqueles que testemunham, mas o convite do artista, Picasso ou qualquer outro, para si mesmo: o convite para descobrir novas possibilidades, para dar forma aos seus significados privados, demoníacos ou não. A questão, como **Joel Whitebook** (2004) escreveu sublinhando o pensamento de Hans Loewald, é “não idealizar a vida instintiva-inconsciente – celebrar o ‘demoníaco’ e ignorar o seu lado negro”. Pelo contrário, é reconhecer, trabalhar e brincar com material que “deve ser simbolizado, sublimado e integrado em ‘novas organizações sintéticas’ da psique”, organizações “nas quais os ‘elos vitais’ entre ‘os mais baixos’ e o que há de mais elevado na natureza humana é preservado.”

Um neurocirurgião britânico chamado Henry Marsh foi entrevistado pelo romancista norueguês Karl Ove Knausgaard, que relata esse episódio em um ensaio na *Piauí*, em 2016 com título “Viagem ao fundo da mente: O que acontece durante uma neurocirurgia” (Knausgård, 2016). Knausgaard foi à Albânia motivado pela leitura do livro *Do No Harm* (“Não Faça Mal ou Não Provoque Danos”), que o médico havia escrito. Segundo o escritor, um dos trechos que chamou a sua atenção foi “O que eu faço mantém o lobo longe da porta”. Fascinado não apenas pelo mais complexo dos órgãos, mas também pelo motivo pelo qual alguém iria querer usar faca, furadeira e serra, Knausgaard investigou o significado para Marsh de manter “o lobo longe da porta” e procurou a motivação por trás do seu trabalho como neurocirurgião e como ele entendia ocorrer esse processo. Segundo Knausgaard (2016), a partir de Marsh,

Usamos sistemas para manter o lobo longe da porta... E os sistemas nada mais são do que vastos complexos de noções e conceitos. Tudo o que nos ajuda a perder de vista as partes mesquinhas, patéticas e sem sentido de nós mesmos. Esse é o lobo. O lobo, ele passou a compreender, é “a parte estranha, distorcida ou estúpida da alma, o rancor e a inveja, a desesperança e a escuridão, a alegria infantil e o desejo incontrolável”. Em outras palavras, aquele adversário canino de longa data dos humanos representava metaforicamente, para Marsh, “a parte da natureza humana para a qual os sistemas não têm espaço, o aspecto da realidade que nossas ideias, o firmamento que o cérebro eleva acima de nossas vidas, não consigo entender. O lobo é a verdade.

Mas por que a necessidade de mantê-lo sob controle? Quanto mais ele pensava sobre isso, parecia a Knausgaard que ser neurocirurgião permitia a Marsh uma sensação de controle, controle sobre a pequenez de alguns de nossos sentimentos mais “humanos”, respostas afetivas, comportamentos e controle sobre a própria vida e a morte. Ser cirurgião deu sentido à sua vida, extraiu esse significado de dentro dele e colocou-o em um sistema: realizar a neurocirurgia “mantinha o lobo longe da porta”.

No entanto, ser cirurgião também revelou como tudo isso é sem sentido: “Os tumores crescem aleatoriamente, as pessoas morrem aleatoriamente, todos os dias, em todos os lugares”, escreveu Knausgaard. E o que tornava Marsh superior a tantos, o escritor veio a compreender, era precisamente que, embora fosse possível esconder-se da falta de sentido (mantendo-a “da vista por trás dos números, por trás das estatísticas, por trás das cortinas de plástico” que deixam o paciente sem rosto), Marsh optou por não fazê-lo. Em vez disso, ele “usou a sua visão para lutar contra tudo o que o ocultava, a institucionalização dos hospitais, a desumanização dos pacientes, todos os rituais estabelecidos pela profissão médica para criar distância e transformar o corpo em algo abstrato, geral, um parte de um sistema.” Marsh, ao que parece, manteve o lobo na porta enquanto simultaneamente o convidava a entrar. Knausgaard termina o relato de seu tempo com Marsh – seu acesso privilegiado ao homem que ocorreu tanto fora quanto dentro da sala de cirurgia, seu acesso privilegiado ao que lhe parecia ser outra sala na qual ele havia espiado, mas que, em vez disso, era o cérebro humano – como segue: “Marsh operou uma criança de apenas alguns meses de idade, e a operação correu mal; a criança morreu na mesa de operação. Marsh foi ver os pais pessoalmente. Ele disse a eles que havia cometido um erro e que seu filho havia morrido.” E então: “Ele chorou com eles”. Essa era a verdade. E Knausgaard (2016) conclui,

Começou a escurecer ao meu redor. Um homem veio empurrando um carrinho entre as mesas. Um menino estava sentado nela; ele devia ter um ano e meio e, quando o pai se sentou à mesa, o menino estendeu as mãos para ele. O pai afrouxou as correias, levantou-o e colocou-o no colo. Ele brincou com ele por um tempo e o menino riu. Essa também era a verdade.

O que a metáfora do lobo ilustra claramente é a necessidade inata a cada ser humano de dar forma ao sentimento, de moldar simbolicamente o que é ser humano. A experiência humana é devastadora: crianças morrem de tumores cerebrais. A experiência humana é repleta de alegria: as crianças sentam-se no nosso colo e riem. O

significado, entretanto, não é inerente à experiência, por mais que pareça ser. Assim, criamos e refazemos significado dependendo de como contextualizamos uma determinada experiência em um determinado momento e, também, do tipo de construção de significado ao qual (em virtude da consolidação e reconsolidação da memória, para citar apenas uma que constitui). É aí que reside o enigma que enfrentamos: Será que nos escondemos da incerteza e do caos da falta de sentido formulando, sistematizando, desumanizando de todas as maneiras que podemos? Ou encontramos maneiras de torná-lo tolerável e até valioso? Albert Camus, no final de um dos seus ensaios mais conhecidos (Camus, 2019), deixa Sísifo ao pé desta montanha existencial onde, uma e outra vez, o fardo do não-sentido, da vaidade, regressa. “Sempre reencontramos o fardo”, diz Camus. No entanto, Sísifo “conclui que tudo está bem”, que a luta em direção ao topo da “montanha cheia de noite” cujas alturas ele escalará indefinidamente “é suficiente para encher o coração de um homem”. Com efeito, “É preciso imaginar Sísifo feliz”, são as palavras com que Camus encerra o seu ensaio.

Ciência e arte têm buscado, a seu modo, explorar a necessidade de compreender, apesar da futilidade desse esforço – e da gratificação que ele traz. E pretendemos investigar como essa necessidade, fisiológica e de desenvolvimento, se perde para outra ao longo do tempo: a necessidade de definir com certeza a ambiguidade do símbolo e da metáfora.

É ao confrontar o impulso para reduzir a ambiguidade – ao confrontar a valorização da fixidez em detrimento da incerteza – que vemos como a arte alarga os parâmetros da experiência humana. Manter o lobo afastado, em outras palavras, pode ser acompanhado de interação com ele, de brincadeira com ele, tal como encontramos em grande parte da arte visual contemporânea.

A forma como concebemos a ambiguidade tem tudo a ver com a inclinação natural de encontrar a ordem transcendendo a desordem à qual também estamos inclinados. E tem tudo a ver com a inclinação natural para transcender essa ordem, que situa a nossa existência no limite de uma tensão entre ordem e desordem, ordem e caos, e define quem somos como espécie. A ambiguidade, numa palavra, relaciona-se com a homeostase, a relativa estabilidade dos processos fisiológicos cuja interdependência nos mantém vivos, mas não apenas com a ideia clássica de homeostase como “uma forma inconsciente de controlo fisiológico”. quando a energia está baixa e o faz sem deliberação consciente. No entanto, como Hanna e Antonio

Damasio demonstraram, a noção de homeostase também explica uma realidade mais complexa, que diz respeito aos humanos em particular e possivelmente a todos os vertebrados: enquanto os sentimentos homeostáticos, como a sede, a fome, o desejo, etc. são mecanismos fisiológicos automáticos que regulam as necessidades corporais, também envolvem um componente mental que emerge na consciência para motivar o organismo a se tornar “um agente potencial da sua própria regulamentação.” (Damasio; Damasio, 2016).

É na intersecção da resposta fisiológica e da experiência criativa que consideramos as tendências para a ordem e o caos e como a tensão entre eles é explorada tanto na arte como na psicanálise. Para ampliar o conhecimento numa disciplina, tornou-se demasiado comum recorrer a outra, resultando numa espécie de contaminação epistemológica. Mas não se trata de explicar a obra de arte que observamos por meio da psicanálise ou da neurociência. Em vez disso, talvez compreendamos que a arte, tal como a psicanálise, é um afrouxamento das fronteiras que limitam a agência e o sentido do eu e que, na medida em que tem a ver com a mente, tem a ver com o cérebro, do qual os processos mentais são inseparáveis. Assim como uma imagem estética não deve ser vista pixel por pixel, mas dentro de uma esfera mais ampla de troca, onde o potencial dinâmico e as possibilidades são infinitamente libertadoras, o desenvolvimento psíquico e a consciência, impregnados como estão de funções perceptivas e cognitivas, estão em jogo. tanto a criação quanto a recepção dessa imagem. Marcel Duchamp nos contou isso em sua resposta de 1917 ao convite para submeter uma escultura à Associação de Artistas Independentes de Nova York: ele enviou um mictório, conceitualmente não muito diferente de seus outros “readymades”. Sem o acto criativo tanto da sua parte (a sua apresentação e assinatura de “R. Mutt”) como do espectador, o urinol teria permanecido um mictório. E é nessa criatividade que a psicanálise e a neurociência se encontram.

Os estudos empíricos em neurociência fizeram incursões significativas no funcionamento das nossas capacidades perceptivas e de vários outros componentes do sistema nervoso humano (Alves, 2019; Silva, 2021). Começaram a fornecer quantidades de dados que nos contam histórias, mais ou menos completas, sobre como os seres humanos vivem, interagem e se movimentam no mundo. Da mesma forma, a arte – uma das mais altas expressões da complexidade da humanidade e um meio sofisticado de representar sensações e emoções – fornece-nos informações preciosas sobre o funcionamento do cérebro e, em última análise, do ser humano em que ele

reside (Eagleman; Brandt, 2020; Freitas, 2017). Além disso, a arte contemporânea, na divisão que separa o planejamento e a execução, a ideia e o acto criativo, revela muito sobre processos dinâmicos, conscientes e inconscientes, processos cuja base neural estes estudos empíricos elucidam. O resultado foi um desvio radical nos tipos de questões científicas colocadas sobre o cérebro e, na verdade, na nossa visão das funções e funcionamento do cérebro. A partir do diálogo entre arte, neurociência e psicanálise, entendemos que o cérebro, como destacou o neurobiólogo britânico Semir Zeki e seus colegas (Zeki; Bao; Pöppel, 2020), não é um “cronista passivo” do que acontece no mundo externo; em vez disso, participa ativamente na criação do mundo que experienciamos através da sua elaboração perceptiva, cognitiva e afetiva da realidade física. E começámos, também como consequência do diálogo, a abordar questões que anteriormente pareciam demasiado subjetivas e, portanto, demasiado distantes do domínio da investigação científica objectiva, questões que têm a ver com os correlatos neurais do amor, do desejo e da beleza, conforme explorado por Zeki e vários outros (deBoer; vanBuel; TerHorst, 2012; Gomes, 2017; Leonti; Casu, 2018).

Na verdade, os fundamentos neurais da identidade e da empatia e das interações sociais tornaram-se todos assuntos para estudo experimental, especialmente porque se descobriu que a atividade no cérebro correspondente a muitos desses estados pode não apenas ser mapeada, mas também quantificada, objetivando assim o subjetivo (Gallese, 2009). Mas a história da experiência humana é complexa e existe a armadilha do reducionismo no mapeamento cerebral e noutros tipos de correlação. Pois a própria noção do eu que sente não é real; também é uma metáfora, uma semelhança com outra coisa (Morgan; Averill, 2013). Também implica, portanto, uma negociação contínua: o eu e a identidade são negociados e renegociados (Anspach, 2000) de acordo com a permeabilidade das fronteiras entre um indivíduo e o seu ambiente em qualquer momento.

Nas últimas décadas, dados relativos, por exemplo, a neurônios-espelho; à memória processual, aprendizagem e outros processos cognitivos, talvez venha resultando em mudanças tanto na teoria quanto na prática da análise (Alonso, 2007). Muitos aceitam “que a mudança em uma função cerebral – por exemplo, o afeto e os mecanismos de regulação do afeto – altera as formulações dinâmicas que podemos fazer e os tipos de interpretações que podemos aventurar” (Olds, 2006). Da mesma forma, a neurociência, quando confrontada com as forças dinâmicas da subjetividade humana, tais como são reveladas no consultório analítico, é obrigada a considerar a

incerteza das “ciências exatas” e a ajustar hipóteses de acordo com as influências de desenvolvimento, ambientais e outras influências no cérebro humano (Zorzanelli; Ortega, 2011). É importante ter em mente, como observou o aclamado neurocientista Eric Kandel, que “neste ponto da história, nós, humanos, mudamos mais pela evolução cultural, expressa na função transcricional dos nossos genes, do que pela evolução biológica. evolução, expressa em sua função de modelo” (Kandel, 2016)

Concentrar-se na arte através do intercâmbio entre a psicanálise e a neurociência permite a apreciação das complexidades da experiência humana, na medida em que a metáfora e o símbolo são precisamente aquilo que cada ser humano faz uso à medida que conhece e compreende o mundo e desenvolve um lugar cada vez mais maduro dentro dele. Ao mesmo tempo, porém, este foco interdisciplinar na arte permite a apreciação da experiência humana tão única para o indivíduo quanto universal. O modo como esta interdisciplinaridade impacta a nossa compreensão da identidade e experiência humanas é, então, o que é revelado na produção e visualização da arte contemporânea aqui contemplada (Rivera, 2002).

É nossa opinião que o indivíduo, que passa a vida suspenso entre a ordem e o caos, com a intenção de organizar cada detalhe da sua existência, precisa escapar à condição de linearidade temporal que incansavelmente se move apenas em direção à morte. Com as ferramentas fornecidas pela neurociência e pela psicanálise, e o diálogo entre elas, as metáforas e símbolos da obra – literária ou visual – revelam o imperativo de experimentar novas formas de estar no mundo.

Referências

ALONSO, A. Os neurônios-espelho e a mente espelho da Nova Psicanálise. **Tranz: revista**, 2007.

ALVES, M. A. **Cognição, emoções e ação**. [s.l.] Editora Oficina Universitária, 2019.

ANSPACH, S. **Arte, cura, loucura**: uma trajetória rumo à identidade individuada. [s.l.] Annablume, 2000.

CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. [s.l.] Editora Record, 2019.

DAMASIO, A.; DAMASIO, H. Exploring the concept of homeostasis and considering its implications for economics. **Journal of economic behavior & organization**, v. 126, p. 125–129, 1 jun. 2016.

DEBOER, A.; VANBUEL, E. M.; TERHORST, G. J. Love is more than just a kiss: a

neurobiological perspective on love and affection. **Neuroscience**, v. 201, p. 114–124, 10 jan. 2012.

EAGLEMAN, D.; BRANDT, A. **Como o cérebro cria: O poder da criatividade humana para transformar o mundo**. [s.l.] Editora Intrínseca, 2020.

FREITAS, A. S. de. Em busca de novas epistemologias: neuroestética e neurociência cognitiva da arte. **Revista Trama Interdisciplinar**, v. 8, n. 2, 2017.

GALLESE, V. Motor abstraction: a neuroscientific account of how action goals and intentions are mapped and understood. **Psychological research**, v. 73, n. 4, p. 486–498, jul. 2009.

GOMES, F. **Neurociência do Amor**. [s.l.] Editora Planeta do Brasil, 2017.

JUNG, C. G. **O Espírito na arte e na ciência**. [s.l.] Editora Vozes Limitada, 2011.

KANDEL, E. Chapter 4. The Biology of Learning and Memory. *In: **Reductionism in Art and Brain Science***. [s.l.] Columbia University Press, 2016. p. 41–58.

KNAUSGÅRD, K. O. Viagem ao fundo da mente. v. 113, **Piauí**, 2016. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/viagem-ao-fundo-da-mente/>>. Acesso em: 30 mar. 2024.

LEIGHTEN, P. **The Liberation of Painting**. [s.l.] University of Chicago Press, 2013.

LEONTI, M.; CASU, L. Ethnopharmacology of Love. **Frontiers in pharmacology**, v. 9, p. 567, 3 jul. 2018.

MORGAN, C.; AVERILL, J. R. True feelings, the self, and authenticity: A psychosocial perspective. *In: **Emotions***. [s.l.] Routledge, 2013. p. 158–165.

NASIO, J.-D. **9 lições sobre arte e psicanálise**. [s.l.] Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2017.

OLDS, D. D. Interdisciplinary studies and our practice. **Journal of the American Psychoanalytic Association**, v. 54, n. 3, p. 857–876, Verão 2006.

RIVERA, T. **Arte e Psicanálise**. [s.l.] Zahar, 2002.

SILVA, F. E. DA. **Neurociência e aprendizagem: uma aventura por trilhas da neuroeducação**. [s.l.] InterSaberes, 2021.

WHITEBOOK, J. Hans Loewald: A radical conservative. **The International journal of psycho-analysis**, v. 85, n. 1, p. 97–115, fev. 2004.

ZEKI, S.; BAO, Y.; PÖPPEL, E. Neuroaesthetics: The art, science, and brain triptych. **PsyCh journal**, v. 9, n. 4, p. 427–428, ago. 2020.

ZORZANELLI, R.; ORTEGA, F. Cultura somática, neurociências e subjetividade contemporânea. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. spe, p. 30–36, 2011.

O MITO DA MEDUSA E AS ESFERAS INTERPRETATIVAS SOBRE O FEMININO NA VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA A MULHER

Suênia de Lima Duarte
Leônia Cavalcante Teixeira
Cleidiane da Silva Cruz
Fabíola Sousa Siqueira
Ana Claudia Coelho Brito

Introdução

Rica em representações, a mitologia e suas narrativas podem contribuir para a compreensão de fenômenos sociais complexos, como a violência de gênero contra a mulher. Esses relatos fabulosos nunca se encerram em uma interpretação, pelo contrário, suscitam várias percepções diferentes sobre a sua própria descrição e a sua fabulação em relação a outras temáticas. Cada leitura de um mito traz novos contornos, revelando camadas de significado que surpreendem e abrem espaço para novas narrativas, as quais dialogam diretamente com as questões contemporâneas, como se ainda tivessem algo a dizer.

Os mitos, portanto, caracterizam um conjunto de contos que representam elementos culturais e filosóficos originários de um povo. A linguagem do mito é composta por elementos de aspectos da natureza relacionados com as complexidades da vida humana, a experiência do homem com o universo e suas relações sociais e individuais (Silva, 2022, p. 4).

Foco deste estudo, o fenômeno da violência de gênero contra a mulher na contemporaneidade foi pensado a partir do Mito da Medusa. Contada pela mitologia grega, essa história apresenta como personagem principal uma mulher elegante, bela, mortal, dona de cabelos de dar inveja.

Medusa vivia no templo de Atenas, seguindo os ensinamentos da deusa que tanto venerava, a quem prometera se manter virgem e casta, pois assim poderia se tornar uma de suas sacerdotisas. Entretanto, a beleza de Medusa atraía muitos homens da cidade, que iam ao templo não para adorar e levar oferendas a Atenas, mas para observar a beleza estonteante da donzela.

Um dos homens fascinados por Medusa foi Poseidon, deus do mar e tio de Atenas, com quem, de acordo com a mitologia grega, a deusa não tinha uma boa relação. Essa inimizade surgiu da disputa pela região da Ática, cuja população ficou

responsável por escolher quem ficaria como patrono, se Poseidon ou Atenas. O critério da escolha teve como princípio a oferta dos mais úteis benefícios para a cidade. Atena terminou sendo escolhida, por oferecer a oliva para a fabricação do azeite, ficando assim como a protetora do local.

A tensão entre Atena e Poseidon criou um ambiente desagradável na região. Medusa, que não tinha relação com essa disputa familiar, acabou pagando um preço alto. Como mencionado, muitos homens visitavam o templo de Atena para admirar Medusa, incluindo Poseidon. No entanto, atrair a atenção de um deus, especialmente um tão poderoso, não era um privilégio, e geralmente não terminava bem. No caso de Medusa, esse olhar se tornou uma verdadeira catástrofe. Poseidon sabia que as sacerdotisas de Atenas deveriam ser puras, mas isso não o impediu de cortejar Medusa, que se esquivava constantemente. Cansado de ser ignorado por ela, Poseidon resolveu violar a sacerdotisa dentro do templo, diante da estátua de Atenas.

Medusa foi violentada por um deus e, além disso, foi castigada por sua beleza, que atraiu um ser tão poderoso. Atena, furiosa, considerou que Poseidon estava apenas agindo de acordo com sua natureza masculina e, pelo fato de seu templo ter sido violado, decidiu punir Medusa. Dessa forma, quem antes era uma linda donzela se transformou em um terrível monstro. Um ser com cabelos de serpentes, corpo repleto de escamas e dentes de porcos selvagens. Qualquer homem que a olhasse se transformaria em pedra.

Com esse novo aspecto, Medusa se isolou no extremo da Grécia, onde passou a ser temida por todos, tanto os mortais como os deuses. Dificilmente alguém se aproximava de Medusa, pois o medo de ser transformado em pedra não permitia. Apenas um deus teve coragem de se aproximar da antiga sacerdotisa, Perseu. Sua ação, entretanto, tinha o objetivo de matar Medusa a mando do Rei Polidectes, e caso ele não cumprisse sua missão, o rei abusaria da sua mãe.

Para enfrentar Medusa Perseu recebeu armas de vários deuses, entre eles Hercules, Hefesto, Hades e a própria Atenas. A estratégia adotada por Perseu foi a de esperar Medusa dormir para, então, decapitá-la, ação que deu a ele uma fama mitológica. Alguns mitos dizem que Perseu levou a cabeça da Medusa até o rei Polidectes, transformando-o em pedra. Após isso, deu a cabeça a Atenas, para que pudesse usar em seu escudo, a fim de petrificar qualquer inimigo.

A inocente mulher que apenas idolatrava a deusa Atenas foi violentada, amaldiçoada e decapitada, sem ter feito absolutamente nada de errado. Assim, o que

se desvela nessa história é um ódio à beleza, ao erotismo, à passividade e à própria feminilidade. Após a morte da Medusa, uma espuma branca começou a jorrar do seu pescoço, saindo de lá Pégaso e Crisaor, frutos do abuso que sofrera de Poseidon.

O mito da Medusa, que por muito tempo foi lido como uma história de vilania, tem sido reinterpretado, nas últimas décadas, como um poderoso símbolo da opressão e da violência de gênero sofrida pelas mulheres. Usado aqui para reflexão sobre a violência de gênero contra a mulher, o mito é analisado sob a ótica da psicanálise, particularmente no que diz respeito à questão do ódio ao feminino, manifestado em práticas sexistas, misóginas e machistas que ainda dominam muitas culturas. Esse mito ainda hoje reflete questões relacionadas ao fenômeno do ódio à mulher, amplamente discutidas, e que se perpetua em práticas ancoradas no patriarcado.

Nessa discussão, atentou-se para o fato de que tais práticas colocam a mulher em uma posição de subalternidade, silenciando-a e fazendo com que essa situação em que é posta seja normalizada pela sociedade. Não por acaso Medusa, por muito tempo, foi vista como uma vilã e não como uma mulher marcada pela violência de gênero. Contudo, o objetivo é discutir as formas de dominação impostas pelo discurso patriarcal, mas sem cair na armadilha de masculinizar o feminino. O que se propõe é o fortalecimento do feminino, assegurando um lugar de dignidade não só para a mulher, mas para todos aqueles que são atravessados pela feminilidade, tanto as mulheres como os homossexuais, os transsexuais e até os homens héteros, que também são marcados pela feminilidade.

Nesse sentido, a feminilidade é pensada aqui como uma inclinação do sujeito a criar sua própria gramática subjetivante para lidar diretamente com as forças pulsionais e as intensidades invisíveis dos efeitos da experiência traumática e do masoquismo primário (Freud *apud* Birman, 2022). Esses efeitos se dão por afetos no sujeito, justamente por sua imperfeição e finitude, marcando um gozo feminino que o potencializa diante da falta de referenciais fálicos, situando-o no campo da sexuação e no campo da humanidade (Lacan, 2010).

O feminino se apresenta, então, como um campo que sempre denuncia a impossibilidade da totalidade, tornando-se alvo colérico no campo fálico-masculino (Danziato; Ferreira; Lira, 2021). Significa que a feminilidade é a maneira de o sujeito lidar com sua própria intensidade, inconclusão e inacabamento. Nesse movimento, as forças pulsionais, sem se valer e precisar necessariamente do referencial fálico, se dão

com essa forma de gozar feminina. Esse seria, pois, um caminho em que há o acolhimento do feminino.

Birman (2022) conceitua a feminilidade como algo da ordem do enigmático e do quase indizível, que traz a poesia e a arte como caminhos para uma possível decifração sobre esse enigma do discurso da ciência. Em complemento afirma que no caminho da feminilidade não há caminho a ser seguido, ela se faz ao caminhar e é da ordem da singularidade, fazendo-se no um-a-um.

Para pensar o mito da Medusa sob a ótica da psicanálise, relacionando-o às esferas interpretativas do feminino e suas manifestações na violência de gênero contra a mulher, traz-se, inicialmente, uma reflexão sobre a cultura patriarcal e a violência de gênero contra a mulher, estabelecendo uma interface entre os desdobramentos do feminino para a psicanálise e a análise do ódio ao feminino representado no mito. Em seguida, a análise está situada no homem como devastação da mulher, considerando o processo de destituição subjetiva sofrido pela mulher no contexto de violência de gênero. Por fim, traz-se o conceito de feminino na perspectiva lacaniana, ou seja, como potência criativa, desvelando como a suplementaridade pode nominar o feminino.

Medusa e o feminino: interpretações psicanalíticas da violência de gênero

Pensar a violência de gênero contra a mulher a partir de uma organização social patriarcal em que opera uma cultura de fortalecimento ao sexismo, ao machismo e à misoginia é situá-la em um lugar de subalternidade em relação ao homem, deixando-a às margens de uma sociedade que determina o lugar que ela deve/pode ocupar. Esse lugar é marcado pela desvalorização e objetificação do corpo da mulher, pois, nessa forma de organização social, quem opera o poder é o homem, é ele quem controla as relações sociais e quem, conseqüentemente, controla a mulher. Isso é algo que precisa ficar claro aqui para situar de onde parte a reflexão proposta.

No patriarcado, o controle sobre o corpo da mulher, trata-se de algo marcante, já que ela deve ocupar um lugar de passividade, de submissão, de amorosidade, de mãe, de cuidados domésticos e sempre disponível para servir ao homem. Nessa sociedade, a mulher que não estiver nesse lugar, será uma mulher dita "perigosa", uma mulher que está a ameaçar a tranquilidade de uma vida social. Em contrapartida, aquela mulher que vivenciar sua liberdade sexual ou que queira ocupar lugares de poder no âmbito público, algo permitido aos homens, é estigmatizada como louca, desequilibrada, ou como uma "puta" ou "vadia".

Portanto, a mulher não pode vivenciar sua própria sexualidade e erotismo, porque o homem a coloca em um lugar de apropriação. Nesse lugar, ela é socialmente compelida a rejeitar seus próprios desejos e pulsões sexuais. Esse recalcamento pode se manifestar no corpo como sintomas, algo que Freud observou nas mulheres que escutava em seu consultório. Essas mulheres, frequentemente diagnosticadas com histeria, sofriam e se angustiavam sem poder verbalizar suas experiências, e a psicanálise nasceu justamente da escuta desse sofrimento (Freud S.; Freud A., 1996).

As discussões a respeito da sexualidade e seus entraves com a cultura estão presentes desde a fundação da psicanálise (Freud S.; Freud A., 1996), enquanto exímio pesquisador, interessava-se em analisar as demandas sociais, culturais e políticas de sua época através da escuta de mulheres. Diante da transição da pré modernidade para a modernidade, e do fervor de uma ciência da sexualidade, que sujeitava e docilizava os indivíduos (Martins, 2019), o psicanalista opôs-se a essa ciência passando a escutar o sujeito do inconsciente, que carregava os desejos mais primitivos e transgressores. Assim, Freud produziu um deslocamento do discurso do sexo, anteriormente pautado pelo biológico (Birman, 2012), para o campo da psicanálise, surgida em resposta à urgência dos sofrimentos histéricos.

Presentes principalmente nas mulheres, os fenômenos histéricos passaram a ter outra roupagem, caracterizando-se agora não apenas como doença do útero, ou desvio dos regulamentos morais e religiosos, mas como traumas de natureza sexual recalçados (Schmitz, 2021). Assim, passou-se a entender que o social é o responsável pelos adoecimentos psíquicos, pois por muitos anos as mulheres foram silenciadas e com isso acometidas de enfermidades, muitas vezes não conseguindo ser diagnosticadas por uma ciência positivista.

Os empreendimentos clínicos da psicanálise sobre a mulher não pararam por aí. Freud, em seu último artigo sobre a sexualidade feminina, retomou seus escritos anteriores — intitulados “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” (Freud, 1925) e “Sexualidade feminina” (Freud, 1931) — para dar ênfase ao desenvolvimento psicosexual da mulher. Ao longo do texto, Freud discute sobre os desdobramentos do complexo de castração na vida psíquica, revendo a função da diferença anatômica dos destinos pulsionais: atividade e passividade. Destaca ainda os equívocos em torno da interpretação que associa a passividade exclusivamente à feminilidade e a atividade à masculinidade. O autor acrescenta que a situação passiva

das mulheres é, em grande parte, resultado das produções culturais que as compeliram a ocupar um lugar de passividade.

A partir dos estudos de Freud, fica notório que a cultura silencia as mulheres, delegando a elas papéis de gênero caracterizados pela benevolência e submissão. Tais papéis lhe atribuem cargas valorativas que a situam em diferentes lugares na sociedade (Irigaray, 1985). O mito da Medusa nos faz pensar sobre como isso foi se estabelecendo culturalmente e se normalizando. Quando Atenas culpa Medusa por ser violentada em seu templo, justifica que Poseidon estava apenas seguindo sua natureza de homem. Nesse momento já é desvelada uma naturalização sexual de que o homem tem um instinto e que as mulheres devem se proteger. Mas como poderia ser possível isso? Como se proteger quando, na verdade, há uma violação de direito sobre o corpo da mulher?

Freud, em sua vasta obra, faz algumas menções diretas ao mito da Medusa. No escrito intitulado como “A cabeça de Medusa” (Freud, [entre 1920 e 1923]), o autor a descreve como “a horripilante cabeça cortada”, estabelecendo semelhanças com o órgão genital feminino. A análise do autor gira em torno de sua teoria sobre o complexo de castração, sugerindo que o horror provocado pela cabeça decapitada da Medusa se deve à sua semelhança com um órgão genital castrado, o que provocaria o temor dessa ação.

Sobre o horror da castração, Freud exemplifica:

De muitas análises, conhecemos o ensejo para isso; ele se dá quando o garoto, que até então não queria crer na ameaça de castração, enxerga um genital feminino. Provavelmente de uma mulher adulta, rodeado de pelos; o da mãe, no fundo (Freud, [entre 1920 e 1923], p. 292).

Freud [entre 1920 e 1923] menciona que os cabelos da Medusa, retratados como serpentes ao redor de seu rosto, mitigam o horror do encontro com a falta, uma vez que as serpentes representam a substituição do pênis. É importante acrescentar que, no mito, aqueles que olhassem para a cabeça da Medusa seriam petrificados. Freud argumenta que esse fenômeno é análogo ao enrijecimento do pênis diante da falta encontrada no órgão genital feminino. Além disso, ele acrescenta que a rigidez do pênis “significa a ereção, ou seja, o consolo do espectador na situação original” (Freud, 2022, p. 229). Em outras palavras, o enrijecimento do pênis assegura o homem de que não foi castrado.

As análises de Freud prosseguem e ele acrescenta que em outros mitos a exposição dos genitais é tida como ato de defesa em relação ao inimigo, devido ao seu efeito de horror. No entanto, o mesmo efeito recai sobre o inimigo do qual tenta se defender, desse modo ele se utiliza do mecanismo da exibição de seu pênis, como quem diz: “não tenho medo de ti, te enfrento, possuo um pênis” (Freud, 2022, p. 293).

A interpretação feita por Freud (1922) sobre a imposição da virilidade diante do horror à castração, no mito da Medusa, é resgatada por Lacan (1978), no “Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise”. O psicanalista francês descreve a cabeça da Medusa como “[...] aterradora e angustiante”, um objeto inominável que remete a algo primitivo (Lacan, 1978, p.196). Lacan chama atenção especialmente para o fundo da garganta da Medusa, uma garganta insaciável, cuja profundidade o lembrava “[...] o abismo do órgão feminino, de onde sai toda vida, quanto o vórtice da boca, onde tudo é tragado, como ainda a imagem da morte, onde tudo vem se acabar” (Lacan, 1978, p. 196).

A inominável e complexa imagem da cabeça da Medusa, como bem descrita por Lacan, denuncia a localização do feminino em sua teoria, tendo em vista que para o autor, o feminino é marcado por uma intrínseca relação com o Real (Marcos, 2011). Abordado no estudo das três instâncias do nó borromeano, o Real é tido como aquilo que está fora do simbólico; o encontro com a impossibilidade que traz a marca do traumático, por isso tentamos evitar a todo custo tal encontro (Lima *et al.*, 2013).

No que se refere ao feminino, Lacan assim como Freud, não o toma como sinônimo para a mulher, mas se utiliza do significante mulher como um sujeito castrado para sustentar sua teoria sobre as facetas do feminino (Oliveira, 2021). Isso fica mais claro quando se observa a passagem de Lacan (2010) sobre a escolha de uma posição sexuada na tábua da sexuação.

Distanciando-se da anatomia dos sexos, a posição sexuada demarca a forma como o sujeito passou pelo complexo de castração (Oliveira, 2021), complexo este que determina a entrada do sujeito na linguagem, os movimentos de identificação e separação com o Outro e os destinos da castração: inveja do pênis ou angústia de castração (Freud, 2011). Assim, a posição sexuada do sujeito está muito mais relacionada à linguagem do que à biologia, uma vez que será a entrada na linguagem, bem como a interdição da lei paterna experienciada com a castração, que constituirá um corpo (Tfouni, 2013). Dessa forma, na tábua da sexuação quem se posiciona do lado da mulher tem, na lógica do imaginário, a marca da castração. “Nesse sentido,

chamamos de mulheres esses sujeitos que têm uma relação essencial com o nada” (Miller, 2010, p. 2).

Na tentativa de demonstrar como a tábua da sexuação opera na lógica inconsciente, Lacan (2010) postula dois tipos de gozo: o gozo fálico, que está representado no lado esquerdo, pelo masculino, e banhado pela linguagem; e o gozo não-todo, representado no lado direito, pelo feminino. Como advertido por Lacan (2010), a mulher, com sua relação de privilégio com o Real, não está totalmente recoberta pelo simbólico. Assim, o feminino pode ser considerado um gozo no corpo, um gozo não-todo significável (Lacan, 2010). No mito da Medusa, o feminino está ligado ao Real, uma dimensão que escapa à simbolização e traz a marca do traumático. Conforme Lacan, o Real é aquilo que está fora do simbólico, e o encontro com ele é marcado pelo horror, semelhante ao olhar para a Medusa, que petrifica aqueles que a encaram.

Entende-se, então, que o Real está para todos, mas nem todos estão para o Real, pois ele apresenta o horror da castração. Assim, estar diante do Real é estar diante do caos, do horror, assim como é estar diante da Medusa. Estariam os sujeitos que já se confrontaram com a sua castração imunes a essa petrificação?

A devastação e a irrepresentabilidade do feminino: a petrificação diante da Medusa

A petrificação diante da Medusa ilustra a devastação do masculino, que, em intensa angústia provocada pelo Real que é feminino —, rompe com as identificações simbólicas e imaginárias do falicismo masculino (Mello; Souza, 2021). A esse sujeito não lhe restam recursos psíquicos para lidar com tamanha desorganização diante da experiência. Desse modo, todo sujeito que não abraze mão de gozar de forma fálica, caso não fosse petrificado diante da Medusa, estaria em risco de enlouquecer.

Cabe descrever que a devastação é uma experiência que toca o núcleo do Real como o impossível da não relação entre os sexos (Rabêlo *et al.*, 2020, p.7). Assim, sem o amparo do simbólico e do imaginário para nomear o impossível, o sujeito pode momentaneamente perder o fio condutor da realidade, remetendo-o “para fora do universo das representações”, uma vez que seriam as instâncias simbólicas e imaginárias responsáveis por tal representação (Mello; Souza, 2021, p. 770).

É importante lembrar que o fálico remete ao que vai de encontro ao universo narcísico, ou seja, caminha em direção à completude. Assim, o fálico está do lado do

significativo, supondo que existe em sua negativa “um mais além” (Bonfim; Vidal, 2009). Sendo assim, o lado masculino restringe-se à dimensão fálica. Já o desejo faz um caminho oposto, pois é permeado pela falta, condição *sine qua non* para que o desejo possa existir. O desejo de ser uma sacerdotisa de Atenas, por exemplo, coloca Medusa na dimensão da falta do feminino e, conseqüentemente, no mundo da castração. A falta, advinda da castração, é corporificada na Medusa, que representa o feminino. Assim, quem a olha é petrificado. Antes da maldição advinda de Atenas, o sujeito era violento, pois não suportava se ver castrado, faltoso, incompleto. Desse modo, era colocado em uma desordem psíquica.

Na perspectiva lacaniana, o gozo *Outro* age como suplementar ao gozo fálico, nunca como complementar. Quando o sujeito busca completude no outro, essa tentativa pode resultar em devastação, uma vez que tal completude é impossível. Diante dessa impossibilidade, o outro se perde, se dilacera enquanto sujeito. Aqui tem-se aquele sujeito que não se aceita como castrado, mas que se vê como o "Pai da Horda", mito este discutido por Freud (2000) em seu texto "Totem e Tabu". Esse sujeito não aceita sua falta, sua incompletude e se apresenta como "todo", sendo da ordem do insuportável as insígnias do feminino corporificado no outro.

A forma como cada sujeito experimenta o feminino o coloca em um lugar diante da violência de gênero. Fato é que esse sujeito, ao se vê invadido pelo Real, banhado por um gozo que ultrapassa as barreiras do simbólico, entra no que Mello e Souza (2021) conceituam como “devastação no masculino”, que não aceita sua própria castração. Nessa situação, o sujeito masculino se vê dilacerado, abandonando a ilusão de ser "todo." Diante de uma experiência com o Real, ele se vê invadido por um gozo *Outro* que não o completa, mas que o divide e o destitui subjetivamente do lugar de ser todo. Ao se ver faltoso, o sujeito não consegue simbolizar a experiência e cai em uma dessubjetivação fálica, acreditando não ter outra saída a não ser destruir aquilo que lhe faz falta, que o faz sentir sua própria condição humana. Logo, procura matar aquilo que lhe faz espelho e que se apresenta como da ordem do insuportável. Por isso, o desejo de destruição da Medusa, porque é nela que o Real é apresentado ao sujeito.

Pode-se aqui pensar que Atenas tenha experienciado essa forma de devastação trazida por Mello e Souza (2021) quando não conseguiu simbolizar o Real que se apresentava de forma devastadora de aniquilamento subjetivo, estando ela ocupando uma posição de poder, de domínio, de força diante do outro e do mundo.

Lidar com a falta pode se apresentar como algo desconcertante e até devastador. Soler (2005) define a devastação como uma experiência de gozo aniquiladora, de abolição subjetiva ao Outro, que se torna absolutizado, ainda que por um instante. Essas experiências podem ir desde uma leve desorientação até a uma angústia mais profunda, passando por todos os graus de extravio e evitação. O sujeito faltoso não possui recursos psíquicos para lidar com uma desorganização frente ao gozo feminino.

A partir da lógica fálica, a devastação está articulada a uma identificação masculina, ocupante de uma posição de poder e de controle. Esse sujeito apresenta uma falha em lidar com a falta, imprimindo nele uma feminilidade insuportável. Teria Atenas se identificado, então, com a posição masculina, transformando Medusa em um terrível monstro?

No âmbito dos discursos sociais, busca-se um laço entre os sexos oferecendo uma modalidade de troca alternativa de tratamento de gozo, pois todo sujeito é atravessado pelo feminino e todo sujeito precisa lidar com seus atravessamentos subjetivos diante sua própria sexualidade. Nesse contexto, a violência de gênero se apresenta como uma falha nessas trocas, tornando-se a mulher alvo de ódio e ataque. Assim, pode-se pensar em um ódio ao feminino presente na violência de gênero contra a mulher.

O mito da Medusa aqui abordado permite pensar sobre a violência de gênero contra a mulher e um ódio ao feminino em dois momentos. O primeiro momento é quando Poseidon não aceita a recusa de Medusa em ser sua e termina violentando-a sexualmente, no próprio templo de Atenas. Na sociedade patriarcal, a mulher deve estar a serviço do homem, por isso a recusa da Medusa desperta em Poseidon sua falta, fazendo-o ver que não podia ter tudo.

Outro momento marcante é quando Atenas, incapaz de lidar com o caos ocorrido em seu próprio templo, transformou Medusa em um monstro terrível. Lidar com o caos, com os abismos, com a falta de completude nas relações pode trazer fortes desorganizações no sujeito que não está disposto a abrir mão de uma forma de gozar com limites. Tanto Poseidon quanto Atenas não renunciam ao falicismo e violentam aquilo que neles não há lugar. Ambos não estavam dispostos a lidar com os atravessamentos do feminino. O exemplo desses personagens mitológicos permite lembrar que todo sujeito é marcado por ambas as formas de gozo — fálico e feminino

—, e que trabalhar com a fruição de gozo talvez seja o que chamamos de "arte de saber viver".

O feminino enquanto potência criativa

Mas, afinal, o que é o feminino? Pensando a partir da tábua da sexuação, presente na teoria lacaniana, o feminino não se remete a uma perspectiva anatômica, mas a como o sujeito se relaciona com a função fálica. O falo é quem permite a instalação do sujeito numa determinada posição como sujeito do inconsciente (Rabinovich, 2005) e aceitar ou não a castração diz muito sobre essa posição e suas amarrações sociais, revelando em cada sujeito uma singularidade para lidar com o simbólico, imaginário e o real.

Lacan, no R.S.I. (2022), diz que se pode pensar o Real como o que é estritamente impensável, o simbólico como a dimensão que o sujeito opera um sentido, e o imaginário como a dimensão que dá suporte ao simbólico, que traz como representação o corpo enquanto organismo. Nesse sentido, o sujeito funciona a partir dos afetos do R.S.I. e de como ele faz as amarrações com o social a partir dessas dimensões.

Dito de outra forma, o sujeito, quando afetado pelas incidências do Real, precisa de significantes que deem contorno para tal experiência, fazendo com que seja possível restituir o abalo narcísico provocado pelo Real (Rosa, 2015). Os abismos que tocam os confins da marcação simbólica, que ocorre de forma primordial ainda na infância, são uma perspectiva impossível de discussão a partir do mito de Medusa, pois as figuras maternas não são mencionadas nele. No entanto, essas marcas trazem sofrimento para a vida adulta. Um sofrimento que envolve, justamente, a forma como cada sujeito irá subjetivar seu caminho com a feminilidade e que pode se apresentar como um grande desafio para o sujeito, especialmente porque essa feminilidade é situada social e culturalmente como algo frágil, negativo e passivo. Ver potência num percurso em que o que se é escolhido como potência é o não todo é da ordem de como cada sujeito irá subjetivar sua própria invenção. Porém, é esse caminho, o da feminilidade, que levará para um despertar da capacidade de lidar com o *não-todo*, com a dimensão do feminino.

Sendo assim, o feminino é uma forma de gozo *Outro* que é da ordem do *não-todo*, e que põe o sujeito em um movimento com a dimensão do Real. Dar contorno a esse encontro dependerá de como cada sujeito irá lidar com os afetos primeiros de sua

relação com o grande Outro. Nesse sentido, pode-se pensar ainda no “estádio do espelho”, de como foram constituídas as amarrações narcísicas com esse grande Outro, que se dá na ordem do imaginário, sendo esta dimensão que dará suporte para uma simbolização do Real. E se essas lembranças forem mais amargas que doces, mais fétidas que perfumadas? O que se poderá fazer com isso? Reinventar-se, talvez.

Permitir-se questionar e sentir a própria incompletude é essencial para despertar uma nova potência. Arriscar-se nesse processo é fundamental. Nesse movimento, o gozo feminino, longe de ser complementar ao fálico, é suplementar, pois não há complementaridade no sujeito; todos somos constituídos na falta e é essa ausência que dá contornos à humanidade.

Conclusão

A partir da análise do mito da Medusa observou-se significações sobre a feminilidade. A história tem relação com a cultura violenta e reflete o destino de tantas mulheres cujas histórias são marcadas pela violência e pelos mecanismos de silenciamento e punição. A partir da reflexão sobre essa violência presente no mito, mas que se faz tão real, compreende-se que é preciso romper com as barreiras da cultura do patriarcado que cristalizam a mulher como objeto, de forma que seja acolhida em sua singularidade, criando um espaço de subversão e de resistência. Ao compreender o feminino como potência, desloca-se o olhar do medo e da violência para a possibilidade de novas narrativas, onde a mulher e o feminino possam existir fora dos moldes que as aprisionam.

Referências

BIRMAN, J. **Gramáticas do erotismo**: a feminilidade e suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2022.

BIRMAN, J. Modernismo e psicanálise: a problemática da influência na crítica freudiana do dispositivo da hipnose e na constituição do dispositivo da transferência. **Revista brasileira de psicanálise**, v. 46, n. 2, p. 47-64, 2012.

BONFIM, F. G.; VIDAL, P. E. V. A feminilidade na psicanálise: a controvérsia quanto à primazia fálica. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 21, p. 539-548, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922009000300009>

DANZIATO, J. L. B.; FERREIRA, G.; LIRA, L (org.). **Violência e ódio ao feminino**. Curitiba: CRV, 2021.

FREUD, S. O interesse científico da psicanálise (1913). *In: Totem e tabu e outros trabalhos*, Editora Companhia das Letras, 2000, p. 199-226.

FREUD, S. **Obras completas volume 16**: O Eu e o Id. Autobiografia e outros textos (1923-1925). Editora Companhia das Letras, 2011. v. 16.

FREUD, S. Sexualidade feminina (1931). *In: FREUD, S. Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987, p. 231-251. v. 21.

FREUD, S. A cabeça da Medusa [entre 1920 e 1923]. *In: FREUD, S. Obras completas XV*: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 326-328.

FREUD, S.; FREUD, A. Estudos sobre a histeria (1893-1895). *In: FREUD, S. Estudos sobre a histeria*, 1996, p. 363-363.

IRIGARAY, L. **The Sex which Is not One**. Trad. C. Porter; C. Burke. Ithaca: Cornell University Press, 1985.

LACAN, J. **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise - Seminário 2**. (1954-1955). Zahar: Rio de Janeiro, 1985.

LACAN, J. **R.S.I - Seminário 22**. (1974-1975). São Paulo: Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo, 2022.

LACAN, J. **Encore (1972-1973)**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

LIMA, A. F. D.; BATISTA, K. D. A.; LARA JUNIOR, N. A ideologia do corpo feminino perfeito: questões com o real. **Psicologia em Estudo**, v. 18, p. 49-59, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/dj8qFH9Dk5SBKtLNhnYDY4q/>. Acesso em: 12 set. 2024.

MARCOS, C. M. Considerações sobre o feminino e o real na psicanálise. **Psicologia em Estudo**, 16, 149-156. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/SGBT3hbfbT8GgNnGvPXHzK/?lang=pt>. Acesso em: 12 set. 2024.

MARTINS, L. P. L. Sexualidade, gênero e identidade: questões para a psicanálise. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 22, n. 2, p. 215-237, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2019v22n2p215.4>. Acesso em: 12 set. 2024.

MELLO, D. M.; SOUZA, J. D. D. S. A devastação no masculino e a violência contra o feminino nas mulheres. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 24, n. 4, p. 749-775, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n4p749.13>. Acesso em: 12 set. 2024.

MILLER, Jacques-Allain. Mulheres e Semblantes II. **Opção Lacaniana online**. Ano 1, n. 1, pp. 1-25, 2010.

OLIVEIRA, M. P. D. **Violência contra as mulheres: reflexões sob o viés da psicanálise de Freud e Lacan.** Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo, 2021. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-12072021-183356/publico/oliveira_corrigida.pdf. Acesso em: 12 set. 2024.

RABELO, F. C.; DIAS, R. R.; MARTINS, K. P. H. Femenino y Transmisión Generacional en Beira rio beira vida, de Assis Brasil. **Rev. Subj.** [online], v. 20, n. 3, p.1-13, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20i3.e9537>. Acesso em: 12 set. 2024.

RABINOVICH, D. **A significação do falo:** uma leitura. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

ROSA, M. D. **Psicanálise, política e cultura:** a clínica em face da dimensão sócio-política do sofrimento. Doutorado: Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: <https://psicanalisepolitica.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/06/psicanc3a1lise-cultura-e-polc3adtica-livre-docencia-maio-2015impresso.pdf>. Acesso em: 12 set. 2024.

SCHMITZ, E. D. Uma breve história da histeria: da antiguidade até os tempos atuais. **Revista Mosaico-Revista de História**, v. 14, n. 2, p. 227-238, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.18224/mos.v14i2.8754>. Acesso em: 12 set. 2024.

SILVA, M. **O Retorno de Medusa:** O mito da mulher símbolo da monstruosidade. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Comunicação e Expressão, Animação). Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2022.

SOLER, C. **O que Lacan dizia das mulheres.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

TFOUNI, F. E. V. Interdito e silêncio: análise de alguns enunciados. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, n. 16, p. 39-56, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982013000100003>. Acesso em: 12 set. 2024.

ENTRE PSICANÁLISE E POLÍTICA CIRCULAM AFETOS DEMASIADAMENTE HUMANOS

Juçara Rocha Soares Mapurunga

Bruno Teixeira Priante

Caio Citó Rodrigues

Psicanálise e política se fazem na dinâmica da continuidade. É preciso ser perene nestes territórios, insistir nas lacunas que neles aparecem, para se produzir algo tanto do não saber que baliza a psicanálise, como daquilo que se sabe e que orienta o fazer político. Seguindo a proposta do VII Dia Demasiadamente Humano que, posto defronte a uma esfinge, lançou questões sobre os afetos, a roda de trabalhos aqui descrita articulou uma discussão entre psicanálise e política, e, nesse caso, é impossível nos desviarmos dos efeitos dos afetos nestas searas demasiadamente humanas, afetos estes que emulam uma ponte capaz de unir esses dois campos que, inegavelmente, se comunicam.

Afeto é aquilo que nos atravessa, que dá forma à substância amorfa que é o bicho homem. É aquilo que nos constitui: a nível individual, na triangulação edípica e no romance familiar, mas a nível social, cultural e civilizatório também, sob a égide da coletividade. A política também é isso que nos afeta e que tantas vezes nos angustia por paralisar a dimensão simbólica. Embora não seja essa a sua via de atuação, por vezes vemo-nos com a palavra estagnada diante de uma dinâmica política que insiste pelo apagamento da alteridade e em prol de uma falaciosa uniformização.

Numa tentativa de ir contra esta dinâmica, de reafirmar que a política é parte do liame do sujeito com a alteridade e de demonstrar que é parte do fazer político o diálogo com o diverso - com o outro -, esta roda foi pensada. É interessante lembrar que Freud (1937/2015) define o governar e o psicanalisar, ao lado do ensinar, como ofícios impossíveis. O que está por trás da impossibilidade destas ocupações? É meramente a dificuldade? Podemos pensar pela lógica lacaniana que a dificuldade implicada nesses labores vem do fato de que a palavra - precária e transitória - é um instrumento falho (Lollo, 2018). Mas nem por isso podemos prescindir dela e dos seus efeitos e afetos nesta discussão.

É a partir da limitação da palavra e do próprio ofício que essa roda foi articulada. Buscamos ter em mente nas produções e nos debates a recomendação freudiana de que

o labor daquele que, com afinco, atua pela causa analítica é mesmo da ordem de um trabalho, assim como também é o ofício político que se faz em palanques e plenários, mas que é feito, primordialmente, além deles. Antônio Soares Amora (2008) define em seu dicionário de língua portuguesa que trabalho é toda atividade humana aplicada à produção de riqueza. Podemos pensar que a grande produção do trabalho analítico gira em torno não de bens, mas de afetos que dão trabalho e fazem o trabalho acontecer. Podemos, ainda, pensar numa produção que não opera pela ordem do acúmulo, mas da perda - de ideais, certezas, sentidos, respostas. Pensar sobre o inconsciente é, inegavelmente, pensar sobre política. O inconsciente não está posto muito menos já é dado, assim como a política também não o é. Um elo de aproximação entre os dois, para além dos afetos, é a linguagem como esse ente medular. O inconsciente é estruturado como uma linguagem, como nos adverte Lacan (1985) em seu seminário XX, e assim também é a política: feita, atravessada e sustentada por discursos.

Embora o discurso não se limite à palavra (Lacan, 1992), não é possível desvinculá-la da política. O que é dito ecoa, caminha, vaga, atravessa e, por fim, da forma, cria, bordeja, dá consistência. Não existe um fazer político sem que haja um fazer do verbo ali imbricado. É neste ensejo que podemos elucubrar sobre os afetos humanos que circulam entre psicanálise e política e que implicam a prática e a teoria psicanalítica com questões sobre escolhas democráticas, a liberdade, o sofrimento psíquico, a ética do desejo que orienta nossa práxis e as formações do inconsciente que nos guiam em nosso mergulho na turbidez da escuta. Fato é: a experiência é, do individual ao coletivo - e vice-versa -, norteadora da ação política do psicanalista.

Cabe neste momento fazermos um retorno ao ensinamento de Lacan (1998) de que ao analista compete, entre outras coisas, o empenho em acompanhar a subjetividade de sua época. Empenho esse que sempre será da ordem do inatingível em sua plenitude, mas é preciso um movimento perene, como supracitado, em direção a este ideal ético. Visando ter como norte esta recomendação, a roda foi pensada e organizada a partir de discussões sobre o capitalismo, amor, cinismo, a filosofia, o ensinar, o apagar e o encontrar. Acharmos muitas perguntas nas discussões, mais do que respostas, e de forma orgânica, a roda de discussão e de trabalho operou por uma vertente que nos permitiu costurar estes temas e alinhavar o nosso desejo por fazer a psicanálise transitar, circular e habitar a universidade.

Não nos parece exagerado reconhecer no conjunto dos resumos expandidos propostos dois eixos temáticos principais: o que versa sobre os efeitos da colonização

como processo instituinte da modernidade — e da contemporaneidade como devedora dessa empreitada —, e o que aponta pontos de fuga para a estrutura filosófica, política e subjetivante derivada de tal processo. No todo, bem dito por Rosa *et al.* (2021), essa modernidade tal como foi instituída, parte de uma organização do poder que autoriza-se uma gestão da violência, uma produção de afetos tristes e um manejo dos jogos de identificação que atíça, valendo da ambivalência, um embate interno à classe trabalhadora. Em resumo, uma “herança das formas de dominação colonial que subjuga e deseja amedrontar aqueles que devem permanecer em posição de desvantagem quanto aos interesses inconciliáveis de uma sociedade de classes” (Rosa *et al.*, 2021, p. 191).

No primeiro grupo, encontramos o trabalho que abriu as discussões e se debruçou sobre a subjetividade neoliberal no capitalismo e a produção de afetos tristes neste modelo socioeconômico no qual estamos, invariavelmente, imersos. Os autores discutem a forma como uma “cartografia do contemporâneo” (Siqueira; Nobre; Teixeira, 2023) arquiteta um modo de relação com a realidade no qual o sujeito é feito para orbitar o mercado, o capital e o lucro. Essa órbita, como apontam os autores, age numa frente que sequestra o agir e impele a apenas reagir. Pensar dessa forma autoriza-nos a refletir sobre o cerceamento da criatividade num mundo que prioriza a repetição acrítica de comportamentos, discursos, estéticas e ficções.

Se em psicanálise pensamos eticamente na clínica do um a um, do caso a caso, uma dinâmica social regida por esta cartografia neoliberal cerceia a poética da neurose. Em seu terceiro seminário, Lacan (1988) define a neurose como um campo da poesia por introduzir uma nova dimensão da própria experiência a partir da fala. Em tempos de DSM-V, dos transtornos muito bem delimitados e de uma visão maniqueísta de sofrimento psíquico parece ser mais importante compreender o discurso vigente para, assim, reproduzi-lo a construir um saber e uma verdade inéditos e autorais sobre o próprio sofrimento.

Indo além, mas ainda atados aos afetos tristes do capital, da esfera internacional a que o capitalismo se propõe enquanto continuador do processo colonial à dimensão nacional, devemos destacar um dos trabalhos que se centrou na recuperação da memória e do legado cultural dos campos de concentração cearenses. Tais campos, criados a partir de 1915 para amontoar sertanejos que fugiam da estiagem histórica, constituíram um meio viável aos governantes e à elite fortalezense de impedir que uma massa populacional chegasse à capital.

Nesse caso, como mostra o trabalho, desvela-se uma lógica similar à existente no DSM-V: uma visão maniqueísta do fato histórico, que trata de apagar suas particularidades e conflitos internos ao processo. A proposição dos autores, por outro lado, é de uma política da memória que possibilite o resgate coletivo, através dos relatos; de uma produção de saber sobre o sofrimento que encontre reverberação transgeracional, introduzindo uma nova dimensão à experiência do ser cearense (Alves; Girão; Mapurunga, 2023).

Dois trabalhos versaram sobre o fenômeno bolsonarista, o primeiro sobre experiências relacionadas à era bolsonarista e o segundo sobre as tendências disruptivas desse movimento. O primeiro logrou uma análise de conteúdo sobre discursos diversos que marcaram esse período, revelando relatos de sofrimento ligados ao medo da pandemia e da violência, às desavenças afetivas com familiares e amigos, sofrimento atrelado ao ódio disseminado no laço social e ligado à conduta de governo.

O segundo produziu uma análise distinta das realizadas usualmente, quando se tematiza a disrupção característica do bolsonarismo. O autor tratou de demonstrar a impulsão bolsonarista ao golpismo como um dos mais antigos e fundamentais pilares de sustentação do fenômeno de massas bolsonarista. Apoiado amplamente em Safatle (2008), fez da categoria cinismo um modo de ler as novas formas de operação da ideologia dominante, fundamentada em paradoxos próprios da lógica que justifica a passagem ao estado de exceção.

Buscando contemplar na discussão o segundo eixo temático destacado no início desta seção, o momento pede que nos atenhamos aos trabalhos que, em suas discussões, versaram sobre pontos de escape à lógica vigente e que fabrica um bastião que sustenta o status quo normativo. Assim sendo, os trabalhos deste segundo eixo fizeram uma brilhante costura na qual coseram, em comunhão, temáticas sobre a linguagem, a filosofia, o aprendizado e o amor como vias de se escapar a uma normatividade que tolhe em demasia em nome da lógica acumuladora.

Seguindo no percurso lógico que a roda nos deu oportunidade de construir, o terceiro trabalho presente no evento versou sobre os encontros e desencontros entre o politicamente correto e o que pode ser considerado psicanaliticamente correto. Entre a fala do analisante, que é uma fala determinada pelo discurso proferido em associação livre que traz à tona o inconsciente, e o discurso da Psicanálise, hoje veiculado pela mídia, há desencontros. Freud, sempre teve muito cuidado com o uso das palavras e, usa esse termo “correto” ao se referir a linguagem, ou a técnica psicanalítica em muitos

textos sobre a técnica e em especial no texto “Análise terminável e interminável” (1937/2015), em que faz várias referências à forma correta de atuação de um psicanalista.

Essa ambivalência entre a fala em associação livre do paciente e a divulgação do discurso da psicanálise, remetem aos conflitos, às interações humanas e às formações do inconsciente. A noção de inconsciente, à qual Freud deu toda a sua pertinência como conceito fundamental da psicanálise, remete a um outro lugar que não o da consciência, e é por intermédio da linguagem que se faz essa passagem do inconsciente para o consciente. O inconsciente é formado através da linguagem, nas relações que se estabelecem com os outros, por isso é social, porque o recalqueamento - em particular o recalqueamento originário - provém de um consenso social. (Melman, 2003). Hoje, como na era freudiana, também, vivemos em uma época em que se verifica um cuidado com o uso das palavras para ser tido como politicamente correto. O politicamente correto ou correção política, se refere a uma política que consiste em querer tornar a linguagem neutra em termos de discriminação assim como, também, evitar atitudes que possam ser ofensivas e moralmente condenáveis pelo mundo contemporâneo (Bizzocchi, 2008). A expressão politicamente aplica-se, não só à linguagem, mas aos mais variados campos das relações sociais, tendo por principais características: moldar comportamentos, hábitos, gestos e linguagem para gerar a inclusão social de grupos e combater comportamentos, hábitos, gestos e linguagem que indiquem recusa dessa inclusão (Possenti, 2009).

Então o objetivo deste trabalho é questionar se a fala em associação livre, em que vem à tona as formações do inconsciente, pode ser dita politicamente correta, além de investigar se o discurso da psicanálise, ao contrário da fala do analisante pode ser politicamente correto ao se endereçar ao social e dentro do dispositivo analítico através da posição do analista. A política da psicanálise é dirigir o tratamento por um analista não contaminado pelo poder, pois a posição do analista é a de operar em uma função em que ele não é um ser, mas um objeto causador de desejo no analisante para que ele fale. Portanto sem poder, só o de dirigir o tratamento dentro da ética da psicanálise. Ao fazer a articulação entre o poder da linguagem politicamente correta de modificar comportamentos e representações sociais versus o poder da linguagem psicanaliticamente correta, que seria a fala plena em associação livre, conclui-se que dentro do dispositivo psicanalítico a fala do analisante é politicamente incorreta, mas a posição do analista é de uma correção política ao seguir a ética da psicanálise, longe

de preconceitos e da moral de sua época, sabendo que veicula o discurso da psicanálise e que tem uma responsabilidade sobre isto pois lida com problemas da liberdade e escolha do sujeito em um mundo politicamente incorreto.

Falar em linguagem e em inconsciente impele-nos a falar sobre a criatividade. Isto posto, pensamos ser interessante nos debruçarmos sobre a filosofia da imanência debatida por um dos autores como um movimento de compreensão da vida como algo em constante movimento. Os autores fizeram uma interessante discussão sobre a forma como a criatividade, para além de somente criar algo material e palpável, cria a vida em si. Segundo Nobre e Mapurunga (2023), a criatividade é este artifício que, se relacionando com o modo de existir no laço social, oferece potencial e repertório para viver em contato com a cultura e com a alteridade.

Ora, que outro espaço mais atravessado por aquela dinâmica neoliberal produtora de afetos tristes que a cultura? O mal-estar, como deixou Freud (1930/2010) em seu legado, habita, inegavelmente, a cultura. É função dela apresentar-nos o mal-estar. É efeito dela também forçar-nos a pensar em saídas para o mal-estar que ela mesma cria. Podemos pensar na criatividade como descrita pelos autores como uma narcose fundamental para tolerar a existência, e essa narcose é, fundamentalmente, coletiva. Como afirmam os autores, “a vida é esse jogo de forças, luta constante por afirmação, uma vontade alegre que não se deixa submeter por uma moral” (Nobre; Mapurunga, 2023, p. 115). Assim sendo, podemos pensar na própria moral civilizatória como uma fonte de mal-estar.

Um outro trabalho apresentado versou sobre o amor, a feminilidade, o desejo e o adultério. A proposta desta discussão foi de, a partir da adoção da era vitoriana na Europa como recorte geográfico e temporal, debater sobre o adultério feminino como sendo possuidor de uma função que vai além do vilipêndio da “fé conjugal” (Kosovski, 1997, p. 18). Os autores se utilizaram do romance francês *Madame Bovary* e, a partir de *Emma*, integraram conceitos legais, literários, históricos e psicanalíticos para pensar no adultério da dama como uma via de insurgência e emancipação para aquelas mulheres que, exaustas dos papéis de filha, irmã, esposa e, caso tivessem sorte, mãe, apostaram no amor ilegítimo como caminho para um distanciamento criativo.

Inicialmente, *Emma*, protagonista do romance de Gustave Flaubert, tem contra ela o laço social. Mas, articulando esta discussão à proposta do trabalho debatido sobre a criatividade como uma forma de inventar o viver, a mulher tinha a seu favor uma crônica insatisfação que, segundo Rodrigues e Mapurunga (2023), estrutura, borda e

esculpe a mulher do século XVIII. De acordo com os autores, esta emancipação consiste em demarcar o lugar da mulher enquanto sujeito desejante, posição que, por vezes, prescinde por conta de um “sistema que, ao passo que naturaliza papéis de gênero, impede a poética do existir ao tolher o direito de se introduzir uma nova dimensão de experiência” (Rodrigues; Mapurunga, 2023, p. 141).

A ideia central do trabalho, muito embora se refira a uma demarcação temporal que antecede o capitalismo e o neoliberalismo tal como estão firmemente instituídos hoje, discute que o adultério ocupa funções distintas para a díade matrimonial pois tem relação com a proteção da família como instituição moral, base da sociedade, mas também como instituição de acumulação de bens. Em dado momento, se utilizando de discussões trazidas por Ester Kosovski, Rodrigues e Mapurunga (2023, p. 142) debatem que “o *ato* entre um homem e uma mulher virou fato criminoso quando o simples *ato* deixou de ser um *simples* ato.” A punição ao adultério brota como tentativa de preservar a ordem moral civilizatória e fazer a linha sucessória agnática - atrelada ao pai - ilibada.

Durante o debate, foi discutida a própria construção da família burguesa e monogâmica - que se fundou a partir do predomínio masculino sobre a mulher - como sendo o primeiro lugar onde a opressão de classes aconteceu. Desta feita, retomando a proposta da criatividade em nome da emancipação frente a uma insatisfação latente, foram articuladas as noções de histeria e bovarismo como um poder subversivo que autorizava essa mulher a se imaginar e, por conseguinte, se fazer diferente daquilo que eram. Os autores apontam que “fantasiando e consumado o adultério, Emma pôde se deleitar de finalmente encontrar as alegrias do amor” (Rodrigues; Mapurunga, p. 143), e recuperam a escrita de Flaubert ao definir como seria a vida após a empreitada contra a norma vigente: “paixão, êxtase e delírio” (2011, p. 262).

Pensar por este viés autoriza-nos a conceber que o próprio ato adúltero, ao lado das mulheres, é uma via de se emancipar de uma vida que esteja obrigatoriamente alienada ao Outro patriarcal. Não à toa movimentos ostensivos por parte do Estado e da Igreja Cristã em conter a sexualidade feminina e apelar para o apego à *pudicitia*, conceito que se relaciona à castidade feminina e que foi fundamental para manter controlada e vigiada a sociedade ocidental pré-capitalista tal como fomos apresentados. Sociedade esta que, invariavelmente, deu os caminhos para a forma como o atual sistema se fundamenta: a partir da construção de afetos tristes e castradores da criatividade como outrora debatido.

Por fim, um último debate que pudemos acompanhar na roda que também faz uma operação - bastante pessoal, inclusive - no enfrentamento criativo dos baluartes neoliberais cerceadores da autonomia e da própria criatividade, girou em torno do desejo de aprender. Não um desejo anônimo, mas um desejo atravessado por afeto e transferência, um desejo nomeado, corporificado e implicado na dinâmica pulsional e visceral inegavelmente humana. A partir de pesquisas qualitativas, coleta de dados e de entrevistas, as autoras se voltaram para os achados de que a afetividade entre aquele que ensina e aquele que aprende é peça chave no processo de transmissão de um saber. A experiência atravessa os sujeitos e os enoda num laço que demonstra que ensinar, longe de ser entre alguém que sabe e alguém que não sabe, se firma na certeza de que a experiência é uma via de mão dupla na qual ambas as partes estão sujeitas a aprender uma com a outra. O fio que amarra é, indubitavelmente, a gentileza, a empatia e a escuta implicada, atravessada pelo desejo de se fazer presente nessa relação (Soares; Mapurunga, 2023).

Pensando na criatividade do processo, achamos interessante trazer à tona uma fala das autoras na qual debatem que “faz-se necessário abandonar a disciplinarização existente nas instituições escolares que buscam muito mais a dominação e a obediência do que as relações afetuosas entre professores e alunos”, criando um vão de distanciamento entre aquele que aprende e a possibilidade de sentir prazer com a aprendizagem (Soares; Mapurunga, 2023, p. 139).

Em suma, a roda foi de grande valia para reafirmar o lugar político que a psicanálise e o psicanalista ocupam na cultura e no laço social. Muito embora por um lado predomine um imperativo do gozo que insiste na repetição, na homogeneização e na uniformização, por outro, a herança freudiana parece emergir como um espaço de valorização da discrepância. Moreira (2023) traz que, cegamente orientados pelo desejo e pela demanda do Outro, os sujeitos chegam aos consultórios exaustos e massacrados pelo peso dos ideais da cultura, desbussolados frente ao próprio desejo. Diante disso, parece ser uma atribuição ética da psicanálise fazer furo onde há somente essas rígidas prescrições e possibilitar que uma lacuna precipite. É político dar margem para que uma questão surja naquele que fala sobre seu lugar político, sobre seus afetos e, principalmente, sobre seu próprio desejo.

Referências

ALVES, Andrea Moreira; GIRÃO, Samuel Rocha; MAPURUNGA, Juçara Rocha Soares. Os campos de concentração cearenses e seu legado cultural. *In: DIA DEMASIADAMENTE HUMANO*, VII., 2023, Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza: Laboratório de Estudos sobre Psicanálise, Cultura e Subjetividade em parceria com Grupo de Pesquisa Educação Física Sociedade e Saúde e Grupo de Estudo do Pensamento Complexo, 2023. Disponível em: <https://diademasiadamentehumano.wordpress.com/resultados-das-acoes/>. Acesso em: 28 jun. 2024.

AMORA, Antônio Soares. **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**. 18. ed. São Paulo: Saraiva, 2008. 818 p. ISBN 978-85-02-07395.

BIZZOCCHI, A. É correto ser politicamente correto? **Revista Língua Portuguesa**, v. 3, n. 30, 2008. Disponível em: <http://www.aldobizzocchi.com.br/artigo67.asp>.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**: costumes da província. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). *In: FREUD, Sigmund. Obras Completas, volume 18: O mal-estar na civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Tradução Paulo César de Souza.

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável (1937). *In: FREUD, Sigmund. Obras Completas, volume 19: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Tradução Paulo César de Souza.

KOSOVSKI, Ester. O "crime" de adultério. Mauad Editora Ltda, 1997.

LACAN, Jacques. Seminário, livro 3: as psicoses (1955-1956). Rio de Janeiro: Zahar, 1988. 377 p.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. 209 p.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. 157 p.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem. *In: LACAN, Jacques. Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 238-324.

LOLLO, Paolo. Os ofícios impossíveis e o chamado do real. **Reverso**, Belo Horizonte, ano 40, n. 75, p. 15-24, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v40n75/v40n75a02.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2024.

MELMAN, C. **Novas formas clínicas no início do terceiro milênio**. Porto Alegre: CMC, 2003.

MOREIRA, Maíra Marcondes. **Freud e o casamento**: o sexual no trabalho de cuidado. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. 245 p.

NOBRE, Matheus Muriel de Melo; MAPURUNGA, Juçara Rocha Soares. A criatividade na filosofia da imanência. *In*: DIA DEMASIADAMENTE HUMANO, VII., 2023, Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza: Laboratório de Estudos sobre Psicanálise, Cultura e Subjetividade em parceria com Grupo de Pesquisa Educação Física Sociedade e Saúde e Grupo de Estudo do Pensamento Complexo, 2023. Disponível em: <https://diademasiadamentehumano.wordpress.com/resultados-das-acoes/>. Acesso em: 28 jun. 2024.

POSSENTI, S. A linguagem politicamente correta e a análise do discurso. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 4, n. 2. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/1016>, 1995.

RODRIGUES, Caio Citó; MAPURUNGA, Juçara Rocha Soares. O amor, a histeria e a representação do adultério feminino nos deslizamentos entre psicanálise e literatura. *In*: DIA DEMASIADAMENTE HUMANO, VII., 2023, Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza: Laboratório de Estudos sobre Psicanálise, Cultura e Subjetividade em parceria com Grupo de Pesquisa Educação Física Sociedade e Saúde e Grupo de Estudo do Pensamento Complexo, 2023. Disponível em: <https://diademasiadamentehumano.wordpress.com/resultados-das-acoes/>. Acesso em: 28 jun. 2024.

ROSA, Miriam Debieux *et al.* Por que a paz?: globalização, colonialismo e violências. *In*: MOREIRA, Jacqueline; ROSA, Miriam Debieux (org.). **Violência e psicanálise**: atualizações intersaberes. São Paulo: Coletivo Amarrações, 2021. Cap. 6. p. 185-213.

SAFATLE, V. P. **Cinismo e falência da crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SIQUEIRA, Fabíola Sousa; NOBRE, Matheus Muriel de Melo; TEIXEIRA, Leônia. O capitalismo como fabricante de afetos tristes. *In*: DIA DEMASIADAMENTE HUMANO, VII., 2023, Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza: Laboratório de Estudos sobre Psicanálise, Cultura e Subjetividade em parceria com Grupo de Pesquisa Educação Física Sociedade e Saúde e Grupo de Estudo do Pensamento Complexo, 2023. Disponível em: <https://diademasiadamentehumano.wordpress.com/resultados-das-acoes/>. Acesso em: 28 jun. 2024.

SOARES, Catarina Quintela; MAPURUNGA, Juçara Rocha Soares. O afeto traz e leva... O desejo de aprender atravessado por transferências, implicadamente humanas. *In*: DIA DEMASIADAMENTE HUMANO, VII., 2023, Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza: Laboratório de Estudos sobre Psicanálise, Cultura e Subjetividade em parceria com Grupo de Pesquisa Educação Física Sociedade e Saúde e Grupo de Estudo do Pensamento Complexo, 2023. Disponível em: <https://diademasiadamentehumano.wordpress.com/resultados-das-acoes/>. Acesso em: 28 jun. 2024.

DESVELANDO O SEXISMO: RELAÇÕES AFETIVAS, AMBIENTES DE TRABALHO E CONTEXTOS ESCOLARES

Priscilla Brito Tavares
Letícia Leite Bessa
Garlana Lemos de Sousa
Kaline da Silva Lima
Luciana Maria Maia

As diversas manifestações do preconceito estão presentes na sociedade, estruturando as identidades sociais e as relações humanas. Esse fenômeno, multidimensional e multicausal, pode ser reconhecido como um dos aspectos que compõem o humano (Lima, 2023), demasiadamente humano. Na sua definição clássica, no âmbito da Psicologia Social, o preconceito é entendido como uma atitude hostil contra uma pessoa, simplesmente por ela pertencer a um grupo desvalorizado socialmente (Allport, 1954). Por ser uma atitude, o preconceito tem componentes cognitivos (crenças e estereótipos), afetivos (antipatias e aversões) e disposicionais ou volitivos (tendências à discriminação) (Lima, 2023).

Os estereótipos são estruturas cognitivas que contêm conhecimentos e expectativas sobre grupos humanos, compartilhados socialmente e, equivocadamente, generalizados. Já as emoções interconectam os estímulos do ambiente com os comportamentos, definindo o tipo e a intensidade de afeto na relação com o outro e se esse afeto é positivo ou negativo. Assim, as emoções e os estereótipos desencadeiam comportamentos como a discriminação, que é a expressão comportamental do preconceito (Lima, 2020; Souza; Maia; Moreira, 2020).

No Brasil, diferentes grupos são desvalorizados socialmente e alvos de afeto negativo, estereótipos e discriminações. Embora possam ser, em alguns casos, maioria numérica, mulheres, negros, população LGBTQIA+, pobres, pessoas com deficiência, gordos, idosos, são minorias sociais por serem grupos em posições de menor poder sociopolítico, socioeconômico, sociorreligioso e sociodemográfico, além de terem *status* com valor negativo (Lima, 2020). Com relação a cada um desses grupos sociais, o preconceito, que é contextual e relacional, expressa-se de uma forma diferente. Assim, existem muitos e diferentes preconceitos, de acordo com cada grupo socialmente minorizado na estrutura de poder (Lima, 2023).

Uma das manifestações do preconceito, muito presente na sociedade brasileira e no mundo, é o sexismo. O sexismo envolve um conjunto de estereótipos amplamente difundidos e internalizados nas relações sociais; avaliações negativas; e ações discriminatórias dirigidas às mulheres em função do gênero. Esse fenômeno afeta diretamente as mulheres e contribui para a perpetuação das desigualdades de gênero (Ferreira, 2004; Rudman; Glick, 2001).

A Constituição Brasileira de 1988 (Brasil, 1988) apresenta homens e mulheres como iguais em direitos e obrigações; porém, as mulheres ainda fazem parte de um grupo na sociedade que enfrenta desigualdades em diferentes contextos. Essas desigualdades são uma expressão do sexismo, que, conforme definido por Smigay (2002), é uma forma de discriminação de gênero que envolve a crença de que as mulheres são inferiores aos homens.

Este capítulo tem como objetivo discutir os impactos do sexismo na experiência das mulheres no contexto de relacionamento íntimo, trabalho e escola, atentando-se para a relação entre esse tipo de preconceito e as emoções/afetos que o compõem e que são despertadas como consequência. Pretende-se, também, provocar reflexões sobre a possibilidade de enfrentamento ao sexismo nos contextos educacionais e sociais.

O sexismo nas relações íntimas: o impacto da hostilidade e da benevolência nas emoções

De acordo com a Teoria do Sexismo Ambivalente de Glick e Fiske (1996), o sexismo é caracterizado por atitudes hostis (objetificação e discriminação negativa contra mulheres) e benevolentes (paternalismo protetor e discriminação positiva). As atitudes hostis são flagrantes e explicitamente aversivas, enquanto as benevolentes, devido à sua subjetividade, são consideradas aceitáveis, bem-vistas e mais difíceis de identificar.

O sexismo se manifesta em vários contextos, demonstrando que as mulheres enfrentam mais desafios do que os homens, em razão de estereótipos sobre seus papéis (Sousa & Cardoso, 2020). Logo, atitudes benevolentes têm consequências degradantes, reforçando a desigualdade de gênero de maneira sutil e aparentemente amável (Glick; Fiske, 1996).

No contexto dos relacionamentos íntimos, Sousa (2022) argumenta que a cultura patriarcal exerce uma influência significativa sobre a vida das mulheres, contribuindo para que elas permaneçam em relacionamentos sexistas sem

necessariamente perceberem. Segundo Sousa (2022), a manutenção do casamento é frequentemente vista como uma responsabilidade exclusiva das mulheres, refletindo o modelo tradicional de uma esposa ideal: compreensiva, altamente dedicada, capaz de resolver todas as questões domésticas, responsável por organizar a casa e educar os filhos. Nesse arranjo, o papel do homem é o de trabalhar e responsabilizar-se pelo sustento financeiro da família.

De acordo com Glick e Fiske (1996), nos relacionamentos íntimos entre homens e mulheres, há uma maior probabilidade de desenvolvimento de atitudes sexistas. Na perspectiva da Teoria do Sexismo Ambivalente, essas atitudes podem se manifestar tanto em práticas hostis (objetificação e discriminação negativa contra mulheres), quanto em práticas benevolentes (paternalismo protetor e discriminação positiva). Em contraste ao sexismo hostil, que se caracteriza por comportamentos agressivos diante da sua companheira, o sexismo benevolente idealiza as relações heterossexuais, retratando as mulheres como o complemento ideal para os homens. Consequentemente, as mulheres podem começar a ver essas relações como perfeitas e inofensivas (Glick; Fiske, 1996).

O sexismo em relacionamentos íntimos se manifesta por meio de julgamentos tendenciosos das atitudes dos parceiros, influenciados pelo sexismo ambivalente. As mulheres tendem a superestimar o sexismo hostil dos parceiros e subestimar o sexismo benevolente, motivadas pela necessidade de evitar maus-tratos potenciais e o custo de expectativas não atendidas (Waddell; Overall, 2023).

O sexismo em relacionamentos íntimos tem um papel fundamental na formação de atitudes em relação à violência contra as mulheres. Estudos mostram que o sexismo ambivalente, que inclui atitudes hostis e benevolentes, influencia a aceitação da violência por parceiro íntimo (VPI) e comportamentos controladores (Cinquegrana; Marini; Galdi, 2022). O sexismo hostil está consistentemente ligado a uma maior aceitação da violência, enquanto o sexismo benevolente pode resultar em uma menor tolerância à violência por parte de estranhos, mas uma maior aceitação da violência conjugal, reforçando a dinâmica de poder dentro dos relacionamentos (Sengupta *et al.*, 2022).

Atitudes sexistas nos relacionamentos íntimos também contribuem para a perpetuação da desigualdade de gênero, pois podem influenciar as mulheres a priorizarem a segurança do relacionamento em detrimento do sucesso profissional (Overall; Hammond, 2018). Dessa maneira, é comum que uma mulher opte por se

dedicar ao relacionamento em vez de seguir sua carreira, o que a coloca em uma posição de dependência em relação a um homem que se mostra atraente, carinhoso e comprometido em sustentar e proteger a família (Cross et al., 2017).

Ao explorar a relação entre emoções e o sexismo ambivalente, é essencial entender como as atitudes hostis e benevolentes impactam as emoções das mulheres nos relacionamentos. As atitudes hostis, como a objetificação e a discriminação negativa, geram sentimentos de inferioridade, medo e insegurança. Por outro lado, as atitudes benevolentes, apesar de aparentemente positivas, podem evocar sentimentos de gratidão e segurança que reforçam a aceitação de papéis tradicionais e a dependência emocional (Belo, 2005).

As emoções desempenham um papel crucial na manutenção e na dinâmica dos relacionamentos afetados pelo sexismo ambivalente. Quando as mulheres internalizam o sexismo benevolente, elas podem sentir-se valorizadas e protegidas, o que camufla a realidade da desigualdade e perpetua um ciclo de dependência emocional. Além disso, as emoções como a culpa e a obrigação, derivadas das expectativas sociais de serem cuidadoras e mantenedoras do lar, reforçam a aceitação das normas patriarcais. Dessa forma, ao analisar o impacto do sexismo ambivalente nas emoções das mulheres, é possível compreender melhor como essas atitudes perpetuam as desigualdades de gênero e influenciam a dinâmica dos relacionamentos.

A Persistência das desigualdades de gênero: um panorama do ambiente de trabalho

Em diversas culturas ainda se faz presente a crença de que homens e mulheres devem ocupar diferentes papéis sociais (Swim; Hyers, 2009). Por consequência disto, tem-se a manutenção de uma relação hierárquica de gênero, a qual é legitimada por atitudes depreciativas contra as mulheres e se ancora no preconceito representado por atitudes negativas (Fiske, 1998).

Nesse sentido, outro setor da sociedade em que as mulheres experimentam as consequências do preconceito e da discriminação é o profissional. No mercado de trabalho, elas enfrentam diversas barreiras que as impedem de alcançar plena igualdade de oportunidades. Um dos principais desafios é a disparidade salarial entre homens e mulheres. Estudos como os de Barros e Mourão (2020), Cambota e Pontes (2007) e Giuberti e Menezes-Filho (2005) comprovam que, para o mesmo cargo e função, as mulheres recebem remunerações inferiores às dos homens. Essa

discrepância salarial é ainda mais acentuada em áreas de predominância masculina, como cargos de liderança.

No setor industrial, por exemplo, as mulheres constituem 40% da força de trabalho. Apesar desse número significativo, elas ainda são minoria em cargos de gestão e praticamente ausentes em posições de alta visibilidade, como executivas (Moller; Gomes, 2010).

Pode-se visualizar também a vitimização de mulheres por atribuição de estereótipos de gênero no ambiente laboral, que limitam suas perspectivas profissionais (Lima, 2013). De acordo com Eagly e Karau (2002), esses estereótipos associam as mulheres a características como fragilidade, passividade e aptidão para tarefas domésticas, desvalorizando suas capacidades e competências em áreas tradicionalmente vistas como masculinas.

No contexto de trabalho, Dahl (1993) aponta que as mulheres estão susceptíveis a diversas formas de discriminação, como assédio sexual, desvalorização profissional e negação de oportunidades de progressão na carreira. Essas práticas contribuem para um ambiente hostil e desigual, onde as mulheres não se sentem valorizadas e têm suas habilidades subestimadas.

A perpetuação das desigualdades de gênero no trabalho tem raízes profundas no sistema patriarcal, que historicamente relegou às mulheres a um papel secundário na sociedade. Gomes e Silva (2001) argumentam que essa crença na inferioridade feminina permeia as relações sociais e profissionais, justificando a discriminação e a subordinação das mulheres.

Alguns dados exemplificam essa realidade. Segundo o IBGE (2021), em 2019, as mulheres brasileiras obtiveram em torno de 77,7% do montante salarial auferido pelos homens, sendo que em cargos de direção e gerência, esse valor era de 61,9% do rendimento dos homens e, entre os profissionais da ciência e intelectuais, de 63,6%. Um fator indicado pelo órgão que pode limitar a maior e melhor participação das mulheres no mercado de trabalho é o direcionamento para os cuidados do lar.

Além da desigualdade de cargos e salários, uma realidade ainda mais preocupante pode ser exemplificada pelos dados de uma pesquisa realizada com mulheres brasileiras pelo Instituto Patrícia Galvão e Instituto Locomotiva (2020), sobre Violências cotidianas no trabalho. Os achados mostram que 36% das trabalhadoras afirmaram sofrer preconceito ou abuso por serem mulheres. No entanto, esse número aumentou para 76% quando diferentes situações de violência foram

apresentadas, tais como: suas opiniões ou pontos de vista não eram levados em consideração; serem humilhadas na frente dos colegas de trabalho, o que demonstra que muitas vivenciavam tal fenômeno, mas não o nomeavam.

Refletir sobre a discriminação relacionada ao gênero no local de trabalho por meio da lente da Teoria do Sexismo Ambivalente oferece a oportunidade de avaliar a ampla gama de experiências sexistas. Essa percepção é muito importante, porque as novas formas de manifestações de discriminação de gênero variam muito no trabalho, desde ataques explícitos a formas mais sutis, como ser descartada de conversas importantes (Suskind; Lurie, 2011).

Com base no exposto e diante da sociedade em que vivemos, distanciada de igualdade de gênero, é premente refletir sobre quais comportamentos podem corroborar a ideia de discriminação de mulheres.

Sexismo dirigido às estudantes no ambiente escolar: tudo começa muito cedo

A violência de gênero é presente no cotidiano de milhares de meninas e mulheres brasileiras. Em 2023, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública apresentou a pesquisa ‘Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil’, mostrando que aproximadamente 30% das brasileiras passaram por algum tipo de violência ou agressão durante o ano de 2022 (FBSP, 2023). No contexto educacional, pesquisas mostram que meninas são mais frequentemente vítimas de bullying do que os meninos (Santos; Faro, 2018; Rosa; Souza; Borges, 2020).

Malta et al. (2022), ao discutirem o resultado da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2019, que revelou que as meninas são com mais frequência vítimas de bullying, consideraram que esse fenômeno pode ser explicado à luz da masculinidade hegemônica. Presente na sociedade e na escola, esse tipo de masculinidade impulsiona o comportamento da agressividade e da força física entre os meninos, assim como, determina os papéis sociais a serem desempenhados aproximando-os de estereótipos sociais masculinos.

O enfrentamento ao sexismo requer um compromisso coletivo e ações coordenadas em várias frentes. Nesse sentido, são necessárias políticas educacionais e uma legislação que promova a igualdade de gênero. Recentemente, tem-se a Lei nº 14.164, de 10 de junho de 2021, que incluiu conteúdo sobre a prevenção da violência

contra a mulher nos currículos da educação básica e instituiu a Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher.

Um ambiente em que se encontra o desrespeito, a humilhação ou qualquer tipo de violência, não é onde qualquer pessoa almeja estar, seja ela um adulto, uma criança ou um adolescente. A ausência nas aulas, provocada pela sensação de insegurança, associa-se às causas prováveis, inclusive, para a perda de ano letivo ou ao baixo desempenho escolar (Atlas da Violência, 2023).

Para Menezes (2013), uma das funções da escola seria a de orientar e construir conhecimentos sobre desigualdade de gênero e sexismo. Essas medidas são necessárias, especialmente quando se reconhece que o acesso e a permanência na escola continuam sendo um desafio significativo para as meninas.

Nesse âmbito, destaca-se a relevância do papel da educação sexual abrangente como uma estratégia fundamental para prevenir esse tipo de violência, que propicia relacionamentos saudáveis e pode proporcionar o bem-estar das crianças e adolescentes (UNESCO, 2018).

A partir da análise dos Projetos de Lei 246/2019 e 1859/2015, os autores Moura e Silva (2023) identificaram estratégias conservadoras que, autoritariamente, deslegitimam a inclusão na formação escolar sobre gênero e sexualidade. Dentre elas, pareceu urgente investigar a instrumentalização da religião, pois favorece a subordinação da crença religiosa, sobretudo associada ao conservadorismo moral imbricado na tradição cristã brasileira, ao discurso político autoritário onde a recusa em reconhecer e acolher a diversidade sexual e de gênero na escola colabora para a constituição de um ambiente hostil e excludente, impedindo-a de se tornar um espaço verdadeiramente democrático e plural.

Existe ainda um grande desconhecimento sobre a violência de gênero no Brasil. Apenas a violência física contra a mulher costuma ser percebida, enquanto as demais violências, que ocorrem antes das agressões corporais, são invisibilizadas. Para refletir a esse respeito, sugere-se a observação do atraso nas políticas públicas voltadas para o combate a esse tipo de violência na legislação, como se pode ver a seguir: “O conceito jurídico do feminicídio surge no Brasil apenas em 2015, com a sanção da Lei no 13.104 – que o definiu como um tipo específico de homicídio doloso qualificado, por ser cometido contra a mulher por razões da condição de sexo feminino” (Atlas da Violência, 2023).

O estudo realizado por Madureira e Branco (2015), intitulado ‘Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as’, apresentou em seus resultados que, apesar da maioria dos/as participantes acreditar que a escola deve realizar um trabalho de educação sexual, há uma lacuna entre o que está previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais e o que ocorre de fato. Isso mostra o quão necessário é fortalecer políticas públicas e leis que garantam a igualdade de gênero na educação e que combatam a violência contra a mulher e promovam a diversidade sexual e de gênero.

Diante desse cenário, ressalta-se a importante contribuição do estudo realizado por Groff et al. (2022), que trata sobre o ‘Estado da Arte sobre Violência e Escola: Análises e Problematizações Ético-Políticas’. O estudo aponta a escassez de pesquisas sobre sexismo e outras formas de preconceito, como racismo, homofobia e capacitismo e demais violências presentes nas relações escolares e estruturais em nossa sociedade, por estar atrelada a invisibilização dos marcadores sociais.

Reflexões finais: é possível combater o sexismo?

Enfrentar o preconceito, em qualquer uma das suas formas, não é tarefa fácil. Segundo estudos da Psicologia Social, o preconceito sempre esteve presente na humanidade e, além disso, ele pode ser comparado a um vírus que se reproduz e se adapta aos ambientes. Assim, diante das pressões normativas, os preconceitos mudam de expressão, tornando difícil seu reconhecimento e combate (Lima, 2023).

Com o sexismo não é diferente. Uma nova expressão desse preconceito, tão antigo, é quando ele se organiza na forma de práticas benevolentes, como sinalizado pela Teoria do Sexismo Ambivalente (Glick; Fiske, 1996). De modo velado, o sexismo benevolente assume uma forma de expressão permitida socialmente, com aspecto inofensivo às mulheres. Mesmo assim, gera violência, opressão e desigualdade de gênero.

Diante disso, é possível realizar intervenções que combatam e transformem essa forma de preconceito? É possível que em algum momento a mulher experimente uma vida em que a igualdade de gênero seja respeitada? Para Lima (2023, p. 436), “os preconceitos são invenções humanas, produzidas por seres humanos, e por isso podem ser vencidas também por eles”. Para tanto, é necessário compreender as causas e consequências, bem como, empreender ações de combate nas dimensões individual, cultural e institucional.

Apesar de mencionar o plano individual, o próprio autor explica que pouca coisa pode ser feita por se tratar de predisposições genéticas e evolucionárias para o preconceito. Mesmo assim, supõe que mudanças nas outras dimensões podem alterar esses padrões (Lima, 2023).

Nos planos institucional e cultural de combate ao preconceito, as intervenções costumam ser feitas no contexto em que o problema emerge, como em escolas, empresas, comunidades e mídia. Intervenções baseadas em modelos identitários, como o Modelo de recategorização⁴, têm apresentado algum sucesso na redução do preconceito. Outra estratégia utilizada em cenários naturais ou realísticos e que apresentou resultados positivos de redução de preconceitos foi a técnica do “Jigsaw”, que são atividades em que crianças de diferentes grupos precisam interagir cooperativamente para a solução de um problema (Lima, 2023).

Rosa, Souza e Borges (2020) pesquisaram sobre o preconceito contra a mulher na educação física escolar e constataram que a separação sexista que costuma acontecer durante as aulas intensifica o preconceito e impede que os professores intervenham no combate dessa problemática. A divisão sexista nas atividades escolares torna as fronteiras das divisões de gênero mais rígidas e impossibilita que meninos e meninas se cruzem e escolham estarem separados ou juntos (Altmann, 1998).

Nessa direção, um movimento muito simples, mas que pode contribuir para o enfrentamento do sexismo, seria a não divisão entre meninos e meninas na realização das atividades escolares. Ao contrário, a escola deve promover atividades em que todos precisam cooperar para alcançarem objetivos pedagógicos. Outra pequena ação que poderia gerar grandes impactos a longo prazo, seria a eliminação de falas, expressões e comportamentos que reforçam os estereótipos de gênero entre os estudantes, por parte de gestores, professores, demais funcionários, como também, do material didático e paradidático. Um exemplo corriqueiro e naturalizado é o fardamento escolar. Em alguns casos, o fardamento é diferenciado por gênero, as meninas usam saia e os meninos bermuda, oportunizando diferentes formas de se movimentarem, organizarem seu corpo e ocuparem espaços.

Observa-se que ainda são escassas as ações voltadas para a desconstrução e enfrentamento das diferentes expressões de preconceito (Santos; França, 2021). Da

⁴ O modelo de recategorização sugere que a criação e ênfase em um pertencimento grupal mais amplo e inclusivo ajuda a superar os conflitos entre grupos. Por exemplo, "somos todos seres humanos" (Lima, 2023).

mesma forma, ainda são reduzidas as pesquisas que avaliam os resultados das intervenções a curto, médio e longo prazo (Lima, 2023). Assim, constata-se que este é um campo de intervenção e pesquisa que precisa urgentemente ser contemplado pela psicologia social e demais áreas afins.

Acredita-se, portanto, que intervenções podem e devem combater e transformar o sexismo. Contudo, ainda não podemos afirmar com certeza se nós, mulheres, ou as mulheres das gerações futuras, experimentarão uma vida em que a igualdade de gênero seja plenamente respeitada, apesar do nosso forte desejo de que isso ocorra.

Referências

ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gêneros: Marias (e) homens na educação física**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, UFMG. 1998.

ALLPORT, Gordon. **The Nature of prejudice**. Rivadavia: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1971.

BARROS, Suzane Carvalho da Vitória; MOURÃO, Luciana. Trajetória profissional de mulheres cientistas à luz dos estereótipos de gênero. **Psicologia em Estudo**, v. 25, 2020. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v25i0.46325> Acesso em: 2 jul. 2024

BELO, Raquel Pereira; GOUVEIA, Valdiney V.; RAYMUNDO, Jorge da Silva; MARQUES, Célia Maria Cruz. Correlatos valorativos do sexismo ambivalente. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, p. 7-15, 2005. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000100003>. Acesso em: 2 jul. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República.

BRASIL. Lei nº 14.164, de 10 de junho de 2021. Dispõe sobre a prevenção e o combate à violência contra a mulher. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 jun. 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14164.htm. Acesso em: 05 jul. 2024.

CAMBOTA, Jacqueline Nogueira; PONTES, Paulo Araújo. Desigualdade de rendimentos por gênero intra-ocupações no Brasil, em 2004. **Revista de economia contemporânea**, v. 11, p. 331-350, 2007. <https://doi.org/10.1590/S1415-98482007000200006> Acesso em: 2 jul. 2024.

ATLAS DA VIOLÊNCIA 2023. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Rio de Janeiro: IPEA, 2023

CINQUEGRANA, Vincenza; MARINI, Maddalena; GALDI, Silvia. From endorsement of ambivalent sexism to psychological IPV victimization: the role of attitudes supportive of IPV, legitimating myths of IPV, and acceptance of psychological

aggression. **Frontiers in psychology**, v. 13, p. 922814, 2022. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.922814> Acesso em: 2 jul. 2024.

CROSS, Emily.; OVERALL, Nickola; HAMMOND, Matthew; FLETCHER, Garth. When does men's hostile sexism predict relationship aggression? The moderating role of partner commitment. **Social Psychological and Personality Science**, v. 8, n. 3, p. 331-340, 2017. <https://doi.org/10.1177/1948550616672000> Acesso em: 2 jul. 2024.

DAHL, Tove Stang. **O Direito das mulheres: uma introdução à teoria do direito feminista**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

EAGLY, Alice, KARAU, Steven. Role congruity theory of prejudice toward female leaders. **Psychological review**, vol. 109, n. 3, p. 573-598, 2002. Acesso em: 2 jul. 2024.

FERREIRA, Maria Cristina. Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de gênero. **Temas em psicologia**, v. 12, n. 2, p. 119-126, 2004. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v12n2/v12n2a02.pdf> Acesso em: 2 jul. 2024.

FISKE, Susan. Stereotyping, prejudice and discrimination. In: GILBERT, Daniel; FISKE, Susan; LINDZEY, Gardner (Eds.) **The Handbook of social psychology**. Boston: McGrawHill, 1998, p. 357-411.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA [FBSP]. 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2024.

GROFF, Apoliana; LEANDRO, Gabriel; LOBO, Julia; ALVES, Juliana; MORAES, Marta Estado da arte sobre violência e escola: análises e problematizações ético-políticas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 22, n. 2, p. 604-623, 2022. <https://doi.org/10.12957/epp.2022.68639> Acesso em: 2 jul. 2024.

GIUBERTI, Ana Carolina; MENEZES-FILHO, Naércio. Discriminação de rendimentos por gênero: uma comparação entre o Brasil e os Estados Unidos. **Economia Aplicada**, v. 9, p. 369-384, 2005. <https://doi.org/10.1590/S1413-80502005000300002> Acesso em: 2 jul. 2024.

GLICK, Peter, FISKE, Susan. The ambivalent sexism inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. **Journal of personality and social psychology**, v. 70, n. 3, p. 491-512, 1996. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0022-3514.70.3.491> Acesso em: 2 jul. 2024.

GOMES, Joaquim Benedito Barbosa; SILVA, Fernanda Duarte Lopes Lucas da. As ações afirmativas e os processos de promoção da igualdade efetiva. **Cadernos do CEJ**, v. 24, p. 86-123, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. 2ª Edição. Estudos e Pesquisas- Informações Demográficas e Socioeconômicas, v. 38, 2021.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. Percepções sobre a violência e o assédio contra mulheres no trabalho, 2020. Disponível em: <https://ilocomotiva.com.br/wp-content/uploads/2022/01/percepcoes-sobre-violencia-assedio-mulheres-trabalho.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2024.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. Preconceito. *In: Psicologia social: Temas e teorias*. Blucher Open Access, 2023. p. 405-444.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. **Psicologia social do preconceito e do racismo**. Editora Blucher, 2020.

LIMA, Betina Stefanello. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, p. 883-903, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000300007> Acesso em: 2 jul. 2024.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral; BRANCO, Ângela Uchoa. Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 577-591, 2015. <https://doi.org/10.9788/TP2015.3-05> Acesso em: 2 jul. 2024.

MALTA, Deborah Carvalho; OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de; PRATES, Elton Junio; MELLO, Flávia Carvalho; MOUTINHO, Cristiane dos Santos; SILVA, Marta Angelica. Bullying entre adolescentes brasileiros: evidências das Pesquisas Nacionais de Saúde do Escolar, Brasil, 2015 e 2019. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 30, p. 2-12, 2022. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.6278.3678> Acesso em: 2 jul. 2024.

MENEZES, Meiryelle Paixão. A discriminação de gênero na escola. **Revista Fórum Identidades**, 2013. <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/1710> Acesso em: 14 mar. 2018.

MOLLER, Maria Alçada Baptista; GOMES, Jorge Filipe da Silva. Quid Vincit? O impacto da liderança feminina na implicação organizacional. **Análise Psicológica**, v. 28, n. 4, p. 683-697, 2010. <https://doi.org/10.14417/ap.389> Acesso em: 2 jul. 2024.

MOURA, Claudia Helena Gonçalves; SILVA, Pedro Fernando da. Escola sem partido e conservadorismo moral: instrumentalização da religião, sexualidade e gênero. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 43, 2023. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003250951> Acesso em: 2 jul. 2024.

OLIVEIRA, Catarina Sales; BOAS, Susana Villas; HERAS, Soledad Las. Estereótipos de gênero e sexismo em docentes do ensino superior. **Revista iberoamericana de educación superior**, v. 7, n. 19, p. 22-41, 2016. <https://ries.universia.net/article/view/1143/estereotipos-genero-sexismo-em-docentes-do-ensino-superior> Acesso em: 2 jul. 2024.

OVERALL, Nickola C.; HAMMOND, Matthew D. How intimate relationships contribute to gender inequality: Sexist attitudes encourage women to trade off career success for relationship security. **Policy Insights from the Behavioral and Brain**

Sciences, v. 5, n. 1, p. 40-48, 2018. <https://doi.org/10.1177/2372732217745096>
Acesso em: 2 jul. 2024.

ROSA, Marcelo Victor da; SOUZA, Marizete de Oliveira; BORGES, Andrey Monteiro. Preconceito contra a mulher na educação física escolar no nono ano. **Revista Prâksis**, v. 1, p. 102-117, 2020. <https://doi.org/10.25112/rpr.v1i0.1789> Acesso em: 2 jul. 2024.

RUDMAN, Laurie A.; GLICK, Peter. Prescriptive gender stereotypes and backlash toward agentic women. **Journal of social issues**, v. 57, n. 4, p. 743-762, 2001. <https://doi.org/10.1111/0022-4537.00239> Acesso em: 2 jul. 2024.

SANTOS, Joana dos; FRANÇA, Dalila Xavier de. Intervenções para redução do preconceito racial na escola: uma revisão sistemática. **Revista Conexões de Saberes**, v. 5, n. 1, p. 8-27, 2021. <http://dx.doi.org/10.18542/rcs.v5i1.14572> Acesso em: 2 jul. 2024.

SANTOS, Luana Cristina Silva; FARO, André. Bullying entre adolescentes em Sergipe: estudo na Capital e Interior do Estado. **Psicol Esc Educ**, v. 22, n. 3, p. 485-92, 2018. <https://doi.org/10.1590/2175-35392018036741> Acesso em: 2 jul. 2024.

SENGUPTA, Nikhil; HAMMOND, Matthew; DEAK, Chris; MALHOTRA, Ragini. “**We protect, you serve**”: **Ambivalent Sexism and Violence against Women in India**. 2022. <https://osf.io/preprints/psyarxiv/zsk6e>

SMIGAY, Karin Ellen von. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 32-46, 2002. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/136>
Acesso em: 21 fev. 2019.

SOUZA, Bruno Barbosa; CARDOSO, Ana Sofia. Gestão de marketing e o sexismo na comunicação: o papel da liderança. **Psicologia em Estudo**, v. 25, 2020. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.44779> Acesso em: 2 jul. 2024.

SOUZA, Garlanda Lemos de. **O sexismo nos relacionamentos íntimos: o que dizem as mulheres?** 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2022.

SOUZA, Luana; MAIA, Luciana; MOREIRA, Pollyana. Bullying: uma expressão do preconceito na escola. In: GOMIDE; STELKO-PEREIRA. (Orgs.). **Bullying: Perspectivas e Propostas Nacionais de Intervenção**. Curitiba: Juruá. 2020, p. 35-46.

SUSKIND, Ron; LURIE, James. **Confidence men**: Wall Street, Washington e a educação de um presidente. Nova York: Harper, 2011.

SWIM, Janet; HYERS, Lauri Sexism. In T. D. Nelson (Eds.) **Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination**, Nueva York: Psychology Press, 2009, p. 407-431.

UNESCO. Relatório Mundial de Monitoramento da Educação Global 2018: Educação e Habilidades para o Século XXI. Paris: UNESCO, 2018. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000264535>. Acesso em: 05 jul. 2024.

WADDELL, Nina; OVERALL, Nickola C. Bias, accuracy and assumed similarity in judging intimate partners' sexist attitudes. **Journal of Social and Personal Relationships**, v. 40, n. 2, p. 506-527, 2023. <https://doi.org/10.1177/02654075221118546> Acesso em: 2 jul. 2024.

A MEDICALIZAÇÃO DA ANGÚSTIA E SEUS EFEITOS DISCURSIVOS PARA A MOBILIZAÇÃO DO SUJEITO

Guilherme Araújo Cidade
João Pedro Almeida Bezerra
Iasminny Loiola Teixeira
Elisa Rodrigues Gontijo
Leonardo José Barreira Danziato

“Lá estão novamente gritando os meus desejos. Calam-se acovardados, tornam-se inofensivos, transformam-se, correm para a vila recomposta. Um arrepio atravessa-me a espinha, inteiriça-me os dedos sobre o papel. Naturalmente são os desejos que fazem isto, mas atribuo a coisa à chuva que bate no telhado e à recordação daquela peneira ranzinza que descia do céu dias e dias.” (Ramos, 2019, p.18)

A angústia, desde a antiguidade, vem se configurando como um objeto de estudo anfigúrico, levando-se em consideração a heterogeneidade do ser humano. Dos gregos à psiquiatria contemporânea, passando pela Psicologia, a angústia sempre foi associada à concepção de mal-estar, sofrendo várias alterações ao longo dos tempos até chegar o processo de medicalização que, por sua vez, tem se tornado uma das principais formas de silenciar a angústia e o mal-estar vivenciados no ínterim do laço social. Assim, objetiva-se com esta escrita dissertar sobre o conceito de angústia para a Psicanálise, bem como expor o processo de medicalização, enquanto um impulsor de efeitos danosos, considerando a mobilização do sujeito em quadro de angústia na clínica contemporânea.

A "medicalização" é um conceito sociológico descritivo, tal como "secularização" e "globalização", dessa forma, não se trata de algo ruim *per se*. Bom e ruim são concepções generalistas, uma vez que a medicação, em alguns casos, faz-se necessária. Porém é fundamental distinguir a boa da má medicalização, sendo essa uma das tarefas centrais da bioética. O limite entre uma e outra é aquele traçado pelo sujeito no seu funcionamento em meio às suas distintas relações sociais (Parens, 2011).

Pensar a angústia como mal-estar reflete diretamente no conceito de saúde definido como “completo bem-estar”, diminui a tolerância social a respeito do que é a angústia, que funciona para a Psicanálise e para o movimento da análise como um

sinalizador de sinais e sintomas que vão se configurando com a constituição do sujeito no mundo e em diversos Outros nos seios relacionais. Assim, supõe-se com este estudo, que a angústia não pode ser silenciada com o processo de medicalização, já que ela é “o significativo recebido do Outro de quem o sujeito depende absolutamente para conhecer o quer que seja acerca de sua necessidade” (Coelho dos Santos, 2000, p.17).

Portanto, o presente trabalho originou-se de um debate no evento VII Dia demasiadamente humano: diante da esfinge: diálogos interdisciplinares sobre os afetos. A temática deste capítulo foi coordenada pelo Laboratório de Estudos sobre Psicanálise, Cultura e Subjetividade (LAEpCUS), núcleo Intrusos, ligado ao Programa de Pós-graduação da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Além disso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que possibilitou desenvolver teoricamente o conceito de angústia em Lacan e seus efeitos para a mobilização do sujeito, considerando a vivência do processo de medicalização que ocorre dentro e fora da conjuntura clínica e social.

Angústia e Ansiedade em diálogo com a psicanálise e a psiquiatria

A angústia é um afeto que vem sendo tratado pela teoria Psicanalítica desde Freud. Atualmente, tem sido um tópico especialmente relevante, na medida em que transtornos de ansiedade estão aparecendo com uma grande prevalência na população mundial. Dados da Organização Mundial de Saúde do ano de 2019, por exemplo, apontam que cerca 301 milhões de pessoas sofrem de algum tipo de quadro de ansiedade (OMS, 2022). Tais diagnósticos são realizados, principalmente, a partir dos critérios estabelecidos nos mais recentes sistemas de classificação da psiquiatria, que agrupam um conjunto de sinais e sintomas a partir de parâmetros estatísticos (Dalgalarondo, 2019).

De acordo com um desses sistemas nosográficos, o DSM-5, os transtornos ansiosos incluem sintomas de medo e ansiedade excessiva, além de perturbações emocionais relacionadas (APA, 2014). Além disso, as síndromes ansiosas podem ser subdivididas entre os transtornos de ansiedade generalizada, marcados por sintomas ansiosos crônicos, excessivos e persistentes, e os transtornos do pânico, caracterizados por uma grande recorrência de crises de pânico, acompanhadas por um medo de tê-las novamente (APA, 2014; Dalgalarondo, 2019).

Por outro lado, também existem as síndromes com componente de ansiedade, compostas por psicopatologias em que a ansiedade é um sintoma importante, mas não é o elemento central ou o fenômeno puro do quadro clínico (Dalgalarondo, 2019).

Geralmente são psicopatologias herdeiras do conceito de neurose, na época em que a Psicanálise e a psiquiatria eram mais próximas entre si, antes da disseminação dos psicofármacos (Dalgarrondo, 2019).

Segundo Machado e Ravello (2014), é possível estabelecer um correlato entre a descrição dos transtornos ansiosos nos sistemas nosográficos e o conceito de angústia em Freud, sobretudo nas formulações da primeira teoria. Contudo, há um enfraquecimento da estrutura e do rigor epistemológico no caso dos manuais diagnósticos mais recentes (Machado; Ravello, 2014; Leite, 2011). Na psiquiatria, a delimitação das categorias psicopatológicas tem se dado cada vez mais em função de seus efeitos psicofarmacológicos, o que não corrobora para a investigação de aspectos estruturais que compõem as formas de angústia na contemporaneidade (Leite, 2011).

Ao contrário do que se propõe a teoria psicanalítica, os sistemas nosográficos contemporâneos dão maior ênfase a dados empíricos, em detrimento de pressupostos teóricos (Machado; Ravello, 2014). Assim, os atuais manuais diagnósticos possuem um estatuto de a-teoricidade, tendo como referência um modelo epistemológico realista, cujo principal pressuposto é o de que deve estabelecer critérios de verdade fundados a partir da aproximação com a observação ou recorrência em diferentes modelos (Machado; Ravello, 2014). Neste sentido, a Psicanálise critica o modelo realista, na medida em que ele reduz os espaços subjetivos e contextuais em função de uma pretensa objetividade e universalidade (Machado; Ravello, 2014).

Considerando o tema da objetividade, coloca-se para a Psicanálise uma problemática salutar, uma vez que ela não reduz o sujeito a meras repetições dos *slogans* genéricos que se aplicam em outras ciências. É imprescindível estar atento para fomentar um olhar clínico além dessas universalidades objetivas, por mais que elas ostentem prestígio, pois o espaço do sujeito analítico é o espaço do “intruso”, do “incômodo”, e por que não dizer da angústia, este afeto que não pode ser aniquilado ou superestimado (Loureau, 2001).

Para as ciências objetivas existe a necessidade de circunscrever o objeto, distanciando tanto quanto possível as perturbações que as "projeções individuais" produzem, “de saber como objetivar a relação com o objeto de modo tal que o discurso sobre o objeto não seja uma simples projeção de uma relação inconsciente com o objeto”. Olhar para o sujeito em gozo no mar da angústia exige uma análise profunda das relações e implicações estabelecidas entre o sujeito e o objeto, e ambos estão a mercê de uma observância relevante que precisa ser trabalhada com esmero no tocante

ao contexto histórico-social, determinante das condições vitais de existência e de desenvolvimento de tais elementos (Baranger, 2004, p. 181).

A intenção de um sujeito falante, talvez seja este um palco viável para além dos discursos universais, que se situa nas potencialidades advindas das enunciações em um determinado tempo e contexto cultural. O jogo dos discursos científicos psiquiátricos alimenta-se daquilo que pode ser dito em detrimento do que precisa ser silenciado. “Trata-se do que é possível dizer a partir do que foi construído no jogo de relações saber-poder que marca a legitimidade de uma fala” (Butler, 2007).

Essa fala pautada no enunciado, trata-se do que é verbalizado no interior do arranjo que a define, que anima a voz escutada. Não é da análise do inconsciente que se trata (como pensado pela psicanálise), que anima a fala do sujeito, mas de arranjos constituídos de um tempo e de um contexto precisos que vão construir os elementos próprios a uma cultura específica.

Ou seja, são nos remendos das palavras, como também nas repetições que se fomenta a conjuntura da ação biopolítica, tendo ela o objetivo de estabelecer mecanismos de controle que não mais incidirão sobre corpos individuais, mas sobre populações, “censurando o que pode e quem pode existir de acordo com os interesses políticos desejados por uma minoria detentora do poder”, proporcionando uma espécie de conformidade das formações discursivas (Foucault, 2005, p. 31).

Portanto, pode-se dizer que houve um apagamento das bases causais e circunstanciais que sustentam e explicam as psicopatologias na psiquiatria moderna (Machado; Ravello, 2014). Assim, a Psicanálise se diferencia da Psiquiatria por considerar aspectos estruturais das formas de sofrimento psíquico, além de afirmativamente se opor aos modelos nosográficos, uma vez que estes geram um apagamento do sujeito. Para a Psicanálise, o sintoma e a angústia não são meros fenômenos, como para a Psiquiatria, mas o efeito de uma produção subjetiva (Machado; Ravello, 2014).

O discurso médico-psiquiátrico impõe um saber totalizante e biopolítico, que visa um recobrimento pleno da angústia (Leite, 2011). Tal discurso inevitavelmente produz um alívio de sofrimento, na medida em que dá uma nomeação para um enigma do sujeito (Leite, 2011). Contudo, essa nomeação acaba por excluir a responsabilização pelo sintoma, o que também impede a inscrição do desejo e produz uma tentativa de silenciamento do sujeito (Leite, 2011). Por outro lado, a grande inovação da proposta freudiana consiste em admitir que esta angústia não pode ser curada plenamente por

psicofármacos ou outras propostas de normatização advindas do discurso psiquiátrico, uma vez que ela é um afeto inseparável da dialética do desejo (Chiabi, 2014).

Desta forma, o discurso da medicalização, na medida em que conceitua a vida em problemas de ordem médica, possui seus efeitos na manifestação e na sustentação da angústia do sujeito, transformando seus impasses em respostas prontas e mantidas por uma lógica de poder. Assim, considerar o apagamento da implicação subjetiva diante da angústia causado por medicamentos ou - mais precisamente - por uma lógica discursiva é peça fundamental para criar um entendimento acerca do que se passa na clínica, sendo essa completamente móvel e sensível às mudanças nos processos de produção de subjetividades.

Uma das grandes provas da força do discurso médico-psiquiátrico está em sua influência na área da saúde mental. De acordo com Danziato, Martins e Matos (2018), os cursos de Psicologia, de modo geral, mantêm uma relação de submissão perante os cursos médicos; mas não uma submissão epistemológica qualquer: trata-se de, como referido pelos autores, uma aderência teórica e prática de ordem política, sem levar em conta verdadeiramente o rigor apresentado pelos manuais diagnósticos classificatórios.

Por conta disso, é observado um uso desenfreado de terminologias psiquiátricas dentro da própria psicologia, dos próprios cursos de graduação, o que dá à medicalização o poder de um saber verdadeiro e supostamente científico, sem contestação externa possível. Esse cenário, plenamente dominante na academia, comporta efeitos sociais profundos.

No Brasil, o Ato Médico de 2013 foi trazido à tona no início dos anos dois mil, colocando uma marca biopolítica escancarada diante de todas as demais áreas que estudavam e trabalhavam em contexto de saúde (Brasil, 2013). O médico passou a ser oficialmente colocado - mais do que antes - em posição de saber orientar tudo que dizia respeito ao bem-estar - mesmo sem existir uma definição de fato coerente para isso -, o que gerou também uma institucionalização e compartimentalização do saber sobre os sujeitos e a população em geral. Dessa forma, a medicina foi fortalecida no Brasil enquanto representante legítima da Ciência e de uma prática que saberia o que faz com o povo. Esse cenário, apesar de guardar semelhanças com os demais países, é a realidade brasileira.

Como exemplo da conjuntura referida, nota-se a instituição da *Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista* de 2012, a

qual começa sua exposição, em forma de Lei, utilizando a definição médica do que seria o autismo, de modo a oficializar - a nível de política pública nacional - o saber sobre o que passa com determinados sujeitos (Brasil, 2012). Longe de questionar os benefícios práticos e pessoais dessa Lei, o que se coloca em debate é a facilidade com que o discurso médico banha a própria criação política da sociedade, em detrimento de uma variedade extensa de teorias psicológicas que, se analisadas de modo fundamentalmente epistemológico, demonstram um rigor muito maior.

Visto isso, para se chegar a uma compreensão do que se passa na clínica contemporânea, é útil compreender os mecanismos atuantes na produção de subjetividades - em especial o saber psiquiátrico.

Angústia em Lacan e seus efeitos para a mobilização do sujeito

Na psicanálise, pode-se dizer que Lacan, é um dos grandes responsáveis por compreender a angústia como um afeto correlacionado com o Eu, a imagem própria e o desejo do Outro (Leite, 2011). Segundo ele, o Eu é uma dimensão corpórea imaginária, constituída a partir de uma alienação a uma imagem especular do Outro (Lacan, 1998a, 1998b). Assim, o imaginário, em conjunção com o simbólico, possui a função de promover uma unidade ilusória, que tenta velar a incompletude estrutural entre o eu e o Outro, cuja revelação teria como consequência a irrupção da angústia para o sujeito (Leite, 2011). Portanto, a angústia é entendida como um desmoronamento desta imagem corporal (Leite, 2011). Isto é, uma invasão do real no imaginário, tal como evidenciado na figura topológica do nó borromeano (Lacan, 2022).

Desta forma, dentre os afetos, a angústia pode ser entendida como um afeto de separação, uma vez que, ao contrário dos afetos de alienação (tristeza, entusiasmo, alegria, morosidade, cólera, ódio etc.), aponta para uma inconsistência das identificações (Starnino, 2019). Ela é, portanto, o afeto que não engana, pois não se confunde com os demais, os quais se ligam a representações específicas e demandas decifráveis (Starnino, 2019). Pelo contrário, a angústia surge como uma separação da cadeia significativa (Starnino, 2019). É pura intensidade, sem qualquer significação que lhe possa ser atribuída, apesar de existir em uma relação dialética com a linguagem (Starnino, 2019).

Por conseguinte, a angústia é o corte a se abrir. Ela está diretamente relacionada ao desejo do Outro e está na fenda que se produz entre um significante e outro

(Machado; Ravello, 2014). Assim, ela interessa à psicanálise na medida em que diz uma verdade do sujeito, uma vez que aponta para um vazio que o constitui (Machado; Ravello, 2014). Quando Lacan diz que a angústia é o afeto que não engana, é no sentido de que o mundo enganoso criado pelo significante e, portanto, ancorado no fantasma, encontra sua inconsistência no momento em que o sujeito se depara com a angústia (Machado; Ravello, 2014).

Portanto, pode-se dizer que a angústia, enquanto um afeto de separação, possui uma grande potência subversiva para o sujeito e, conseqüentemente, é extremamente importante para a clínica psicanalítica. A angústia está posta ali onde as identificações falham, lugar a partir do qual o sujeito poderá construir algum tipo de condição desejante. Caso este lugar seja preenchido por uma nova alienação, como pretende o discurso médico, a angústia pode em alguma medida ser aplacada, mas às custas de renunciar à potência de mobilização que este afeto é capaz de produzir (Leite, 2011).

Além disso, é importante frisar que o conceito de angústia na teoria lacaniana surge como consequência do resgate dos estudos freudianos, nos quais a angústia é entendida como um afeto sem representação. A partir disso, Lacan (2005) propõe que não haveria um significante para se referir a angústia, apresentando o conceito de real e considerando-a como “o afeto que não se engana” (Vasconcelos; Pena, 2019).

Lacan em seu Seminário 10, intitulado “A angústia”, situa um percurso para colocar a angústia entre o gozo e o desejo, um paradoxo que demonstra que a angústia não tem objeto (Lacan, 2005, p.178). Se a falta de representação da angústia está presente na teoria freudiana, observa-se que a partir do conceito de objeto a e do real lacaniano, que “insiste e ex-siste após ou apesar da simbolização” (Fink, 1998, p.107), algumas considerações clínicas podem ser realizadas.

O processo de subjetivação do sujeito parte da rede de significantes que advém do Outro, que lhe é anterior e constitutivo (Lacan, 2005). Como tratar a angústia, que não está presente nesta rede, mas que diz de uma parte do sujeito (diante do real) que aparece clinicamente, enodando real, simbólico e imaginário? Como resposta possível a essa questão, a angústia pode ser o que incita o sujeito a buscar uma análise e que o faz trabalhar, se opor, questionar aquilo que não se sustenta diante da insuficiência perante o real (Vasconcelos; Pena, 2019).

Lacan diz que a fantasia surge como forma de lidar com a falta do neurótico, desarticulado perante o “objeto a” (Lacan, 2005, p 62). A inconsistência do outro denuncia o insuportável para o sujeito: “O verdadeiro objeto buscado pelo neurótico é

uma demanda que ele quer que lhe seja feita. Ele quer que lhe façam súplicas, a única coisa que não quer é pagar o preço”.

A angústia tem uma relação enigmática com o desejo do Outro e está ligada ao “objeto a”, a um não saber diante desse desejo (Lacan, 2005). Tal “objeto a” é um objeto faltoso, que não existe, mas que produz efeitos, como causa e motor da estrutura do sujeito (Jorge, 2005). Além disso, vale destacar que nesta relação complexa da angústia, uma proposta lacaniana para tal afeto, seria o desejo articulado às cadeias significantes (Jorge, 2005).

O “objeto a” e seus efeitos de subjetivação marcam a relação do sujeito com o Outro. Assim, se posicionar como sujeito em sua singularidade implica em um direcionamento simbólico. Isto é, o sujeito é demandado pelo Outro, tal que o objeto que de início faz desejar, denuncia também um gozo ao sujeito, mostra um hiato, no qual será necessário “transpor a própria fantasia que o sustenta e o constrói” (Lacan, 2005, p. 359).

Neste sentido, o processo de análise é um percurso no qual a angústia aparece e no qual a construção desta cadeia significante, ou trato simbólico, vai dando lugar a uma série de questões para o sujeito. As formulações imaginárias são colocadas e o real, na sua impossibilidade, e na sua proximidade com o “objeto a”, mostra algo que não cessa de não se inscrever e não apresenta sentido, sendo a angústia a revelação de que o sujeito está passando pelo registro do real (Jorge, 2005).

Se o sujeito inicia sua análise com o sintoma, diante da angústia, desvencilhar o sintoma não é um caminho para o analista percorrer, seja pelo apego do sujeito, seja pelo percurso que deva ser trilhado. Esse é um dos desafios para os analistas, pois é preciso deter o quanto o analisante suporta determinada angústia em seu processo (Vasconcelos; Pena, 2019).

Durante o processo analítico, a angústia tem a função de sinalizar o lugar em que o sujeito se fundamenta, para que as construções imaginárias caiam. Dessa forma, uma análise não caminha sem angústia. Isto, pois, a angústia é a manifestação mais flagrante do “objeto a”, resto que sobra da operação de divisão subjetiva (\$) efeito da castração, e é necessária para que o desejo advenha. Assim, é mediante a travessia da angústia que o sujeito pode vir a se deslocar na estrutura, haja vista que é a partir dela que é possível construir outro desejo, que não seja testemunha de um fracasso da alienação no Outro (Machado; Ravanello, 2014; Leite, 2011).

A angústia aparece nos processos analíticos de forma singular e sendo importante para o manejo clínico, independente da estrutura clínica do sujeito (Benia; Celes; Chatelard, 2016). Mobilizar o sujeito diante da angústia, diante da medicalização desta angústia e perante o desafio clínico marcado entre o sintoma e angústia, é uma tarefa desafiadora. Entretanto, “aquilo que não se engana” também revela o inconsciente, local do qual é possível advir o sujeito (Vasconcelos; Pena, 2019).

Com o advento da medicina psiquiátrica tem ocorrido, na contemporaneamente, um movimento que se assemelha a um silenciamento dos sintomas mediante o aniquilamento da angústia, como um processo obsessivo que tenta calar a boca do ser falante. Porém, não existe expressão de sintomas que não passe pela angústia de ser e de existir em dinamismo, um sujeito sem tal movimentação é um sujeito aniquilado pela opressão do não-sentir. Como diz Lispector (1998) “... não é uma questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato... Ou toca, ou não toca...”. Se não existir toque, não há sintoma, não há vida em dinamismo, embora não haja também angústia.

Com o processo de medicalização, há o silenciamento da angústia, porém do toque, do sentir e, de certo modo, do sintoma também. Além disso, é importante lembrar que cada caso é um caso e que cada sujeito exige, em vida, uma singularidade em seu funcionamento. O que se pretende enunciar com o processo de desmedicalização da loucura vem ascendendo devido a novas possibilidades de tratamento, enquanto, simultaneamente, passa a ocorrer uma medicalização da vida como um todo. Assim, se propõe discutir, a partir do exposto, o tamponamento do sofrimento ocasionado pela medicalização, que “baixa” a existência em angústia e provoca um esvaziamento do sujeito, cujo direito ao sofrimento é negado por aqueles que possuem o poder de ditar as normas culturais e sociais. (Perez; Sirelli, 2015).

Os efeitos discursivos da medicalização para a mobilização do sujeito na clínica

Em suma, a psicanálise lacaniana e a psiquiatria se diferenciam significativamente no tratamento da angústia. Enquanto para a psicanálise a angústia é um afeto implicado na condição subjetiva estrutural do ser falante, para a psiquiatria ela se reduz a um conjunto de sinais e sintomas, personificados especialmente nos chamados transtornos de ansiedade (Leite, 2011; Machado; Ravanello, 2014).

Neste sentido, o campo médico-psiquiátrico, sendo ele hegemônico, utiliza-se do recurso da medicalização como uma forma de tamponar a angústia. É importante frisar que tal medicalização não pode ser meramente definida como a prescrição de psicofármacos, mas como um desvio de atribuições de questões de ordem social para a jurisdição médica (Henriques, 2012). Assim, a medicina se torna um novo lócus de controle social, no qual rotula e redefine os desvios de uma pretensa normalidade social (Henriques, 2012).

Contudo, se por um lado o discurso médico psiquiátrico é eficaz em causar um alívio mais imediato da angústia e do sofrimento, por outro ele elimina a potencialidade de mobilização que este afeto é capaz de proporcionar ao sujeito (Leite, 2011). A angústia, enquanto um afeto de separação, aponta para uma falha das identificações, a partir da qual o desejo poderá vir a se constituir (Starnino, 2019).

É neste caminho que Lacan (2005) irá definir a angústia como o afeto que não engana, já que apresenta para o sujeito um campo sem representação. Entretanto, ao que parece, o discurso médico busca tratar a angústia alienando o sujeito em novas insígnias identitárias, apresentando certezas, confirmações e, conseqüentemente, liquidando as possibilidades de subversão a partir daí (Leite, 2011).

De forma distinta, a clínica psicanalítica lacaniana opera fundamentalmente de modo a desenvolver perguntas. Desde o processo das entrevistas preliminares (Quinet, 1991), o sujeito é convidado a falar, falar muito, e a tecer um discurso dirigido à figura do analista, de modo a escancarar suas respostas prontas a suas perguntas não ditas.

Partindo dos primeiros encontros, o sujeito é colocado em uma situação em que sua vida, seus movimentos e seu desejo serão postos em um formato de questão fundamental e desestabilizadora, deixando aberta sua própria divisão subjetiva. Sendo isso um processo nada confortável, o sujeito traz significantes escolhidos para situar seu sofrimento diante do Outro, o que, por sua vez, promove uma intervenção vinda do analista.

Assim, perguntas e pontuações serão causadoras de angústia; serão meios de quebra discursiva no momento em que se situa o sintoma em sua posição significativa, convidando a um novo discurso sobre si e sobre o desejo singular - convite esse que precisa ser sustentado pelo desejo do analista e por sua posição de causação. Assim, a angústia vivida pode adquirir seu caráter de produtividade subjetiva. Esse processo, no entanto, enfrenta obstáculos que, hoje, podem ser situados como produtos da

dominância do discurso médico: os diagnósticos e suas respostas à falta de significantes próprios.

De acordo o trabalho de Danziato; Martins e Matos (2018), a ampla adesão aos manuais classificatórios como DSM-5 ou CID-10 é decorrente de uma angústia pelo não-saber o que se deseja ou o que se é, o que estaria levando sujeito a um 'baú do tesouro' muito acessível e estabilizador: o diagnóstico nomeia o que se passa com o sujeito, tornando sem utilidade sustentar perguntas realmente indagadores sobre a causa do seu próprio sofrimento. Tal fato é visivelmente contraproducente em uma análise, visto que essa se encaminha exatamente no movimento de sustentar perguntas fundamentais, e não de respondê-las com um saber vindo de um mestre discursivo.

Seguindo essa linha, é notório que qualquer tipo de nosografia, quando aplicada à população e profundamente aderida por esta, possui um potencial de efeito de nomeação em massa, sendo exatamente um refúgio significativo à angústia do próprio não-saber e tornando a função de histerização do sujeito mais dificultada.

Tendo isso em vista, a psicanálise se coloca como possibilidade de construção singular do próprio sofrimento, abrindo um espaço radical para a produção de significantes próprios, para além de uma absorção direta de um nome para a angústia e seu mal-estar. Assim, as tais respostas prontas precisam ser desconstruídas, a fim de que o sujeito possa emergir diante do emaranhado significativo de nomeação do sofrimento desenvolvido minuciosamente pelo poder médico. Os diagnósticos psiquiátricos precisam ser destituídos de sua capacidade de falar algo sobre o sujeito, e isso se dá colocando-o diante de sua divisão fundamental, de sua fala contraditória e fugidia.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (EUA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento *et al.*, 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 948 p. ISBN 978-85-8271-089-0.

BARANGER, D. **Epistemologia e metodologia na obra de Pierre Bourdieu**. Buenos Aires: Livro Prometeu, 2004.

BENIA, R. G. M. ; CELES, L. A. M. ; CHATELARD, D. S. O afeto "angústia" em Freud e em Lacan: discussões para a clínica psicanalítica atual. **Cadernos de Psicanálise.**, Rio de Janeiro , v. 38, n. 34, p. 47-59, jun. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952016000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 28 jun. 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.842, de 10 de julho de 2013**. Dispõe sobre o exercício da Medicina. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 jul. 2013. Seção 1, p. 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12842.htm. Acesso em: 04 jul. 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 dez. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12764.htm. Acesso em: 04 jul. 2024.

BUTLER, J. **Le récit de soi**. Paris: PUF, 2007. 146 p. ISBN 978-2130555513

CHIABI, S. A angústia na clínica psicanalítica e na psiquiatria. **Psicanálise & Barroco**, [S. l.], v. 12, n. 1, 2018. DOI: 10.9789/1679-9887.2014.v12i1.%p. Disponível em: <https://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/7394>. Acesso em: 2 jul. 2024.

COELHO DOS SANTOS, T. **De que desejo do Outro a angústia é o sinal?**. Latusa n. 4. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000, pp. 173-97.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019. ISBN 978-85-8271-506-2.

DANZIATO, L.; MARTINS, A. C. B. L.; MATOS, S. S. Psicanálise e Biopolítica: O Fascínio do Discurso Médico. **Subjetividades**, [S. l.], v. 18, n. Esp, p. 44-54, 2018. DOI: 10.5020/23590777.rs.v18iEsp.6591. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/6591>. Acesso em: 4 jul. 2024.

FINK, B. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

HENRIQUES, R. P. A medicalização da existência e o descentramento do sujeito na atualidade. **Rev. Mal-Estar Subj**, Fortaleza, v. 12, n. 3-4, p. 793-816, dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482012000200013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 jul. 2024.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan: as bases conceituais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, J. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: "Psicanálise e estrutura da personalidade". In: LACAN, J. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a. p. 653-691.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, J. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b. p. 96-103.

LACAN, J. **O Seminário, livro 10: a angústia**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. **R.S.I. - Seminário 22 (1974-1975)**. Tradução: Luc Matheron. São Paulo: Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo, 2022. 300 p.

LEITE, S. **Angústia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

LOUREAU, R. **El análisis institucional**. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.

MACHADO, I. D.; RAVANELLO, T. O conceito de angústia e suas relações com a linguagem. **Subjetividades**, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 329-342, ago. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000200015&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 jul. 2024

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (Genebra). Mental disorders. **World Health Organization**, [S. l.], 8 jun. 2022. Disponível em: https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-disorders/?gad_source=1&gclid=CjwKCAjwm_SzBhAsEiwAXE2Cv5TQVRq2_Cy-NIL5-KX-hTFc-Pu20F-BTIvVqbpQ9H7t_3FSZQoanBoCgcUQAvD_BwE. Acesso em: 2 jul. 2024.

PARENS, E. On good and bad forms of medicalization. **Bioethics** [on-line], 2011. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-8519.2011.01885.x>

PEREZ M., SIRELLI N. M. A medicalização do mal estar: a escuta psicanalítica como um modo de resistência. **Psicanálise & Barroco**, em revista v.13, n.2: 117-136. Dez. 2015

QUINET, A. **As 4 + 1 condições da análise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

RAMOS, G. **Angústia**. 71. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

STARNINO, A. Les affects sont effects: Para pensar a noção de afeto em Jacques Lacan. **Modernos & Contemporâneos**, [S. l.], v. 3, n. 5, 2019. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/modernoscontemporaneos/article/view/3884>. Acesso em: 2 jul. 2024.

VASCONCELOS, A. C. P.; PENA, B. F. Angústia: o afeto que não engana. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 41, n. 78, p. 27-33, dez. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952019000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 jun. 2024.

SOBRE AUTORES

Ailton Siqueira de Sousa Fonseca

Graduado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (1993) e mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1998). Doutor pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia da Comunicação Urbana, Antropologia e Complexidade, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura e linguagem, cotidiano e afetividade, literatura, ciência e imaginário. Atualmente é professor titular da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (mestrado), do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas da UERN. Coordenador do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (GECOM/UERN), além de ter sido diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais (FAFIC/UERN) e tutor do Programa de Educação Tutorial (PET) em Ciências Sociais da UERN. Principais obras publicadas: FONSECA, A. S. de S. *A odisseia de si: reconstrução do homem em Clarice Lispector*, Edições UERN, 2022.

Contato: ailtonsiqueira@uern.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4878147595860938>

Henrique Luis do Carmo e Sá

Formação acadêmica: Graduação em Medicina (Universidade Federal do Ceará, 1992), Residência Médica em Pediatria (Hospital Universitário Walter Cantídio/UFC, 1995), Especialização em Desenvolvimento Infantil (London School of Hygiene and Tropical Medicine, Reino Unido, 1997), Mestrado em Educação para as Profissões da Saúde (Universidade de Illinois em Chicago, EUA, 2001) e Doutorado em Educação - Ensino Superior (Universidade de Liverpool, Reino Unido, 2018).

Áreas e espaço de atuação profissional: Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas e do Curso de Medicina da Universidade de Fortaleza; pediatra clínico em prática particular.

Participação em grupos de pesquisa: Pesquisador-Chefe do Laboratório de Estudos em Educação para as Profissões da Saúde - Scientia - Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas - UNIFOR e do Instituto da Primeira Infância - IPREDE em Fortaleza.

Indicação de até duas principais obras publicadas:

LEITE, Álvaro Jorge Madeiro ; SÁ, Henrique Luis do Carmo e ; BESSA, Olívia Andréa Alencar . Habilidades de Comunicação na Consulta com Crianças. In: Álvaro Jorge Madeiro Leite; Andrea Caprara; João Macedo Coelho Filho. (Org.). **Habilidades de comunicação com pacientes e famílias**. 1ed.São Paulo: Sarvier, 2007, p. 91-136.

SÁ, Henrique Luis do Carmo e. Avaliação de Estudantes. In: Sílvia Mamede; Júlio Penaforte. (Org.). **Aprendizagem Baseada em Problemas**: Anatomia de uma nova abordagem educacional. 1ed.Fortaleza: Escola de Saúde Pública do Ceará / HUCITEC, 2001, v. , p. 1-231.

Endereço de e-mail para contato: sahenrique@gmail.com

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6275335471767492>

Suênia de Lima Duarte

Graduada em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2005). Bacharela e licenciada em Psicologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (2021). Especialista em Desenvolvimento Infantil pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2006). Mestre em Educação pela mesma instituição (2013). Doutoranda em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (2022–2026). Docente efetiva do quadro da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, atuando no curso de Educação Física do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF). Membro pesquisadora dos grupos de pesquisa da referida universidade: Educação Física, Sociedade e Saúde e Pensamento Complexo. Integra também o Laboratório de Estudos sobre Psicanálise, Cultura e Subjetividade (LAEpCUS), vinculado à Universidade de Fortaleza (Unifor). Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap).

Contato: limaduarte@uern.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1492270470821656>

Leônia Cavalcante Teixeira

Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ com estágio doutoral na Université Paris 13. Pós-doutorado em Psicologia/ CAPES na Universidade Aberta de Lisboa. Psicóloga e psicanalista. Membro do LAEpCUS – Laboratório de Estudos sobre Psicanálise, Cultura e Subjetividade; do GT Psicanálise, política e clínica da ANPEPP (coordenadora desde 2023); da Rede Internacional Coletivo Amarrações – Psicanálise & Políticas com Juventudes; e membro da Presidência da Rede Interamericana de Psicanálise e Política (REDIPPOL) e do MCVI - A universidade na prevenção e no enfrentamento da violência no Ceará.

Contato: leonia.ct@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0037242106948921>

Cleidiane da Silva Cruz

Graduada em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (2020).
Cursando especialização em Arteterapia e Arte Educação pela
Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Psicóloga Clínica, docente,
pesquisadora e Psicanalista em Formação.

Contato: cleidianecruzpsi@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7631810373031494>

Fabíola Sousa Siqueira

Graduada em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (2023).
Mestranda do Programa de Pós Graduação em Psicologia da
Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Membro pesquisadora do
Laboratório de Estudos Sobre Psicanálise, Cultura e Subjetividade -
LAEpCUS da Unifor. Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao
Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Funcap.

Contato: psifabiola.siqueira@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2907035190741110>

Ana Claudia Coelho Brito

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (1990),
Mestrado em Gestão Educacional pela Universidade Estadual Vale do
Acará em parceria com Universidade Internacional de Lisboa (2002) e
Doutoranda em Psicologia na Universidade de Fortaleza - Unifor.
Atualmente é Professora do curso de Psicologia da Universidade de
Fortaleza. Atuou como psicóloga da Maternidade Escola Assis
Chateaubriand no período de 1991 a 2006. É psicóloga do Instituto Dr.
José Frota com atuação em hospital de Urgência e Emergência, UTI e
Pediatria, desde 2006. Psicóloga Clínica em consultório e ambulatório,
realizando atendimentos com criança, adolescentes e adultos em
psicoterapia e psicopedagogia. Possui Título de Especialista em
Psicologia Hospitalar concedido pelo Conselho Federal de Psicologia.
Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

Contato: accbrito@unifor.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0142878056256086>

Juçara Rocha Soares Mapurunga

Doutora em Psicologia pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR (2010). Possui Mestrado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR (2003), Graduação em Psicologia e Especialização em Problemas de Aprendizagem e Deficiência Mental pela Universidade Federal do Ceará (UFC), em Filosofia e Autoconhecimento pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2020), em Psicanálise e Situações Críticas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2021). Professora efetiva da Universidade de Fortaleza. Psicanalista. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Intervenção Terapêutica. Pesquisadora atuando principalmente nos seguintes temas: psicanálise, infância, subjetividade, mal-estar, violência e sujeito, sexualidades, gênero, preconceito, política, linguagem, arte, literatura, representação social. Autora do livro: TPM- Tensão, Paixão e Mal-estar (Ed. Escuta, 2004) e Ecos da contemporaneidade: A invenção do politicamente Correto (2021) Membro do Laboratório de Estudos Sobre Psicanálise Cultura e Subjetividade (LAEPCUS) do PPG em Psicologia da UNIFOR.

Contato: jucaramapurunga@unifor.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4786343404992733>

Bruno Teixeira Priante

Graduado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (2024). Atua como psicanalista clínico. No projeto “escuta-te a ti mesmo”, desenvolvido pelo “Instituto três mares”, realiza plantões psicológicos na escola Escola de Ensino Fundamental e Médio “Helenita Mota”. Fundador e coordenador do grupo de estudos "Psicanálise e Política", vinculado ao Laboratório de Estudos sobre Psicanálise e Política (LAEpCUS). Membro do "Grupo de Estudos e Vivências Nietzsche". Principais obras publicadas: MAPURUNGA, J. R. S. ; PRIANTE, B. T. ; MACHADO, R. S. ; ROCHA, B. F. O. S. Medicalização e Significações: reflexões sobre a patologização da infância através do TDAH. In: Psicologia e políticas públicas: contribuições das diferentes áreas da profissão para o debate (CRP - 11), Fortaleza, v. 2, p. 69 - 74, 2019.

Contato: btpriante@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5777558120536294>

Caio Citó Rodrigues

Graduado em psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Tem interesse pela clínica e pela transmissão da psicanálise se orientando teórica, metodológica e tecnicamente pelos ensinamentos freudiano e lacaniano. Ao longo da graduação participou do Programa de Monitoria Voluntária em disciplinas da ênfase psicanalítica da grade da universidade, tais como Teorias Psicológicas II: Psicanálise, Teorias Psicológicas V: Psicanálise, Psicopatologia Psicanalítica e Teorias e Técnicas Psicológicas: Psicanálise, além de ter sido bolsista de Iniciação Científica, tendo contribuído em pesquisas sobre práticas de violência autoinfligidas e sobre psicanálise e transgeneridade, com enfoque nas identidades de gêneros não binários.

Contato: caiocitor12@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8823622531108124>

Priscilla Brito Tavares

Docente e Gestora na Rede Municipal de Ensino de Fortaleza (PMF).
Doutoranda em Psicologia (Unifor). Mestre em Psicologia (Unifor).
Especialista em Gestão Escolar (FLATED). Membro do Laboratório de Estudos sobre Processos de Exclusão Social (LEPES) do PPGP Unifor.

Interesse em pesquisas sobre processos de exclusão social.

Contato: btpriscilla@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2844510900963478>.

Endereço: rua 828, 31, ap. A. CEP: 60.532-240. Fortaleza/CE.

Letícia Leite Bessa

Docente do curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).
Doutoranda em Psicologia (Unifor). Mestre em Psicologia (UFC).
Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (UECE).
Especialista em Psicologia Escolar Educacional (CFP). Membro do
Laboratório de Estudos sobre Processos de Exclusão Social (LEPES) do
PPGP Unifor. Interesse em pesquisas sobre preconceito no contexto
escolar e universitário. Lattes:

<https://lattes.cnpq.br/3954409887341870>

Contato: leticialeitebessa78@gmail.com

Endereço: rua Prof. Jacinto Botelho, 1080, ap. 605. Guararapes CEP:
60.810-050. Fortaleza/CE.

Garlana Lemos de Sousa

Docente do curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza e Psicóloga
clínica. Doutoranda e Mestra em Psicologia pela Universidade de
Fortaleza (UNIFOR). Especialista em Terapia Analítico -
Comportamental pelo Núcleo Tríplice de Análise do Comportamento, e
Pós-Graduanda em Terapia de Aceitação e Compromisso pelo Centro
Brasileiro de Ciência Comportamental Contextual (CECONTE).
Graduada em Psicologia pela Faculdade Luciano Feijão (FLF). Membro
do Laboratório de Estudos sobre os Processos de Exclusão Social
(LEPES), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da
Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Possui graduação em
Eletromecânica, MBA em gerenciamento de projetos pela Faculdade de
Tecnologia Darcy Ribeiro e Pós-Graduação em Engenharia de Produção
pela Faculdade Ateneu. Interesse em pesquisas sobre sexismo,
dependência emocional, violência contra mulher por parceiros íntimos.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6681052600272746>.

Contato: garlanalemos@gmail.com.

Endereço: Av Visconde do Rio Branco, 2421 apto 402 torre 1. CEP:
60055-171. Fortaleza/CE.

Kaline da Silva Lima

Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (Unifor). Doutora em Psicologia Social (UFPB), Mestra em Modelos de Decisão e Saúde (UFPB) e Graduada em Psicologia (UFPB). Coordena o Laboratório de Estudos sobre Processos de Exclusão Social (LEPES). Interesses em pesquisas sobre preconceito, discriminação contra grupos minorizados.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7658049574918076>

Contato: kalinelima8@gmail.com. Endereço: Rua Pereira de Mirante, 575, apto 192, torre 6. Papicu. CEP: 60175-045. Fortaleza/CE.

Luciana Maria Maia

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mestrado em Psicologia Social pela UFPB e doutorado em Psicologia Social pela UFPB em cooperação com Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente é professora titular da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), atuando na graduação em Psicologia e no Programa de Pós-graduação em Psicologia. É coordenadora do Laboratório de Estudos sobre Processos de Exclusão Social (LEPES). Interesse em pesquisas sobre preconceito e discriminação contra grupos minorizados. Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/0516283503587186>

Contato: lumariam Maia@hotmail.com

Endereço: Rua prof. Wilson Aguiar, 380, apt 102. Édson Queiroz. CEP: 60811-590. Fortaleza/CE.

Guilherme Araújo Cidade

Graduando em psicologia pela Universidade de Fortaleza (Unifor).
Bolsista de Iniciação Científica (Probic) do Laboratório de Estudos sobre
Psicanálise, Cultura e Subjetividade (LAEpCUS).
Participa dos grupos de pesquisa vinculados às pesquisas intituladas: “As
práticas de
autolesões no âmbito educacional: uma pesquisa- intervenção no
contexto escolar” e
“Violência de gênero contra a mulher: uma proposta de escuta e
intervenção com as
mulheres e com os filhos.”
Contato: gui.cidade67@edu.unifor.br
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4255577748207849>

João Pedro Almeida Bezerra

Graduando em psicologia pela Universidade de Fortaleza (Unifor)
Voluntário de Iniciação Científica do Laboratório de Estudos sobre
Psicanálise,
Cultura e Subjetividade (LAEpCUS). - Participa dos grupos de pesquisa
vinculados às pesquisa intituladas: “As práticas de autolesões no âmbito
educacional: uma pesquisa- intervenção no contexto escolar” e “Violência
de gênero contra a mulher: uma proposta de escuta e intervenção com as
mulheres e com os filhos.”
Email: joaopedroab@edu.unifor.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4467036355480111>

Iasminny Loiola Teixeira

Psicóloga pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio e mestre em psicologia pela Universidade de Fortaleza (Unifor).

Psicóloga clínica, psicanalista e professora universitária. Participa do grupo de pesquisa vinculado à pesquisa intitulada: “Violência de gênero contra a mulher: uma proposta de escuta e intervenção com as mulheres e com os filhos.”

Contato: iasminnyloiolapsi@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0099371854370163>

Elisa Rodrigues Gontijo

Psicóloga e mestranda em psicologia pela Universidade de Fortaleza (Unifor). - Psicóloga clínica e psicanalista. - Participa do Laboratório de Estudos sobre Psicanálise, Cultura e Subjetividade (LAEpCUS).

Contato: elisagontijo@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2783312660139373>

Leonardo José Barreira Danziato

Psicólogo pela Universidade Federal Ceará (UFC), além de mestre e doutor em sociologia, também pela UFC.

Psicólogo, psicanalista, professor universitário e coordenador do Laboratório de

Estudos sobre Psicanálise, Cultura e Subjetividade (LAEpCUS) - Coordena as pesquisas intituladas: “As práticas de autolesões no âmbito educacional: uma pesquisa- intervenção no contexto escolar” e “Violência de gênero contra a mulher: uma proposta de escuta e intervenção com as mulheres e com os filhos.”

Contato: leonardodanziato@unifor.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0173039569237058>

